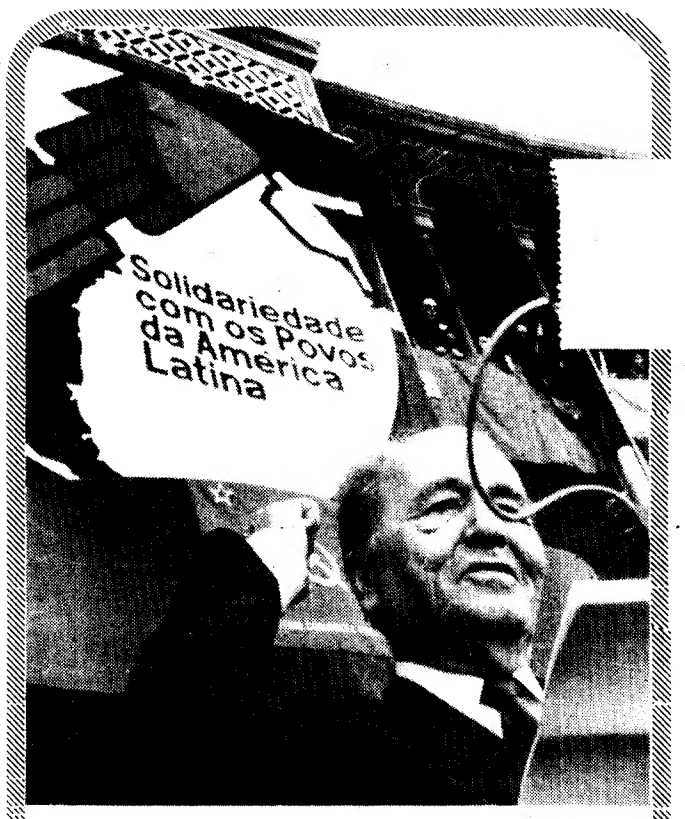
Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º/19 054 4$00

SEGUNDA-FEIRA 17 MAIO 1976



Luís Carlos Prestes no Campo Pequeno

Constituiu impressionante jornada de solidariedade com os povos latino-americanos o comício levado a efeito, sábado passado, no Campo Pequeno. A presença de destacados dirigentes comunistas do Chile, Uruguai e Brasil foi saudada com emoção e entusiasmo por milhares e milhares de antifascistas, que aprovaram uma moção de repúdio pelas ditaduras terroristas daquele continente e pela ingerência imperialista.

Luís Carlos Prestes, o «Cavaleiro da Esperança», secretário-geral do P. C. do Brasil, acarinhado particularmente pela multidão, saudaria as conquistas revolucionárias do povo português e avisaria: «Como comprova a experiência mundial do proletariado, não basta fazer a revolução, é igualmente necessário saber defendê-la.»

(Pág. 16)

Correspondente do "Monde" foi morto em Beirute

BEIRUTE, 17 — (F. P.) — O jornalista Edouard Saab, chefe de redacção do jornal libanês «L'Orient-Le Jour» e correspondente em Beirute do jornal «Le Monde», de Paris, foi atingido mortalmente em Beirute ontem à tarde, quando se preparava para atravessar a linha de demarcação intercomunitária no sector do museu.

Saab, que regressava da zona cristã de Beirute, no seu automóvel, parece ter sido vítima de um atirador solitário. Ferido na cabeça, foi imediatamente levado para o hospital «Barbir», morrendo pouco depois.

Com 47 anos de idade, Saab deixa viúva e três filhos, que se encontram em Paris. Tinha publicado em França duas obras políticas: «La Syrie ou La Revolution dans La Rancoeur» e «Deux Exodes».

NUNO BRAGANÇA:

"O DISCURSO E A REVOLUÇÃO"

(Pág. 3)

GUINÉ-BISSAU:

OS TÚMULOS DO IMPÉRIO E O BERÇO DA LIBERTAÇÃO

(Págs. centrais)

24 PÁGINAS

RELAÇÕES PORTUGAL-ANGOLA EM FRANCA MELHORIA

EMBAIXADA EM LUANDA VAI SER A MAIOR

O Presidente Costa Gomes e o ministro Melo Antunes manifestaram a sua intenção de desenvolverem esforços no sentido de desbloquear as relações entre Portugal e Angola, hoje prejudicadas pela campanha de certos órgãos de Informação e de alguns sectores políticos mais reaccionários, segundo nos afirmaram os membros de uma delegação da comunidade portuguesa em Angola, que se encontra em Lisboa.

A delegação avistar-se-á esta tarde com o ministro da Comunicação Social, dr. Almeida Santos, para lhe manifestar a sua preocupação pela campanha desenvolvida por alguns órgãos de Informação contra a RPA, nomeadamente a cobertura concedida à estadia em Portugal de alguns inimigos do povo angolano, tal como Vaal Neto. A este propósito foi ainda afirmado que as autoridades portuguesas têm conhecimento da presença em Lisboa de alguns criminosos internacionais que combateram o MPLA.

Os membros da delegação relataram-nos também contactos que mantiveram com ex-residentes naquele país (retornados), os quais mostraram grande receptividade em relação à actual situação angolana, nomeadamente quanto a verem-se as dificuldades que possam existir para o seu regresso, que derivam fundamentalmente das más relações existentes entre os dois governos.

De qualquer maneira e apesar das grandes dificuldades para a obtenção de vistos para Angola, os aviões que partem de Lisboa já vão completamente cheios, principalmente com mulheres e crianças, o que é prova bastante da calma que actualmente reina naquele país e das boas relações que se estabeleceram entre as várias comunidades.

Um dos aspectos que nos foi sublinhado foi o facto de não existir, apesar da guerra colonial, nenhuma animosidade para com os portugueses naquele país. Todos os portugueses que lá se encontravam, nomeadamente no aparelho de Estado, lá continuam, sem verem os seus empregos ameaçados.

«As actividades das forças contra-revolucionárias, nomeadamente da UNITA, que têm sido propagandeadas pelos órgãos de Informação portugueses, não existem a não ser na mente dos que as inventam», afirmaram-nos. O não funcionamento do Caminho de Ferro de Benguela, atribuído as actividades da UNITA, deve-se unicamente ao facto de com a 2.ª Guerra de Libertação terem sido destruídas muitas das pontes que fazem parte do seu percurso, cuja reconstrução se torna morosa devida à falta de técnicos que se faz sentir em Angola. «Em Cabinda garantiram-nos, não existe

Continua na pág. 24

Jorge de Brito no banco dos réus

O ex-banqueiro Jorge de Brito e o eng.º Brás de Oliveira, administrador da empresa D.I.G., deverão sentar-se, esta tarde, no banco dos réus do Tribunal da Boa-Hora. Ambos estão visados num volumoso processo que envolve matéria considerada delituosa do ponto de vista económico. Outros dois indivíduos, envolvidos no mesmo processo, serão julgados à revelia. Trata-se dos empregados bancários João Crisóstomo de Morais e Manuel José Aires Leite da Costa.

A defesa dos acusados foi confiada aos advogados Eduardo de Figueiredo, Sousa Tavares, Fernando Calixto, Luís Nunes Ferreira e Marques Martinho.

É de esperar que esta tarde, com o início do julgamento previsto para as 14.30, desfilem pela sala de audiências altas personalidades do sector económico, e de outras actividades financeiras, que se referirão à personalidade de Jorge de Brito.

Do longo despacho de pronúncia (cerca de 20 folhas) afirma-se a certo passo: «(...) Em meados de 1973 desencadeou-se uma acentuada falta de liquidez no B.I.P. motivada, sobretudo, por vultuosas imobilizações a favor do grupo empresarial e dele próprio (Jorge de Brito).

Daí que — salienta o acusador público — o presidente do Conselho de Administração do referido banco procurasse obter no 2.º semestre daquele ano os capitais necessários pa-

Continua na pág. 24

P.C.P. divulga amanhã posição sobre as eleições

Vinte e dois dias decorridos sobre o processo pré-presidenciais iniciado após o termo das eleições legislativas, as diferentes posições começam a definir-se e a situação tende a clarificar-se.

O factor mais relevante neste início de semana, passa pela oficialização da posição do P. C. P., marcada para amanhã.

Está-se, nesta altura, a 11 dias da data limite para a entrega dos processos referentes às várias candidaturas no Supremo Tribunal e, neste momento, contam-se já com duas candidaturas militares certas: a de Ramalho Eanes, publicamente concretizada no final da semana passada, e a de Pinheiro de Azevedo, não formalizada ainda mas já seguramente inevitável. (Ver pág. 2). Para além destas, aparecem ainda mais ligadas a este período pré-eleitoral as figuras de Costa Gomes e Otelo Saraiva de Carvalho.

No que respeita a Otelo Saraiva de Carvalho, acentuam-se as pressões em torno da hipótese da sua candidatura (não excluída pelo próprio), o que corre em paralelo com a questão da sua ilegibilidade, levantada por algumas patentes militares. (Ver pág. 8).

Acompanhando as questões postas pelas candidaturas militares, ganha forma a hipótese de uma candidatura civil que poderá ser adiantada pelo Partido Comunista Português. A posição do P. C. P. será anunciada amanhã, no decurso de uma conferência de Imprensa, pelo seu secretário-geral, Álvaro Cunhal.

Alguns dados, foram todavia adiantados no sábado passado, no decurso do comício de solidariedade com os povos da

Continua na pág. 24

Invocar hoje os Direitos da Criança ou, só amanhã, os Direitos do Homem? De pequenino se torce o destino. Neste caso, um destino retorcido numa viela do Bairro Alto. Um dos «putos» protesta contra a intromissão do Repórter: «Não se meta nisto: há um «full hand» no póquer!»

Nacional

Política de A a Z

A «DIREITA» INOCENTE

Reconheceu o dr. Diogo Freitas do Amaral, em diálogo com Portela Filho que nos foi transmitido pela RTP: «É verdade que nos últimos tempos tem havido um surto. Um surto alarmante, do nosso ponto de vista, da Imprensa reaccionária. Mas isso não é argumento, antes reforça a minha posição. É que, como nós não somos reaccionários, não somos violentos, não somos de direita, também não é nessa Imprensa que temos possibilidades de nos exprimir». E como Portela Filho insistisse perguntando: «Mas, então, por que é que essa Imprensa vos apoia?», o dr. Freitas do Amaral retorquiu candidamente: «Não sei. O problema é deles».

Que «Tempo» e «Rua» o apoiem é esse um problema que transcende o dr. Freitas do Amaral e do qual ele pessoalmente, o C. D. S. colectivamente, estão inocentes. Claro que o C. D. S. não é agora um «partido de oposição» é um «partido candidato ao Governo»; claro que o C. D. S. não foi sempre um «partido de oposição» só assumiu essa postura após o «11 de Março»: claro que a linguagem de Freitas do Amaral ganhou novo tom e novas cores. Mas...Há por aí quem diga que no segundo semestre de 1975, em terras de Espanha e de França, era muito diferente a «conversa» do C. D. S.,. Era então a revolta, o protesto, a moca. A conversão à «ordem democrática» é recente. Recentíssima a decisão de acatar a Constituição que o C. D. S. não votou. Alguma coisa se passou com o C. D. S. Os ventos da Europa trouxeram-lhe uma nova inspiração.

UM CANDIDATO CIVIL

Um leitor recordou-nos que não terá sido o brigadeiro Vasco Lourenço nem o primeiro, nem o único militar, que em declarações públicas, considerou possível que o candidato à Presidência da República fosse um civil. Antes do brigadeiro Vasco Lourenço já a mesma opinião fora defendida pelo general Ramalho Eanes. Com efeito, o Chefe do Estado Maior do Exército, quando visitou o Regimento de Infantaria das Caldas da Rainha, na segunda quinzena de Março, respondendo a uma pergunta afirmou: «Eu pessoalmente, e até porque a Constituição o admite, não veria mal nenhum em que o Presidente da República fosse um civil». É uma opinião. Mas as dificuldades constitucionais de uma tal solução são evidentes. Todavia, são cada dia em maior número os democratas que lamentam que se não tenha procurado uma solução civil. E não falta, igualmente, quem receie — apesar das garantias apaziguadoras que nos têm sido dadas — que as diferentes candidaturas militares tenham consequências quanto à unidade dos vários ramos das Forças Armadas, a coesão dos homens das fileiras e dos membros do Corpo do Estado-Maior, o equilíbrio nos postos-chaves.

Argumenta-se, também, que a designação de um homem muito novo para a suprema magistratura do Estado, coloca problemas quanto à continuidade da sua carreira profissional desde que se trate de um militar. Supreende, entretanto, que estas dúvidas e apreensões só tenham sido expressas em relação a uma candidatura afirmada. No caso da candidatura do general Ramalho Eanes, parece que houve quem a tivesse lançado exploratoriamente, esperançado, intimamente, em que o Partido Socialista teria reservada uma outra iniciativa. Falou-se mesmo de duas hipóteses: uma hipótese militar e outra civil.

ESTABILIDADE E INSTABILIDADE

Para o almirante Pinheiro de Azevedo, segundo declarou à revista americana «Newsweek», as Forças Armadas representarão um papel de garantia da «ordem democrática». São palavras do almirante: «Os militares representarão, essencialmente, a garantia de que a democracia será institucionalizada. Defendê-la-ão contra quaisquer tentativas totalitárias que contra elas sejam feitas, venham donde vierem». Mas o almirante Pinheiro de Azevedo se deposita nas Forças Armadas esta confiança de as considerar garantes da «ordem democrática», deseja que, à medida que se verifique a estabilidade e a institucionalização democrática, o papel interventor das Forças Armadas deverá ser atenuado até conduzir a uma completa «retirada».

Nessa entrevista, o almirante Pinheiro de Azevedo declarou categoricamente que seria candidato à Presidência da República. E acrescentou: «se o dr. Mário Soares e o general Ramalho Eanes se candidatassem ambos à Presidência. Então retirar-me-ia.» Como sucede que o general Ramalho Eanes é oficialmente candidato e o almirante avança para uma campanha presidencial cujos contornos políticos não estão suficientemente definidos, haverá que concluir: para Pinheiro de Azevedo o único factor impeditivo seria a candidatura de Mário Soares. Não é claro se estamos perante uma consideração especial por Mário Soares ou de uma consideração táctica relativa ao Partido Socialista.

UM CANDIDATO FORTE

O almirante Pinheiro de Azevedo, falando à revista «Newsweek», deu da sua candidatura as seguintes justificações: «Em primeiro lugar, porque considero que uma democracia requer mais do que um candidato forte, para que o eleitorado possa fazer uma escolha própria, e significativa. Esse segundo lugar, porque penso que já dei provas suficientes ao Povo Português de que sei como defender os seus interesses. Em terceiro lugar, para eliminar qualquer tentativa de desestabilização que possa ser levada a cabo por forças antidemocráticas, a qual é sempre possível se só existir um candidato forte. Finalmente, é importante não esquecer que a minha longa ficha política constitui também uma garantia de algum peso...» Assim se justifica uma candidatura que não desejaria ser concorrencial em relação à do secretário-geral do P. S., mas que se mantém em face de um candidato militar, funcionalmente importante e pessoalmente rodeado de prestígio. Não será Ramalho Eanes um «candidato forte»? Não será um candidato tão forte como Mário Soares? São para o comum dos mortais obscuros estes argumentos de força de oportunidade e de conjuntura. As eleições aproximam-se. Seria necessário que o Povo visse claro o futuro da democracia em Portugal.

Em entrevista à "Newsweek"

Pinheiro de Azevedo justifica e confirma candidatura à P.R.

Numa entrevista concedida à revista americana «Newsweek» o almirante Pinheiro de Azevedo confirmou que se candidatará à presidência da República e justificou essa tomada de posição no facto de, em seu entender, uma democracia «requerer mais do que um candidato forte, para que o eleitorado possa fazer uma escolha própria e significativa».

Pinheiro de Azevedo salientou ainda como factor justificativo da sua candidatura ter dado já provas suficientes ao povo português de saber defender os seus interesses. Como terceira razão, Pinheiro de Azevedo sustenta a intenção de eliminar «qualquer tentativa de desestabilização que possa ser levada a cabo por forças antidemocráticas, a qual é sempre possível se só existir um candidato forte».

O Primeiro-Ministro sublinhou também: «É importante não esquecer que a minha longa ficha política constitui, também, uma garantia de algum peso para o povo português, e lembra-me também a mim, de forma importante, que devo continuar a dar os meus esforços à estabilização democrática do País. Estes critérios baseiam-se na minha concepção do que deve ser o papel essencial do Presidente da República: um mediador entre forças políticas por um lado, e entre estas e as Forças Armadas por outro.»

. Referindo-se noutra passagem da entrevista à posição dos Estados Unidos e da N. A. T. O. quanto a presença de comunistas nos Governos ocidentais, Pinheiro de Azevedo discordou dela dizendo que era «politicamente muito mau para os Estados Unidos colocarem os comunistas num buraco e fecharem-lhes as portas. Não podemos colocar os comunistas nessa situação — devemos deixar as portas abertas. Quando um homem ou um partido são colocados nessa posição as consequências são inesperadas. É melhor, na minha opinião, discutir e fazer acordos bilaterais do que não falar».

Sobre esta questão Pinheiro de Azevedo disse ainda que na hipótese de haver comunistas participando em Governos que pertencem à N. A. T. O. «terão de haver algumas alterações, mas apenas nos domínios de organização interna e segurança da Informação. «Não me parece, sublinhou, que tenha de haver profundas alterações no que é essencial na concepção e objectivos da N. A. T. O.»

COMUNICADO DO GABINETE DO PRIMEIRO-MINISTRO

Desmentindo falsas notícias que têm vindo a ser divulgadas afirmando o apoio à candidatura do almirante Pinheiro de Azevedo de determinados oficiais da Armada recebemos do Gabinete do Primeiro-Ministro o seguinte comunicado:

. 1. — Têm continuado a ser difundidas em alguns órgãos da Comunicação Social, notícias em que se afirma, ou insinua, que da comissão de apoio à candidatura do almirante Pinheiro de Azevedo fazem parte alguns oficiais da Armada de linha «gonçalvista», nomeadamente os comandantes Martins Guerreiro e Silvano Ribeiro.

2. — Tais notícias carecem de fundamento e ficam mais uma vez formalmente desmentidas.

3. — A orquestração que se começa a fazer sobre o assunto parece assim revelar o intuito de se procurar atingir indirectamente o almirante Pinheiro de Azevedo, e diminuir a popularidade e aceitação que a sua figura de democrata corajoso, íntegro e antitotalitarista continua a ter junto do povo português.

4. — Esclarece-se, portanto, que a candidatura do almirante Pinheiro de Azevedo — se vier a concretizar-se — será rigorosa e verdadeiramente independente e suprapartidária.

5. — O almirante Pinheiro de Azevedo pensa que a promoção de propaganda que vier a ser feita dos vários candidatos à Presidência da República, deve caracterizar-se pela sua isenção, dignidade e elevação e evitarem-se escrupulosamente os ataques pessoais, directos ou indirectos, que em nada podem prestigiar as primeiras eleições livres para a Presidência da República nos últimos cinquenta anos.

Mário Soares ao "Spiegel"

"Devemos governar sozinhos"

«Devemos governar sozinhos porque, de outro modo, o nosso partido desintegrar-se-ia» — afirmou Mário Soares numa entrevista concedida à revista oeste-alemã «Der Spiegel». O secretário-geral do P. S. responde a uma pergunta do jornalista acerca do futuro Governo e das alianças que o seu partido se recusa a fazer, quer à esquerda (com o P. C. P.), quer à direita (com o P. P. D. e o C. D. S.).

Justificando a recusa do P. S. em relação a uma possível aliança com o P. C. P.: «Ninguém em Portugal acredita nas promessas comunistas de respeito pelas regras democráticas» — diz Mário Soares — «Um Governo da chamada maioria de esquerda, uma espécie de frente popular, representaria actualmente um perigo de golpe de direita, situação que seria idêntica à do Chile.» Soares acrescenta que as bases do P. S. «sairiam às mãos-cheias», se o seu partido se aliasse ao P. C. P. ou ao P. P. D. e ao C. D. S. Sobre estes, o secretário-geral do P. S. refere-os como «grupos de direita que muitos socialistas consideram fascistas».

O secretário-geral do P. S. aponta para o que vai ser a «reforma socialista» nos próximos quatro anos: ele «centrará os seus esforços — garante Mário Soares — na recuperação e desenvolvimento de uma economia enfraquecida; não haverá mais nacionalizações e serão dadas todas as garantias à iniciativa privada bem como aos investimentos nacionais e estrangeiros».

Referindo-se ao apoio dado pelo P. S. à candidatura do general Ramalho Eanes à Presidência da República: o P. S. diz Mário Soares — «necessita de uma aliança entre os socialistas e os militares, para estabilizar a nossa ainda jovem democracia mesmo sabendo-se que um socialista ou um civil, apoiado pelos socialistas, poderia talvez atingir, na actual situação, uma maioria nas eleições.»

SOARES EM CARACAS

O secretário-geral do P. S. estará em Caracas entre os dias 22 e 25 do corrente para participar numa reunião de sociais-democratas promovida pelo partido governamental venezuelano Acção Democrática.

Participam nos trabalhos dirigentes sociais-democratas da Europa (Brandt, Kreisky, Jorgensen, Ben Carloson e Felipe Gonzalez, pelo menos) e da América Latina (Alberto Lleras Restrepo, da Colômbia; Victor Hava de La Torre, do Peru; Eric Wiliams, de Tobago; Arrow, do Suriname, e Richard Baldin, da Argentina). É possível ainda a presença de Jimmy Carter, candidato democrático à Presidência dos Estados Unidos da América.

Além de Mário Soares, deve estar presente, também pelo P. S., o actual secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira.

Milhares de pessoas no funeral de Oneto

. Milhares de pessoas incorporaram-se anteontem no funeral de Fernando Oneto enquanto centenas de outras aguardaram a chegada do cortejo, em frente do Cemitério dos Prazeres, a fim de prestarem uma derradeira homenagem ao combatente antifascista vitimado por um ataque cardíaco na noite de quinta para sexta-feira. O cortejo formou-se na Rua da Horta Seca, em frente da Casa da Imprensa, onde o corpo se encontrava em câmara ardente e seguiu daí para o cemitério, descendo a Calçada do Combro e subindo a Rua Domingos Sequeira.

A bandeira nacional, e várias bandeiras do P.S. com listas negras, abriam o cortejo, no qual se integravam os ministros da Comunicação Social e das Finanças, respectivamente Almeida Santos e Salgado Zenha, e o secretário dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira bem como outras personalidades em evidência nos meios políticos e culturais e membros da família do falecido. Incorporaram-se ainda, no cortejo, o governador civil de Lisboa, dr. José Manuel Duarte, o brigadeiro Pezarat Correia, Mário Soares e sua mulher, Tito de Morais, Mário Sottomayor Cardia, Palma Inácio, Fernando Piteira Santos, Francisco Sousa Tavares, e muitos actores, artistas e homens de letras.

Já no cemitério, Mário Soares, visivelmente comovido, não conseguiu dirigir ao seu antigo camarada de combate a saudação de despedida que os presentes aguardavam e foi substituído, nessa triste incumbência, por Manuel Alegre, que afirmou: «Este é o derradeiro adeus dos que com ele lutaram contra a ditadura fascista antes e depois do 25 de Abril. Fernando Oneto foi sempre fiel à liberdade do Povo português».

Quando, no final da sua breve alocução, Manuel Alegre afirmou «Em cada um de nós, Fernando Oneto estará presente», um coro imenso respondeu: «Presente! Presente!»

. Tanto o P.S. como a A.O.C. convidaram os seus militantes a participarem no cortejo fúnebre.

QUADROS A ÓLEO

Assim como mobiliário de estilo, estatuetas, «bibelots» e enorme variedade de peças decorativas, encontrará na

GALERIA ACTUAL

Av. da República, 12 (cruzamento com a Avenida Duque d'Ávila)

MOBÍLIAS USADAS

Por falta de espaço, vendo mobílias desde 7.900$00, c. jantar, quartos, modernas, rústicas, século XVII, roupeiros, estantes, sofás-camas, carpetes, etc. Rua Alves Torgo, 18, cave (ao Chile, defronte Igreja de Arrolos).

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões

post scriptum

A conspiração militar está em marcha

Redigida pelo general G. da C. chegou ao nosso conhecimento uma nota na qual repele qualquer insinuação relativa à sua intenção de se apoderar do Poder. Reconhece, contudo, a existência de uma agitação conspiratória que põe em perigo a consolidação da democracia e o respeito da Constituição. Escreve o general:

«Tenho dois convites para chefiar movimentos; um, de um doutor apresentado pelo Meira; outro, de dois indivíduos apresentados pelo meu ajudante».

Assina: G. da C. Lisboa, 17 de Maio de 1926.

Serviços de assistência aos domingos uma lacuna a preencher e feriados:

Os factos que abaixo passo a referir têm por único objectivo levantar um problema que me parece ser de ordem geral, atendendo à utilidade pública (ainda que aparentemente contraditória) que o automóvel particular passou a ter na sociedade moderna.

No dia 1 de Maio corrente — Dia do Trabalhador e feriado nacional — tive um furo num pneu (acidente banal a que qualquer automobilista está sujeito) no automóvel em que me deslocava com a família e que ao mesmo tempo é um instrumento de trabalho, já que desempenho actualmente funções de médico-visitador nos Serviços da Previdência.

Procurei, já na cidade (na 2.ª cidade do País) desde as 18 às 20 horas uma garagem ou estação de serviço que pudesse reparar o furo referido. Naturalmente que procurei as principais e, das que encontrei abertas (e posso afirmar que procurei entre 20 a 25 estações de serviço ou garagens) não houve uma única que fosse capaz de reparar a avaria referida.

Licenciei-me em Medicina (Universidade do Porto) em 1969 e a partir daí, com carácter sistemático passei a fazer, em média uma vez por semana serviço de urgência no Banco dos hospitais durante 24 horas (Hospital de S. João ou H. de Santo António) com mais ou menos sacrifício de vária ordem, mas sempre com a consciência de que estava a assegurar um serviço de utilidade pública. Aliás muitos são os serviços que têm de funcionar permanentemente em qualquer sociedade devidamente organizada.

Não será já tempo de estabelecer uma escala de serviço das estações de serviço e/ou garagens mais bem apetrechadas (tal como existe para as farmácias, hospitais, etc.) de molde a assegurar a assistência aos automobilistas (aos sábados, domingos, feriados e até durante a noite), pelo menos nas reparações mais simples e frequentes?

Joaquim M. Almeida Ribeiro — Porto

Uma resposta à carta «Onde os caciques levantam a cabeça»

O «DL» facilita o espaço do «Post-scriptum» para dar a palavra aos leitores e eles entre si comunicarem. A finalidade é o diálogo, mas não nos cumpre silenciar o debate e a controvérssia. Apelamos, sim para que qualquer discussão ocorra de modo e em termos que possam interessar a opinião pública e esclarecê-la.

Resposta:

Começa o sr. M.R.H. por afirmar que vivemos em confusão num País ainda não totalmente libertado das garras do fascismo... Efectivamente estou de acordo, embora reconheça que não existe tanta confusão como antes do inesquecível 25 de Novembro, pois, até esta data se tem verificado uma boa dose de estabilização que a todos nós portugueses (aqueles que o são) apraz registar. Estas são as afirmações dos mais qualificados governantes do nosso país. Quanto às garras do fascismo, também concordo que elas efectivamente existem, mas falta saber concretamente se são da esquerda ou da direita, o que o sr. M.R.H. não definiu. Em minha opinião, por exemplo, e segundo ainda as declarações dos actuais governantes que, em parte, já foram democraticamente escolhidos pelo povo (a maioria é PS), existem grandes dificuldades em desalojar os «senhores» (seus) que assaltaram os lugares-chave das grandes empresas (alguns têm 3/4 «tachos»), usando o mesmo sistema antigo que se chama de fascismo. Portanto, aqui tem o sr. M.R.H. um exemplo objectivo do actual fascismo, que me parece servir-lhe perfeitamente, mas que eu repudio da mesma forma como repudiava o outro, até porque ambos são semelhantes. Da mesma forma contesto os caciques da «esquerda» ou «direita», o sr. lá sabe aos quais pertence.

Refiro-me agora ao 2.º parágrafo da sua carta em que afirma: «Num país que se pretende realmente livre, cabe às Forças Armadas garantirem o exercício dessas liberdades... Mais uma vez concordo com as suas palavras, só que as Forças Armadas de qualquer país democrático são (e devem ser) apartidárias e tanto defendem, no nosso caso, os do PC, UDP, etc. como os do PS, CDS, PPD, etc., em suma, defendem e SÓ o Povo, no pleno uso das suas diversas ideologias. Isto era o que não fazia, também conforme afirmam os homens da nossa governação, a 5.ª Divisão de tão triste memória, mas que o sr. M.R.H. ainda teima em elogiar! Grande democrata. Quanto aos padres reaccionários, como sabe não sou padre, mas sei que o povo não tem a sua opinião. Sobre o povo menos esclarecido, perante as suas afirmações tão desactualizadas e antidemocráticas, como atrás comprovo, sou forçado a concluir que pertence «por direito» a esse tipo de povo. O sr. é que sabe, mas lá diz o velho ditado «quem não quer ser lobo não lhe veste a pele». Sobre o jornal, realmente, ele surgiu nos Montes da Senhora, formado por um grupo que apenas identificava uma ideologia (a deles), isto é, no verdadeiro estilo do antigamente, só que agora ao contrário. Porque o povo não quis (e não quer) voltar ao sistema antigo e ainda porque tal orientação

Continua na pág. 4

O discurso e a revolução

Nuno Bragança

1. No documento de trabalho subordinado ao título «A Informação e a Cultura na Transição para o Socialismo» é proposto um tema em torno da noção «Condições linguísticas para assegurar a produção e a recepção do discurso político». A aridez desta formulação poderá levar o militante a encolher uns ombros fartos de requintes intelectuais. No entanto, ela permite uma abordagem válida do que talvez seja o principal problema que hoje defrontam as nações: será possível uma transformação revolucionária das relações de produção numa sociedade em que não se deixe de respeitar os direitos fundamentais do homem? Ou, por outras palavras: será possível efectuar essa transformação revo ucionária por adesão, não apenas expressa mas prática, da maioria dos cidadãos de uma nação?

Não se pretende fornecer aqui uma resposta que a sociedade humana ainda não inscreveu na sua experiência. Pretende-se, sim, sugerir uma direcção que aponte para essa pergunta sem esquecer as realidades práticas do quotidiano onde se tece a História. E, por isso mesmo, começaremos por ter em conta um dos principais problemas que todo o militante revolucionário tem de resolver, e que é este: como é que uma pessoa, de dado meio e formação cultural, consegue fazer-se entender por outras, de meio e formação cultural diferentes? E mais: como é que esse «fazer-se entender» contém força persuasória suficiente para levar os seus interlocutores a praticarem actos revolucionários que ponham em causa as regras vigentes no seu meio, e no enquadramento das quais esses mesmos interlocutores atingiram o es ado adulto?

2. Parece-nos que cabe recordar imediatamente algumas noções elementares a ter em conta por quem pretenda comunicar com outrém. A primeira é a de que toda a comunidade caracteriza-se por uma cultura, a qual se manifesta nos comportamentos dos seus membros, nas diversas formas em que se traduz a vida social. A segunda é a de que o **cultural** é também **normativo**, e nele se manifestam e são assumidas as normas pelas quais se regem as comunidades. Finalmente, a terceira: toda a cultura é uma verdadeira língua, e possui uma lógica interna que só é discernível por quem lhe decifrar o código.

3. Podemos adiantar uma primeira afirmação: **o produtor do discurso político revolucionário destinado a uma dada comunidade deve saber exprimir a sua proposta nos próprios termos dessa comunidade**. A observância deste princípio é tanto mais necessária quanto mais subdesenvolvida for a comunidade cuja politização revolucionária se pretenda efectuar. Em ais circunstâncias culturais, a tomada de consciência de classe dos membros de uma comunidade só pode ter lugar posteriormente a uma outra, primeira, tomada de consciência pelos referidos membros: a de que pertencem a uma comunidade desfavorecida pelos centros do Poder; que é possível transformar qualitativamente as condições de vida se forem alteradas certas normas relativas à propriedade e administração dos meios de produção; mas que essa alteração nunca se verificará de cima para baixo, ou seja, enquanto reinar a passividade de quem aguarda melhoramentos graciosamente concedidos pelos centros do Poder. E não é fácil levar uma comunidade subdesenvolvida à descoberta de que a libertação dos seus membros face às tutelas ancestrais pode e deve ser arrancada aos ancestrais «senhores».

4. Contudo, e sempre numa perspectiva revolucionária, a produção do discurso revolucionário não tem em vista apenas a sua intelecção, dado que o seu objectivo é suscitar uma práfica revolucionária destinada a alterar radicalmente as normas sociopolítico-económicas vigentes. Essa prática compete aos membros da comunidade à qual o discurso revolucionário é dirigido. Tal facto permite uma segunda afirmação: **a recepção, por uma dada comunidade, do discurso revolucionário a ela dirigido só tem efectivamente lugar quando, nessa comunidade, se desencadeiam actos que resultam da tradução desse discurso nos termos da cultura dessa comunidade, e destinados a substituir a estrutura normativa vigente por outra estrutura normativa**.

5. Das duas afirmações anteriores podemos saltar para uma terceira afirmação: **a recepção do discurso político por uma dada comunidade só pode ter lugar através de indivíduos não apenas provenientes dessa comunidade mas também satisfatoriamente inseridos nela**. Este último aspecto merece alguma atenção.

Se o agente do discurso recebido deve pertencer ao meio cultural, cuja estrutura normativa se pretende alterar — ou seja: se o agente revolucionário é necessariamente agente de uma revolução cultural — , a sua qualidade não depende apenas de uma adesão mais ou menos entusiástica à nova estrutura que o discurso revolucionário lhe propõe: ele deve ser capaz de traduzir esse discurso na língua da comunidade a que pertence. Já vimos que esta tradução não é senarável de uma prática que apresente à comunidade aquelas propostas que melhor lhe façam vir a compreender as outras, mais globais, de um discurso que se propõe servir a revolução adentro da luta de classes e numa perspectiva nacional e internacional. Semelhante competência exige, do agente, que ele seja simultaneamente capaz de não cortar com o seu meio cultural — a todo e qualquer nivel da linguagem — e de compreender as complexidades inerentes à luta de classes numa perspectiva ampla. Quando acima se afirmou que o agente deve estar satisfatoriamente inserido na sua comunidade não se pôs a hipótese de ele ser impermeável aos ditos e feitos que lhe mostrarão a sua alienação, o que seria um contra-senso, mas outrossim fazer uma alerta ao perigo que representam para a revolução aqueles indivíduos que aderem a ela, não em função de uma verdadeira tomada de consciência revolucionária, mas unicamente porque vêem, na sua adesão a uma actividade política comandada por centros de certo poder, uma forma de súbita promoção no seio da sua comunidade, e também uma oportunidade de desforra relativamente à pouca conta em que os seus conterrâneos os tinham. São conhecidos de sobejo os resultados nefastos produzidos por «revolucionários» que não pretendem mais do que macaquear o comportamento dos caciques burgueses e até fascistas. Todo o movimento revolucionário tem que se acautelar face a semelhante risco, que se agrava extraordinariamente quando se tratar de organizações fortemente centralizadas.

Por outro lado, a inserção do agente potencial no seio da sua comunidade implica que ele tenha adquirido competência pela sua actividade nas elações de produção. Ora, o operário de um centro fabril e o pequeno agricultor ou o jornaleiro que sonham com **terra** têm alienações diferentes, sendo, como é sabido, a do operário a mais fácil de consciencializar. Daqui decorre a maior dificuldade de recepção que o discurso revolucionário encontra nos meios campesinos. Mas nos países subdesenvolvidos a população campesina e maioritária. Será então possível, em tais países, alterar radicalmente as relações de produção com o consenso da maioria? Ou será que em 1976 se deve considerar utópico o esforço revoluccionário no sentido de obter uma base de apoio de suficiente amplitude para permitir a tomada de um rumo verdadeiramente socialista sem se recorrer à ditadura de uma minoria que atribui a si mesma o título de única entidade defendendo os interesses da classe trabalhadora?

6. Ainda há quem faça a apologia do parlamentarismo burguês como única alternativa a

Continua na pág. 4

RUMOR NO CAIRO

Melhoram as relações com Moscovo?

J.-P. Péroncel-Hugoz

CAIRO — Corre um rumor no Cairo: **Começa a haver uma acalmia nas relações com Moscovo**. Não se tratará, como de outras vezes, de um descanso nas polémicas de Imprensa, antes de a querela recomeçar com mais força? **Não**, respondem os meios públicos, **porque desta vez a acalmia já repousa em certo número de factos tangíveis**.

Na semana passada, Zakaria Tewfik, ministro egípcio do Comércio, depois de algumas partidas que não se realizaram, dirigiu-se finalmente a Moscovo, onde, **numa atomosfera cordial**, assinou o protocolo de acordo comercial que fixa os câmbios bilaterais de 1976, num montante comparável ao do ano passado, isto é, uns dois biliões de francos. Mas o importante é que nessa altura a espinhosa questão da divida egípcia com a União Soviética, que, em princípio devia ser examinada, teria sido posta de parte, por iniciativa de Moscovo.

Notou-se o mesmo numa mensagem dirigida dias depois pelo chefe da diplomacia soviética, Gromyko, ao seu colega egípto, Fahmi. Anteriormente, tinha sido desmedida, de fonte soviética, a expulsão do Egipto de técnicos russos, e confirmada a continuação da cooperação técnica e económica bilateral. Entretanto, a morte do marechal Gretchko permitiu ao País um «gesto» ao enviar ao funeral do ministro soviético da Defesa, o general Gamassi, vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa.

Como tivesse melhorado o clima psicológico, execrável desde a revogação pelo Cairo, no passado mês de Maio, do tratado de cooperação com a União Soviética, o Cairo e Moscovo puderam encontrar-se em pontos de acordo importantes, como a necessidade de reunir **o mais depressa possível** a conferência de Genève — uma primeira sessão da qual poderia ser consagrada aos problemas de organização, desejadas pelas últimas declarações do Kremlin, e de fazer com que os palestinianos participassem nela. A semana passada Vladimir Poliakov, embaixador da União Soviética no Cairo, teve conversas com Fahmi, e, depois, com o general Gamassi. Alguns oficiais egípcios lembraram a possibilidade da manutenção de uma certa forma de colaboração com o exército vermelho, no domínio técnico.

Responsáveis egípcios afirmam: **já que queremos praticar uma diplomacia equilibrada, não há razão nenhuma para que as nossas relações com Moscovo não se restabeleçam logo que seja denunciado o tratado de 1972, último vestígio das relações desiguais que tivemos com os russos**. As mesmas fontes indicam que o **desenvolvimento fulgurante** da cooperação com Pequim, marcada pela recente visita do general Moubarak, vice-presidente egípcio, ao presidente Mao Tse-tung, foi um elemento **decisivo para o recomeço da actividade económica**, que se esboça com o Kremlin, visto este não ter querido deixar o campo totalmente livre aos chineses no vale do Nilo.

Outro elemento teria surgido: uma certa **reconsideração** da situação no Próximo Oriente da parte dos soviéticos, teria levado estes últimos a pensar de novo que nada de sério, mesmo sectorialmente, pode ser tentado na região, sem a participação ou, pelo menos, o acordo, do Cairo. A política da Síria, cada vez mais independente e até, aos olhos de certos observadores, cada vez mais pró-ocidental, teria facilitado aquilo a que alguns já chamam, talvez demasidado precipitadamente, uma **nova centragem** da diplomacia soviética no Próximo Oriente. Pelo menos trata-se de uma paragem, na degradação das relações egicio-soviéticas.

Como a tendência era de «abertura», há quem já imagine no Cairo que a «aproximação» com Moscovo será seguida de uma reconciliação com Damasco.

A Organização de Libertação da Palestina deu, por seu lado, um passo na direcção do Cairo. O enviado de Arafat, Hassi Khaled, conversou longamente com Fahmi. Em face de uma eventual união siro-jordaniana, o Egipto decidiu colocar-se no lugar de «protector» dos palestinianos.

© «Le Monde»

Nacional

post-scriptum

Continuação da pág. 3

informativa logo contribuíu para o puro sectarismo que parece tão do seu agrado (dividir para se impor), o povo, que sempre foi tão unido, não aceitou o (seu/vosso) jornal. Daí surgiu a bronca. Entendeu bem sr. M.R.H.? Como prova do que afirmo, basta ver a afluência actual das pessoas ao «Grupo de Amigos de Montes da Senhora», comparado com o que se verificava ainda há alguns meses. Os factos é que demonstram a verdade. Correcto sr. M.R.H.

No que respeita à situação actual, se determinados senhores vêm à televisão falar de «liberdade» e se as eleições foram livres ou não, aconselho-o a escrever ao nosso actual Presidente da República, que na qualidade do mais alto mandatário do País, foi peremptório em afirmar o seu regozijo pela forma como o acto eleitoral decorreu em todo o País. Idênticas afirmações foram agora feitas no Conselho da Europa e por muitas outras individualidades que se encontram à frente dos nossos destinos. Todos foram unânimes em idênticas afirmações aos meios de Comunicação Social. Só você, bem como uma minoria, é que não estão de acordo. Mas porquê? É bem de ver, quem perde (e não sabe perder democraticamente), só à base duma demagogia totalitária, como o sr. faz, pretende provar o contrário do que foi provado por um povo inteiro (para o sr. pouco esclarecido). As eleições sempre foram o terror dos ditadores. Na Rússia e seus satélites elas não existem.

No que respeita ao facto de nos Montes da Senhora o presidente da Junta ter sido ou não (desconheço) membro da ANOP, devo dizer-lhe que também altas figuras governantes do nosso País foram membros e colaboraram de uma maneira ou de outra em organizações fundadas por Salazar e seguidas por Caetano. Por exemplo, Otelo foi instrutor da LP e estratego da guerra colonial e não é por isso que eu o condeno. Compreende sr. MRH. Se «um tal Barroca» (suas palavras) foi agente da PIDE e paga quando lhe apetece aos «velhotes», devo informá-lo que desconheço, pois eu nunca fui da PIDE e também não recebo abono de «velhote». Mas ele, suponho, lhe pedirá as provas do que afirma.

Agora passo a referir-me ao que pessoalmente me toca. Confirmo que sou do CDS. Suponho que isso não é pecado. Pecado seria ser um pulha, um anarquista, um malandro (tenho calos nas mãos), um caluniador tal como o sr. é ao afirmar que o povo (você) diz que sou doELP. Repare que estas afirmações sobre você serão sempre válidas, enquanto não provar o que de maneira tão suja pretende insinuar sobre minha pessoa. Sobre o meu dinheiro, digo-lhe que o povo não mo contou, pois o sr. muito maquiavelicamente, fala em nome do povo. Terá alguma procuração do povo a que pertenço, uma vez demonstrando as suas reais qualidades de grande covarde, não se arrisca a falar em seu nome? Pois eu falo no meu próprio nome. Pois se como o sr. usasse a mesma demagogia (tão porca) de falar em nome do povo, poderia dizer, por exemplo, que você é um assaltante, um explorador, um escroque, etc. Não acha sr. MRH? Mas esse povo que me conhece, sabe bem quantos poços abri em pdra dura à custa de martelada em martelada com o suor (meu, não o seu) a cair em cima do pistolo, quantas sacas de azeitona apanhei para aqueles que me contratavam, quantos anos seguidos fiz a safra da ceifa no Alentejo (não à sombra de uma azinheira) debaixo do calor escaldante que você desconhece e nunca sentiu na própria carne, quantas sacas de carvão fabriquei e carreguei às costas por vales e riachos, debaixo de chuva e neve, quanta pedra parti que hoje não se vê, só porque serve de base ao lindo asfalto das estradas da nossa região, mas que tem a marca sagrada do meu suor e de meu falecido pai. Você que ofende, mentirosamente, esse «que não é um retornado qualquer», mas que lhe atira à cara tudo o que acima afirmo, você não é digno de pisar essas estradas, nem de beber a água de Montes da Senhora, que muito orgulhosamente o afirmo, tem a marca do meu sangue. É este o tal retornado que chegou à terra e continua a trabalhar de sol a sol, que investe na sua terra o que poderia fazer noutro local muito mais aprazível, que continua com as mãos calejadas (peça-me para lhas mostrar). Quer mais sr. MRH ou acha que já chega? Gostaria bem que o sr. assim pudesse falar.

Quanto ao ser «traficante de diamentes» — continua o sr. MRH a dizer que é o povo que diz — quero esclarecê-lo que só tenho pena que todos os retornados (refugiados) não o tenham sido, isto para bem deles e de Portugal. Se assim fosse, talvez que os refugiados não fossem hoje a vergonha internacional do meu País (não o seu) e um dos principais problemas que se nos deparam ao nível nacional. Isto é o que dizem as pessoas de bom senso e sentido das responsabilidades governativas. Além do que, o sr. desconhece, o termo «traficante» está maldosamente aplicado, pois trata-se de negócio autorizado por lei. Se o sr os tiver não corre qualquer risco e pode ir vendê-los perfeitamente tranquilo. Como vê, prefiro ser «traficante de diamantes» (no seu entender) do que ser traficante de mentiras e calúnias.

No que diz respeito ao subsídio do IARN — desta vez é sua a afirmação — convido-o cavalheirescamente a prová-lo. Se o não fizer no prazo máximo de 15 dias, fica provado mais uma vez, que o sr. não passa de um autêntico e DESCARADO MENTIROSO.

Isto é tudo «para quem queira ver de que lado está a liberdade» (suas palavras) e a VERDADE (esta é minha).

José Ribeiro Mendes (Zé Barata) — MONTES DA SENHORA

O discurso e a revolução

Continuação da pág. 3

um «socialismo» obtido por golpe mais ou menos blanquista que coloque o Poder nas mãos da minoria activa que o vibrou. Ou seja: defende-se assim a tese de que há que optar entre a democracia clássica ou a ditadura de uma «vanguarda esclarecida».

Semelhante dicotomia assenta em bases falsas.

Em primeiro lugar, a democracia parlamentar clássica é uma instituição destinada a assegurar o funcionamento de uma sociedade organizada em moldes capitalistas e de preservar as suas instituições. Seria de facto assaz estranho que a sabedoria secular do capital — alimentada por uma vasta experiência de luta vitoriosa contra a revolução socialista — começasse a abrir portas destinadas a permitir a invasão do inimigo. Porque, recordemo-lo, o que opõe **revolução socialista** a **reforma socializante** é o facto de a primeira ter por objectivo uma alteração da sociedade em termos qualitativos, e não meramente quantitativos. Todas as medidas que o parlamentarismo burguês deixar filtrar nunca conduzirão a uma modificação da sociedade em termos tais que toda a estrutura dela se altere, dando lugar a uma nova forma de sociedade. A linguagem feliz de Rosa Luxemburgo apontou o erro dos que vêem na reforma uma revolução estirada no tempo, e na revolução uma reforma condensada. E isto exactamente porque uma revolução social e uma reforma «socializante» não se distinguem entre si pela duração, mas pela essência.

Há contudo uma segunda razão para recusar a dicotomia, parlamentarismo clássico — ditadura de esquerda. É que o parlamentarismo clássico está pura e simplesmente em vias de extinção. O mundo capitalista entrou numa profunda crise, e mesmo os **leaders** burgueses optimistas que a consideram crise de crescimento reconhecem, e na prática, a necessidade cada vez maior de um forte controlo estatal, com a consequente repressão. As batalhas de rua entre «forças da ordem» e manifestantes, imagem corriqueira nos grandes centros urbanos, são apenas uma demonstração espectacular das progressivas rupturas que se estão dando no tecido socioeconómico das nações ocidentais mais industrializadas. Não nos parece exagerado prever, face à crise em que essas nações entraram, um aumento cada vez mais acelerado de intervenção estatal, com a consequente redução de liberdades. O mundo capitalista afasta-se cada vez mais das mansidões liberais, e não voltará a elas.

Com isto não se pretende recusar o papel que ainda poderá desempenhar uma estrutura democrática assente no sufrágio universal; mas entendemos que o rumo socialista não poderá ser tomado sem uma forte intervenção por parte de instituições de poder popular. É cabe aqui uma quarta afirmação: **o discurso revolucionário pode e deve ser produzido tanto pelas cúpulas dirigentes e doutrinadoras como pelas bases populares institucionalizadas**. Essas organizações de poder popular podem e devem ser regidas por regras efectivamente democráticas, que começam pelo sigilo de voto. Será exactamente pela democratização de tais estruturas que se assegurará às mesmas uma defesa, colectivamente aceite, contra pressões e tentativas golpistas de tomada de Poder ou de manipulação.

A livre discussão do discurso revolucionário produzido pelas cúpulas, e que se pode designar por **primeiro discurso**, irá provocar uma prática, a nível das bases. A reflexão, feita por estas, face à sua experiência origina aquilo que se pode designar por **segundo discurso**, e que se destina às cúpulas. A recepção deste discurso permitirá às cúpulas a produção do que poderemos designar por **terceiro discurso**, e que consiste na reformulação do primeiro em função dos ensinamentos colhidos pela prática das bases e consequente reflexão por estas. Assim se desencadeia um processo de ida e volta entre cúpulas e bases, num movimento paralelo ao da ida e volta entre reflexão e prática revolucionárias. Só assim os órgãos condutores da revolução poderão agir constantemente apoiados em toda a experiência que for suscitando a prática, pelas várias comunidades de uma nação, nos termos das respectivas culturas.

7. Mau grado a enorme importância da revolução chinesa — entre outros motivos, pelo facto de ter apostado no campesinato, considerado a classe revolucionária dos países subdesenvolvidos —, a revolução soviética continuará a marcar o ocidente, nomeadamente a Europa.

É conhecido o papel desempenhado pelas assembleias de poder popular, ditas sovietes, na Revolução de Outubro. E é sempre útil recordar como tais instituições de base tiveram, no início, um carácter eminentemente popular e democrático. Como é sabido essa instituição, que brotou espontaneamente na greve geral de 1905, começou as suas relações com os movimentos políticos pelos mencheviștas, sobretudo graças à personalidade de Trotsky. Mas não tardou que a palavra de ordem bolchevista «todo o poder aos sovietes» consumasse a identificação de tais órgãos com o bolchevismo, que explicava essa palavra de ordem em linguagem desta: **Aos eleitos directos dos milhões de trabalhadores, de soldados, de marinheiros, de camponeses: terra, pão. Fim à guerra inútil, à diplomacia secreta, à especulação e à traição. A revolução é a causa comum de todos os povos.** A Imprensa bolchevista era de teor intensamente vivo, e acessível aos milhares de homens e mulheres subidos das catacumbas da miséria aos locais de reunião onde, pela primeira inesquecível vez, as suas vozes eram ouvidas e os seus votos contavam para o estabelecimento de uma nova sociedade. Nessas assembleias, os desertores iriam operar a sua transformação em guardas vermelhos **defensores da ordem revolucionária** — expressão utilizada num grande comício de soldados em 3 de Novembro de 1917. E foi o constante contacto com esse movimento de incessante prática-reflexão-prática populares que permitiu aos dirigentes em actividade ininterrupta no Instituto Smolny uma constante sintonia com o espantoso movimento de massas que se concentrava em Petrogrado. Isto fez com que um autor escrevesse: «O povo russo estava... submetido a uma das maiores pressões democráticas da História». E é desta pressão que jorra, como uma flecha, Lenine, subindo à tribuna do Congresso Pan-Russo dos Sovietes; Lenine aguardando que se acalme a trovoada de aplausos populares para anunciar tranquilamente: **Passamos agora à edificação da ordem socialista.**

8. Não tardou que Lenine e Trotsky arrancassem aos bolchevistas — com algum esforço — sucessivas deliberações que rapidamente iriam submeter o povo russo a uma coacção ditatorial que dura ainda. Os portugueses — por paradoxal que possa ser — estão bem colocados para compreenderem as enorme dificuldades que apresentava o controlo revolucionário da Rússia, e isto porque em Portugal, numa exígua área nacional, existe grande variedade cultural oriunda em numerosas e acentuadas diferenciações regionais e locais (a título exemplificativo: o sociólogo desprevenido encontrará estranhas surpresas se for examinar as diferenciações que existem nos arredores de Lisboa — no concelho de Sintra, por exemplo). Talvez por isso muitos militantes portugueses sentirão impaciências centralizadas ao deparar com o atraso de vida que se verifica em vastas camadas da nossa população. Impaciência que subsiste, apesar de uma experiência bem recente ter mostrado que tentativas extemporâneas, apressadas como antigos missionários baptizando, levam a direita a recorrer à sua conhecida competência para resolver problemas inerentes ao discurso político, mediante «autoridades» tradutoras implantadas na estrutura de numerosas comunidades portuguesas. E, se considerarmos as lentidões inevitáveis num processo disposto a pagar tal preço e assumir tal risco a fim de evitar os males assassinos que caracterizam toda e qualquer forma de ditadura, erguer-se-á ainda e durante largo tempo a exclamação de Lenine: **Se o socialismo só pudesse realizar-se quando todos tivessem atingido a maturidade a ele correspondente, não veríamos aparecer o socialismo antes de talvez quinhentos anos.**

Mas face a esta exclamação e aos resultados práticos que dela têm decorrido, cabe cada vez mais fazer estas perguntas: **acaso o socialismo já se realizou e o comunismo está dando os seus primeiros sinais de vida? Se sim, onde e como?**

Lisboa, 26 de Abril de 1976

Comunicação feita para o colóquio de Intervenção Socialista sobre «A Transição para o Socialismo».

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

C. C. T. Ramo Automóvel

(Importadores e vendedores de Automóveis e Acessórios)

AOS DELEGADOS SINDICAIS DESTE SECTOR

Informam-se todos os colegas, que se encontra no nosso Sindicato (sala de Apoio a Delegados Sindicais), a convocatória para o Plenário Geral de Trabalhadores do Sector, a realizar dia 18/5/76.

Assim, devem dirigir-se ao nosso Sindicato dia 17/5/76, 2.ª Feira, a fim de levarem a referida convocatória para distribuição da mesma na vossa empresa aos restantes colegas.

EM FRENTE PELO C. C. T.
CONTRA AS MANOBRAS DO PATRONATO

Lisboa, 14 de Maio de 1976

A DIRECÇÃO

Sindicato dos Engenheiros Técnicos do Sul

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os colegas abrangidos pelo CCTV Fabricantes de Material Eléctrico, para uma reunião a realizar no dia 18 de Maio, pelas 21.00 horas, no SETS, R. Jardim do Regedor, 37-2.º, Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

Continuação da discussão das propostas de clausulado para o CCTV Fabricantes Material Eléctrico.

A DIRECÇÃO

OBRIGAÇÕES DO TESOURO 1976

Dinheiro que vale trabalho

Dinheiro que vale mais dinheiro para si, é dinheiro que valoriza o País.
Compre, por isso, Obrigações do Tesouro.
Por cada Obrigação de 1.000$00, o Estado pagará um juro de 10 a 15%. Livre de impostos.
E fará a amortização no prazo mínimo de 3 anos e máximo de 8.
Além disso quem comprar 5 Obrigações de 1.000$00 pode adquirir uma Obrigação-Ouro de 500$00.
Rende 6% e o reembolso será feito ao preço do ouro.
Para si, Obrigações do Tesouro, é dinheiro que ganha valor. Dinheiro que cresce seguro.

Para o País, é dinheiro que constrói o futuro.
É dinheiro que vale trabalho. É dinheiro que vale riqueza para todos.
É dinheiro que financiará projectos de desenvolvimento.
Na Habitação, na Agricultura, na Saúde, na Indústria e Energia, nos Transportes e Comunicações, nas Pescas.
É dinheiro que vai criar mais emprego. Novos postos de trabalho.
A partir de 10 de Maio e até 30 de Junho, dirija-se ao balcão de qualquer instituição de crédito.
E compre Obrigações do Tesouro.

constrói o futuro

OBRIGAÇÕES DO TESOURO 1976

Juros das obrigações do tesouro

	1°ANO	2°ANO	3°ANO	4°ANO	5°ANO	6°ANO	7°ANO	8°ANO
OBRIGAÇÕES DE 1000$00	10%	10%	11%	11%	12%	13%	14%	15%
OBRIGAÇÕES-OURO DE 500$00	6%	6%	6%	6%	6%	—	—	—

Nacional

Valiam por milhares

Dias de Melo

Decorria então a campanha eleitoral.

Na tarde de céu de chumbo, friorenta e húmida — tão de chumbo, tão friorenta, tão húmida que nem se diria de Primavera — os jovens chegaram de automóvel, desceram, encaminharam-se para o grande muro a oeste da praça.

Uns empunhavam bandeiras do seu partido, o MRPP, outros navalhas, canivetes, raspadeiras.

Os que traziam aqueles instrumentos, logo se puseram a rasgar, esfanicar, raspar cartazes do PS, ali colados no grande muro. Os outros mantinham bem alto, erguidas por cima das cabeças de todos, as suas bandeiras rubras.

A princípio, tudo decorrendo serenamente. As pessoas passavam no passeio, passavam os automobilistas em seus automóveis na faixa de rodagem. Olhavam, reparavam, viam — ou nem olhavam, nem reparavam, nem viam — e seguiam seu caminho. Se acaso os automobilistas se detinham, não era senão por obediência aos sinais de trânsito na encruzilhada perigosa.

Não tardou, porém, que as coisas mudassem. As pessoas atinaram com o que se passava. E logo se desencadeou o burburinho. Que não havia direito; que aquela área daquele muro fora, pela Junta de Freguesia, desinada aos cartazes do PS; que a outra, depois do canto, é que coubera ao MRPP; que vissem: que o PS não tocara nem num naco de área mural dos outros; que não lhes arrancara nem uma unha dos seus cartazes...

E identificaram-se os filiados, ou simples simpatizantes do PS. Muitos. Dezenas. Centenas. Emblemas na lapela, no peito. Homens. Mulheres. Crianças.

Os protestos recrudescem. A indignação alastra. Os ânimos aquecem.

No ar húmido e frio da tarde cinzenta, baralham-se palavras, sons indistintos, frases irritadas:

— Isto não pode ser!

— Respeito!...

— Falta de respeito!...

— Eu sou comunista, mas!...

— ... o PS tem razão!

— Pois!...

— O PS é grande!

— É grande e é forte!

— Com burgueses metidos lá dentro!

— Burgueses e fascista!

— Do que isto precisa sei eu!

— É duma ditadura para...

— ... meter toda esta gente na ordem!

— O PS é como o Benfica! Ninguém no vence!

— E esses fedelhos...

— ... não prestam pra nada!

— Ainda um dia destes foram uns tantos atirados ao Tejo!

— Morreram três!

— Haviam era de ter morrido todos!

Uma quarentona, de estatura mediana e nédias carnes ainda muito apetecíveis, arranca da malinha preta um galhardetezinho vermelho do PS, ergue-o, numa das mãos, a outra de punho bem fechado na ponta do braço ao alto, berra a todos os pulmões:

— Esta é a bandeira da verdade! Esta é a bandeira da vitória! PS! PS! PS! Partido só há um, o PS e mais nenhum! PS! PS! PS!

Um homem de meia idade, operário com certeza, safa uma das bandeiras do MRPP das mãos que a sustinham e, passeando-a, gloriosa, pelo meio da multidão:

— MRPP! MRPP! MRPP! Abaixo o social-fascismo! MRPP!

E os outros secundavam:

— Abaixo o social-fascismo! MRPP! MRPP!

Fogo começando a chegar ao ponto de explosão.

Formam-se grupos. Ali, um MRPP, magro, alto, rosto comprido muito brando, testa larga, olhos inteligentes, leva a efeito, serenamente no meio dos prelúdios de borrasca, uma autêntica sessão de esclarecimento:

— A classe operária... Os camponeses... Quem é que sempre se tem oposto aos imperialismos russo e americano?...

(Muito se preocupa esta gente de mãos que nunca foram calejadas — toda esta gente de todos os quadrantes políticos — com os operários e os camponeses, que conhecem **profundamente** por meio de meia dúzia de larachas trocadas com dois ou três deles com intenções mais ou menos reservadas...)

Além, outro MRPP, baixote, encorporado, não mais de vinte, vinte e dois anos, olho direito espertalhão meio fechado por trás do fumo do cigarro, desfraldada a girândola dos êxitos do seu partido:

— Ainda um dia destes, em Angra do Heroísmo, nos Açores, tivemos mais de duas mil pessoas num comício nosso, enquanto o CDS, no que levava a efeito outro naquela cidade, no mesmo dia e à mesma hora, não conseguia ter mais que uns quinhentos dos ricaços de lá!

Os arrancadores e raspadores de cartazes prosseguem, imperturbáveis, a sua missão, como se nada daquilo lhes dissesse respeito. Safam os cartazes do PS, raspam os restos de papel que ficam, começam já a lavar com água e sabão... E no muro, cada vez mais limpo, vão surgindo os contronos e as cores de um painel: homens empunhando espingardas, avançando envoltos na bandeira rubra do MRPP...

— Não queremos roubar muros ao PS — argumentam eles — mas também não queremos que nos roubem o que é nosso! Este painel pertence-nos! Fomos nós que o pintámos! Já aqui estava, quando a Junta de Freguesia veio com a sua determinação!

Os do PS não querem saber. O painel fora pintado muito antes da campanha eleitoral deste ano. Perdera oportunidade. A Junta mandava. Aquele muro.

— É nosso! É nosso! PS! PS! PS! Partido só há um, o PS e mais nenhum! PS! PS! PS!

Fui-me afastando. A explosão não podia tardar. E eu, cá comigo, não quero barulhos.

Entretanto, chamada não sei por quem, chegou a Polícia.

Palavrinha de um lado, palavrinha do outro, e, na tarde de céu de chumbo, friorenta, húmida — tão friorenta, tão húmida, tão de céu de chumbo que nem parecia de Primavera — lá se foram os do MRPP, clamando:

— MRPP! MRPP! Abaixo o social-fascismo! MRPP! MRPP!

Eram poucos. A clamar, valiam por milhares.

Em BUARCOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA SATELITE

RESTAURANTE

(BAIXA)

ALUGA-SE

FRENTE AO TEATRO D. MARIA I — ÁREA 800m2

— Largo D. João da Câmara —

Mostra e Informa a Secção de Informações da C.P. — Rossio

Pesquisas e Captações de águas Furos Artesianos

Celestino Caetano & Filhos, Lda.
Alvarinhos — Sintra — Tel. 248 04 52
Vilaverde — Tel. 248 02 11

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/56369, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Tocha, concelho de Cantanhede, de uma linha mista a 15 kV, com 144 metros, sendo 40 metros de parte subterrânea e parte aérea com 104 metros, do apoio n.º 6 da linha para o Posto de Transformação da Tocha da Electromecânica de Cantanhede, Lda., ao Posto de Transformação Tocha-Federação dos Grémios da Lavoura da Província da Beira Litoral.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Maio de 1976.

O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na R. de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Conselho da Murtosa em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/56483, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho da Murtosa, de uma linha aérea a 15 kV, com 537 metros, do apoio n.º 3, da linha para o Posto de Transformação de Esteira, ao Posto de Transformação «Vila Posto de Transformação n.º 2», pertencente à Câmara Municipal da Murtosa.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Maio de 1976.

O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/56492, arquivo 4, para o estabelecimento no lugar de Reguengo, freguesia de Alfena, concelho de Valongo, de uma linha aérea a 15 kV, com 125 metros, do apoio n.º 16 da linha de ligação Abelheira-Alfena, ao PT de Alfena-Reguengo, pertencente à Câmara Municipal de Valongo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 6 de Maio de 1976.

O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

TRIBUNAL JUDICIAL

COMARCA DE BEJA

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado ANTÓNIO JOAQUIM CHORA, casado, industrial, residente no Monte Carapinha — Neves — Beja, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução sumária movida por José Pinto Caeiro, Ld.ª, com sede em Beja e que são os seguintes e situados no concelho de Beja:

1/12. — Prédio mixto Monte da Carapinha, freguesia Santa Maria, artigos 10 Secção B e 64 da matriz:

1/6 — Rustico Herdade Cotovias — Neves artigo 46 secção F.

1/6 rústico ao Rebentão, freguesia Santa Maria, inscrito na matriz artigo 124 secção C.

1/6 — prédio rústico situado Fontainhas, freguesia Salvador artigo 124 secção A.

1/6 Prédio mixto à Maria do Vale artigos 29 secção C e 108.

1/6 às Barradas — Neves artigo 128 secção D.

Beja, 26 de Abril de 1976.

O Juiz de Direito

A. de Sousa Inês

THANASSIS TSOUPAROPOULOS AO "DL"

Atenas desliza para a direita sob pressão dos americanos e da N.A.T.O.

. Membro do Comité Central do Partido Comunista Grego no interior e director do quotidiano «Avgui» (Aurora, Thanassis Tsouparopoulos esteve alguns dias entre nós como convidado do colóquio da Intervenção Socialista sobre a viabilidade do «socialismo mediterrânico». «Viveu» durante 10 anos nos campos de concentração e prisões fascistas, foi «partisan» na luta de libertação contra o invasor nazi. Hospedado num hotel da capital, falou para o «DL».

A actual situação política da Grécia, as divergências existentes entre o Partido Comunista Grego no interior e o Partido Comunista Grego no exterior, o caso Mikis Teodorakis, as relações com o Pasok (Movimento Socialista Pan-Helénico) e as divergências e reservas postas ao actual Governo de Karamanlis foram o «leit-motiv» da entrevista. Em síntese: o pensamento de Thanassis Tsouparopoulos incidiu na necessidade de impedir o gradual deslize para a direita a que se assiste na Grécia, pelo que é necessário fomentar e praticar uma unidade de todas as forças de esquerda e antifascistas.

Ao tempo em que decorria a entrevista, o presidente Tito visitava a Grécia. E Tito dizia, segundo as agências noticiosas, que em muitos pontos concordava completamente com o primeiro-ministro Karamanlis. «É especialmente significativa a necessidade de convocar uma conferência de países balcânicos em data próxima» — diria o marechal Tito no seu discurso.

Um elemento do Pasok e outro do P. C. Grego no interior estavam entretanto presentes do colóquio sobre o «socialismo mediterrânico».

DL — **Que pensa da expressão «socialismo da área mediterrânica»?**

. T.T. — Para nós a primeira questão é o problema do Mediterrâneo — é que os povos e os Estados são mosaicos. Em todo o caso o que é importante para nós é que os povos mediterrânicos tenham Governos democráticos independentes. É o primeiro factor para assegurar uma transição para o socialismo. E por isso nós, o nosso partido, lutamos para instaurar um regime democrático, independente da N.A.T.O. e dos americanos. Em todos os países mediterrânicos quem desempenha um papel predominante são os americanos.

DL — **No caso concreto da Grécia...**

T.T. — A democracia caminha com dificuldade na Grécia. Como em Portugal, aliás. A ditadura dos coronéis deixou o país com grandes problemas económicos, sociais e sobretudo nacionais. Agentes da política americana, os coronéis deram aos militares turcos o pretexto para a intervenção no Chipre. Os turcos ocuparam 40 por cento do território cipriota. Ao mesmo tempo 200 mil refugiados abandonaram as suas casas e vivem em condições dramáticas nas regiões livres da ilha. As Nações Unidas condenaram a invasão turca e pediram o abandono das regiões ocupadas. Mas, ingelizmente, as decisões da O.N.U. continuam sem aplicação. Para lá deste grande problema, os turcos ameaçam a integridade do nosso país, reivindicam ilhas gregas, regiões petrolíferas, ameaçam a segurança do nosso país e obrigam-nos a estar permanentemente em pé de guerra. As despesas militares pesam na economia e provocam uma tensão em toda a região do Mediterrâneo oriental. Segundo nós pensamos, são os americanos imperialistas que provocam esta situação. Os seus objectivos são claros: o antagonismo militar entre a Grécia e a Turquia provoca uma crise no interior dos dois países, uma tensão na região e os imperialistas intervêm para resolver a crise. Os resultados desta táctica são os dois acordos, entre os U.S.A. e a Turquia em primeiro lugar, e entre a Grécia e os U.S.A. depois. Segundo os dois acordos, os americanos asseguram as bases militares que possuem na Grécia e na Turquia e mantêm o antagonismo catastrófico dos armamentos entre os dois países, enquanto o problema de Chipre continua por resolver.

«Ao mesmo tempo, o Governo de Karamanlis sob pressão dos americanos empurra o país para o mecanismo militar da N.A.T.O. donde ele se tinha retirado.

«No interior do país há um deslize para a direita, as forças reaccionárias, encorajadas, reorganizam-se. Os fascistas exigem o abandono de uma política de independência e medidas contra as forças progressistas. E como a depuração do mecanismo de Estado se não realizou ainda, o perigo subsiste e acentua-se.

DESENVOLVER UMA POLÍTICA DE UNIDADE ANTIFASCISTA

D.L. — **Face ao exposto e ao perigo real da recuperação fascista que medidas de luta preconiza o Partido Comunista Grego no interior?**

. T.T. — Para fazer frente ao regresso do fascismo, o nosso partido preconiza uma política de unidade antiditatorial-democrática com todas as forças progressistas, mesmo as forças da direita parlamentar que não aceitam a ditadura. Ao mesmo tempo convida os trabalhadores em luta a alargar os direitos democráticos e sociais e a estabilizar as conquistas democráticas. Esta política exerce já uma influência na vida do país; outras formações políticas e outras personalidades a aceitam. No que concerne à política exterior nós exigimos ao Governo de Karamanlis uma política de independência nacional, que o país permaneça longe do mecanismo militar da N.A.T.O., que sejam dissolvidas as bases americanas e que sejam aplicadas no Chipre as decisões da O.N.U.

DIVERGÊNCIAS ENTRE OS DOIS PARTIDOS COMUNISTAS

DL — **Preconizando uma unidade de todas as forças antifascistas porquê e quais as divergências entre o Partido Comunista Grego no interior e o P.C.G. no exterior. Por outro lado, como e pelo que se defi-ne o vosso partido?**

. T.T. — As diferenças entre os dois partidos são profundas. Nós queremos ser um partido autónomo e independente e queremos ter relações com todos os partidos irmãos sem ingerências de um no outro, segundo os princípios do verdadeiro internacionalismo proletário. Nós seguimos a doutrina do marxismo-leninismo adoptando esta doutrina às condições gregas. Isto significa que nós seguimos uma via grega para o socialismo segundo as tradições do nosso povo a experiência das suas lutas e a relação das forças sociais.

«As linhas fundamentais da política do nosso partido encontram-se no projecto do programa que nós publicamos para ser discutido até ao congresso do nosso partido que se reunirá no próximo mês de Junho. Em todo o caso o nosso programa prevê o alargamento e a conservação das liberdades fundamentais do povo, um sistema pluralista e o funcionamento das instituições democráticas sobre o controlo do parlamento e das organizações dos trabalhadores. Esta democracia será antimonopolista e anti-imperialista e deve nacionalizar as grandes empresas, a banca, as minas, etc., porque a riqueza do nosso país tem de ser explorada em favor do povo.

No que concerne à política exterior nós desejamos relações com todos os países e sobretudo com os nossos vizinhos independentemente do seu sistema político, tendo por base os princípios das Nações Unidas. Como pressuposto para uma política de independência nacional é necessário o afastamento das bases americanas no nosso país, já que são o bastião do imperialismo americano que provoca e ameaça a paz na nossa região.

. O Partido Comunista do interior é uma força nova na nossa sociedade e luta pela renovação da esquerda grega.

«D.L.» — Regressando às divergências com o Partido Comunista Grego no exterior...

T.T. — Nós temos diferenças essenciais com os nossos camaradas do partido do exterior que não vêem as mudanças da sociedade grega e mesmo a mudança da vida internacional. Eles não vêem a política dos grandes partidos comunistas da Europa, ou pelo menos dos grandes partidos italiano, francês e espanhol. Eles continuam falando ainda uma linguagem do passado.

«D.L.» — Não englobam nos partidos citados o P. C. P.?

T.T. — Eu creio que o Partido Comunista Português é uma excepção. Isto é: não temos relações com o Partido Comunista Português. Escutei no entanto o discurso do camarada Aboim Inglês que falou no colóquio da Intervenção Socialista. Ele disse coisas muito interessantes. Ele disse que não acredita num modelo único do socialismo mas sim que é a via que vai dar o modelo.

RELAÇÕES COM O PASOK? REGULARES

«D.L.» — No âmbito da vodda política de unidade quais as relações com o PASOK de Andreas Papandreou?

. T.T. — As relações do P.C.G. no interior com o Pasok de Andreas Papandreou são regulares. No 1.º de Maio nós fizemos com as organizações de sindicais de todos os partidos de esquerda um meeting, uma manifestação gigantesca. Inclusivé com o Pasok e os sindicatos que controla.

GOVERNO DE KARAMANLIS: CENTRO-DIREITA

«D.L.» — E as relações com o Governo de Karamanlis, acusado de cada vez mais praticar uma política de direita?

. T.T. — O Governo de Karamanlis, como sabe, é um Governo de centro-direita e nós somos contra a política de Karamanlis. Sobretudo contra a política externa e os acordos que assinou com os americanos segundo os quais a Grécia recebe uma ajuda militar o que tem como consequência a conservação das bases americanas na Grécia. Por outro lado há grandes diferenças entre nós e Karamanlis no que concerne a uma política social. Nós temos também grandes reservas sobre a política de Karamanlis em relação à Nato, ainda que Karamanlis tenha mantido até este momento a Grécia fora dos mecanismos militares da NATO. Em todo o caso, nós cremos que o Governo de Karamanlis, sob pressão da reacção grega e sob pressão dos americanos desliza para a direita. E por isso o nosso partido preconiza a unidade de todas as forças progressistas para proteger a democracia e a sua evolução normal na Grécia.

MIKIS THEODORAKIS: UM MOVIMENTO PRÓPRIO

T.T. — Mikis Theodorakis é um grande músico grego. A sua música é conhecida em toda a Grécia e em todo o Mundo. Mesmo em Portugal, escutei Theodorakis. Theodorakis è militante de um movimento progressista da Grécia. Pertencente ao E. D. A., que é uma formação política de oposição que havia durante a ditadura. É também «leader» de um movimento que ele chama Movimento da Civilização.

«D.L.» — Quais as relações com Theodorakis, ex-militante do P.C.G. no interior?

. T.T. — Theodorakis hoje já não pertence ao Partido Comunista. Ele disse que queria continuar independente. Tinha algumas divergências em relação ao Partido, já mesmo durante a época da ditadura. Nós temos boas relações com Theodorakis. O nosso jornal publica com frequência notícias sobre a sua acção, a sua música e as actividades do Movimento da Civilização.

Nós escrevemos mesmo, nos últimos dias, um artigo a defender Mikis Theodorakis porque o Governo não aceitou que ele fosse designado para maestro da orquestra de Atenas. Nós afirmamos que o Governo fizera uma discriminação inaceitável.

Thanassis Tsouparopoulos, membro do Comité Central do Partido Comunista Grego no interior apontou como o perigo maior a que neste momento está sujeito o seu país, o deslize para a direita e as ingerências externas

FROTAS SULCAM O MEDITERRÂNEO

Já fora das questões postas na entrevista, Tanassis Tsouparopoulos falava-nos de Coutcheras, deputado Pasok e poeta grego com assento no Parlamento do Conselho da Europa, perguntava-nos porque nenhum grego fora convidado para o debate televisivo sobre o «socialismo mediterrânico» e insistia na questão de fundo das ingerências e da independência nacional.

E recordava: «No Mediterrâneo há frotas de grandes potências. Os americanos e os próprios russos desempenham um importante papel na vida da região. É muito interessante para nós, que temos uma experiência dolorosa, que os países do Mediterrâneo não tenham bases estrangeiras porque as bases militares desempenham sempre um papel contra as posições políticas desses países.»

Ofensiva de Cuba contra o "apartheid"

HAVANA, 17 — (ANOP/EFE) — Cuba lançará uma nova ofensiva contra o «Apartheid» quando da próxima realização em Havana, entre 24 e 28 do corrente, de uma conferência contra o sistema em vigor na África do Sul, à qual estarão presentes mais de 150 delegados de 18 países.

O «Seminário Internacional contra o Apartheid e em Apoio da Luta de Libertação da África Austral» tem como objectivos principais aumentar o isolamento da África do Sul no plano internacional e fortalecer os movimentos de libertação que operam em África contra os regimes de minoria branca.

A realização deste seminário em Havana foi decidida pela Assembleia Geral das Nações Unidas de 1975 e conta com o patrocínio daquela organização.

Estarão presentes representantes de 18 países, a saber: Argélia, Filipinas, Gana, Guiné, Haiti, Hungria, União Indiana, Indonésia, Malásia, Nepal, Nigéria, Peru, República Democrática Alemã, Síria, Somália, Sudão, Trindade-Tobago e Ucrânia.

Participam também organismos e agências especializadas internacionais, movimentos de libertação da África Austral e outros.

Uma análise profunda dos últimos acontecimentos na África Austral, especialmente a vitória do Movimento Popular de Libertação de Angola na antiga colónia portuguesa, o estabelecimento de um novo Governo socialista em Moçambique e a crise da Rodésia e da África do Sul constituirão o ponto de partida da reunião.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os professores de todos os graus e ramos de ensino para um plenário a realizar na Aula Magna da Reitoria, no próximo dia 17, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos :

Ponto Único : DIUTURNIDADES

A Mesa da Assembleia Geral

Nacional

ONTEM NO L.N.E.C.

Poder Popular exige, Otelo parece aceitar...

«O general Otelo é o único candidato em que o povo pode confiar. Falar nos interesses das massas trabalhadoras não chega. Mais do que nunca é preciso acreditar que é o próprio povo organizado a única força capaz de levar até ao fim a defesa dos seus interesses (...).

«O general Otelo já tem o grande apoio que queria ter: o apoio do povo e das suas organizações de base» são extractos da mensagem enviada a Otelo Saraiva de Carvalho pelos representantes dos órgãos de Poder Popular ontem reunidos em plenário no Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

O referido plenário, realizou-se na sequência do apoio popular que se tem vindo a desenvolver à volta da candidatura do ex-comandante do Copcon e tinha como objectivo principal provar ao major Otelo não só o «efectivo apoio do povo ao único candidato em que pode confiar» mas também anunciar os princípios organizativos que caracterizarão a campanha em favor de Otelo, caso este aceite a candidatura à Presidência da República.

Durante a reunião e perante a presença de mais de um milhar de pessoas foram lidas moções de apoio vindas de todas as regiões do País emanadas principalmente pelos Comités de Apoio à Candidatura de Otelo (C. A. C. O. S.) e por várias cooperativas, comissões de trabalhadores, de moradores e de aldeias.

O momento mais significativo da reunião verificou-se cerca das 18 horas quando do regresso de uma delegação, que a pedido dos representantes dos órgãos de Poder Popular ali presentes, se tinha deslocado ao domicílio de Otelo Saraiva de Carvalho a fim de solicitar a sua presença naquele local.

«VAMOS ACEITÁ-LO»...

A delegação, embora sem «o homem do 25 de Abril», era portadora de uma mensagem manuscrita pelo major Otelo na qual o próprio afirmava não poder deslocar-se «sob pena de regressar a Santarém» ao L. N. E. C. mas que, no entanto, se encontrava com os trabalhadores «do mesmo lado da barricada, na tremenda luta de classes que se desenvolve no País desde o 25 de Abril de 1974».

No prosseguimento da sua mensagem o major Otelo afirmaria: «À partida a classe dominante no Poder tem tudo a seu favor: o aparelho de Estado que domina, o poder financeiro dos grandes partidos burgueses, eleitoralistas, o poder que lhes vem dos órgãos de Informação que controla na quase totalidade. Tudo isto constitui para a classe trabalhadora explorada do nosso país, um imenso desafio. Vamos aceitá-lo, lutamos pelo êxito e a vitória servir-nos-á.»

Otelo Saraiva de Carvalho terminaria a sua missiva com três palavras de ordem, «Em frente pela Revolução Socialista», «A Luta continua» e, imitando Ernesto «Che» Guevara, «Até à vitória, Sempre!», facto que provocaria um clima de apoteose na sala literalmente repleta de trabalhadores e de representantes dos «Comités de Apoio à Candidatura de Otelo».

No entanto e apesar de o movimento em torno da candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho ganhar cada vez mais apoio, nem tudo foi «rosas» na referida reunião em virtude de se gerar na sala um clima de controvérsia e de confusão à volta de certas palavras de ordem e de certos princípios programáticos e organizativos que devem caracterizar a candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho.

U. D. P. E P. R. P. APOIAM

Entretanto o P. R. P. e a U. D. P. em comunicados à Imprensa reafirmam o que de certo modo já era conhecido: o seu apoio à candidatura de Otelo.

O P. R. P. após anunciar que cerca de 300 dos seus responsáveis, na sequência de um plenário efectuado nos últimos dias, «consideraram unanimemente como justa a posição assumida pelo P. R. P. durante a última campanha eleitoral» afirma apoiar a candidatura revolucionária de Otelo Saraiva de Carvalho à Presidência da República «mau grado as manobras divisionistas dos reformistas que procuram travar o desenvolvimento das estruturas do Poder Popular».

No que se refere à U. D. P. esta organização afirma ser o movimento em torno da candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho «o exemplo da determinação do nosso Povo de recusar o regresso ao passado e avançar na luta contra o fascismo, a miséria e o imperialismo».

Nessa medida a U. D. P. anuncia que o Conselho Nacional da U. D. P., na sua segunda sessão plenária realizada em 15 e 16 de Maio de 1976, decidiu «denunciar desde já ao povo português as manobras da burguesia tendentes a colocar o general Otelo em condições de não poder concorrer» o que, para aquela organização, significa «um miserável insulto ao povo português».

Mensagem de Otelo

Mensagem
De: Otelo
Para: os companheiros reunidos no LNEC

Amigos e companheiros.

Estando proibido, sob pena de regressar a Santarém, de participar em comícios, reuniões, manifestações, etc., não posso comparecer no plenário que está agora a decorrer no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Pelos companheiros que agora são portadores desta minha mensagem, tomo conhecimento do extraordinário calor e entusiasmo com que decorre o plenário. Um obrigado com um abraço muito amigo a todos vós, pela confiança que, apesar de todas as minhas hesitações e contradições ao longo do processo vocês continuam a depositar em mim.

Da minha parte podem crer que estou inteiramente convosco, do mesmo lado da barricada, na tremenda luta de classes, que se desenvolve no País desde o 25 de Abril de 1974.

Esta situação define perfeitamente os dois campos em luta. Vocês todos devem ter consciência plena de que essa luta vai ser muito dura.

À partida, a classe dominante no Poder tem tudo a seu favor: o aparelho de Estado que domina, o poder financeiro dos grandes partidos burgueses, eleitoralistas, o poder que lhes vem dos órgãos de Informação que controla na quase totalidade.

Tudo isto constitui para a classe trabalhadora explorada do nosso País, para os humildes e os oprimidos um imenso desafio. Vamos aceitá-lo, lutamos pelo êxito e a vitória servir-nos-á.

Em frente pela Revolução Socialista!

A Luta Continua!

Até à vitória, sempre!

OTELO

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO

C.C.T. RAMO AUTOMÓVEL

(Importadores, agentes e vendedores)

1. **A PARALISAÇÃO DO TRABALHO DO PASSADO DIA 13,** forma de luta que os trabalhadores deste sector se viram obrigados a recorrer como resposta à recusa do patronato em negociar e aceitar as suas justas reivindicações que visam actualizar um C.C.T. ainda do tempo fascista, foi uma magnífica jornada de luta que reforçou ainda mais a determinação e unidade dos trabalhadores e seus Sindicatos, à volta do Contrato Colectivo de Trabalho. A vitória alcançada teve expressão nacional, tendo atingido a percentagem global de 85%, o que revela maciça adesão e forte consciencia dos trabalhadores.

A nível distrital destacamos as seguintes percentagens:

Lisboa: 88,7%
Porto: 95%
Santarém: 98%
Castelo Branco: 98%
Beja: 100%
Setúbal: 95%
Coimbra: 90%
Viseu: 80%
Braga: 80%
Faro: 75%
Leiria: 95%
Aveiro: 70%
Évora: 96%
Portalegre: 70%

2. A luta, porém, continua. Conforme decisão dos plenários de trabalhadores e Sindicatos já realizados, se o C.C.T. não ficar concluído até ao próximo dia 17, novas formas de luta serão levadas à prática. Assim, na próxima **2.ª feira, 17,** termo do prazo, a Comissão Negociadora dará uma conferencia de Imprensa para relatar e divulgar todo este processo contratual. **No dia 18** efectuar-se-ão, em todos os distritos, novos plenários para fazer o ponto da situação. Se o impasse persistir, novas **paralisações de trabalho terão lugar nos próximos dias 19 e 20.**

Mantém-te em contacto permanente com o teu sindicato para estares esclarecido e poderes esclarecer.

EM FRENTE PELO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO
CONTRA AS MANOBRAS DO PATRONATO

Federação Nacional dos Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio
Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas
Federação Regional do Norte dos Sindicatos dos Empregados de Escritório
Sindicato dos Empregados de Escritório de Lisboa
Sindicato dos Empregados de Escritório do Porto
Sindicato dos Técnicos de Venda
Sindicato dos Cobradores
Sindicato dos Telefonistas de Lisboa e Porto
Sindicato dos Contínuos e Porteiros
Sindicato dos Armazéns Norte

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Arcos de Valdevez, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/57388, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Vila Fonche, concelho de Arcos de Valdevez, de uma linha aérea a 15 kV, com 1531 metros, do apoio n.º 2 da linha para o Posto de Transformação de Gondoriz Bóia, ao Posto de Transformação de Vila Fonche Igreja, pertencente à Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Maio de 1976.

O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

DÁ-SE 2 000$00

Cadela preta. Pastor alemão com 11 meses, desapareceu junto R. Furnas Lagosteiras, Estrada do Guincho — Cascais. Telefone 28 92 43.

S. PEDRO DO ESTORIL

Moradores

A Associação dos Moradores de S. Pedro do Estoril e Areias leva a efeito, no dia 22, uma gincana de bicicletas para crianças dos 5 aos 12 anos, com vários prémios.

A inscrição pode ser feita na Rua 5 de Abril, 5-B, em S. Pedro do Estoril, a partir das 21 e 30.

Nacional

Profunda reestruturação do Ministério da Indústria

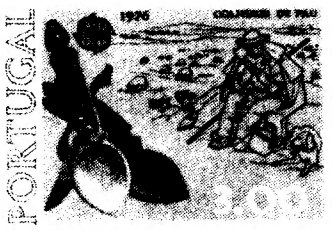
. O Ministério da Indústria e Tecnologia vai ser dotado de uma orgânica adequada para dar resposta às exigências criadas pela evolução socioeconómica do País, a qual conduziu a uma maior intervenção do Estado, nomeadamente através da nacionalização de sectores básicos.

Nesse sentido foi publicado no «Diário da Republica» um decreto-lei que, tendo em conta «que a estrutura da indústria portuguesa se apresenta desajustada às necessidades do desenvolvimento económico nacional em que o Estado se encontra empenhado», cria a nova orgânica do Ministério da Indústria e Tecnologia. Esta visa dar resposta dinâmica e eficaz à necessidade de reestruturação de sectores em crise e ao lançamento de novos empreendimentos industriais.

Com este objectivo, para além do Instituto de Apoio às Pequenas e Meidas Empresas Industraiais, já existentes, são criados pelo citado diploma o instituto de Desenvolvimento Industrial, o Instituto Português de Electricidade e o Instituto de Geologia, Minas e Metalurgia.

Nas direcções-gerais criadas pela nova orgânica serão agrupados sectores afins de acordo com as respectivas especialidades, de forma a que possam ser tratados com profundidade e eficiência os problemas específicos que lhes respeitam, além de prestarem apoio incentivador à expansão e á melhoria das indústrias que lhes estão afectas.

O decreto em referência cria ainda os lugares de subsecretário de Estado Adjunto do Ministro e de subscretário de Estado da Indústria Ligeira e extingue os de subsecretário de Estado da Administração Industrical e de Subsecretário de Estado da Programação Industrial.



Um exemplar da nova emissão «Europa-76»

. Encontra-se já em circulação uma nova emissão filatélica: a «Europa 76», em que o tema proposto aos países membros da CEPT foi o «Artesanato».

Novos selos

Tendo presente a grande riqueza nacional em manifestações de actividades que, com igual legitimidade, poderiam ser representadas nesta emissão, os CTT optaram por fazer figuara uma actividade baseada num dos materiais mais modestos e outra nos materiais mais nobres: respectivamente, o pau de buxo ou oliveira, trabalhdo à navalha pelo pastor alentejano, ou o precioso oiro que é utilizado pelos filigranistas de Gondomar e Valbom, que servem de ilustração aos novos selos. As estampilhas têm as dimensões de 37x27,2 m1m, compreendendo a serrilha (com o denteado 12:12,5). Existem em dois valores: 3 e 20 escudos.

Serviços prisionais — problema (também) para Pires Veloso

. Com o objectivo de discutir com o comandante da Região Militar do Norte assuntos relacionados com a cooperação dos serviços prisionais civis e militares, deslocaram-se ao Porto o secretário de Estado da Recuperação Social e o novo director da Polícia Judiciária.

Na vista que fizeram ao Quartel-General da Região Militar do Norte foram acompanhados também pelo subdirector da delegação do Porto da Polícia Judiciária.

FAÇA
férias
PORTUGUESAS
A
MADEIRA

Preços desde
2.900.00
Viagem aérea em Classe Turística LISBOA/FUNCHAL/ /LISBOA, Alojamento no Hotel escolhido em regime de pequeno almoço, meia pensão ou pensão completa. Transporte Aeroporto/Hotel/Aeroporto. Transporte 20 kg. bag.

CONSULTE
BUISSON
VIAGENS•TURISMO
RUA BRAAMCAMP, 15-D
Tels. 4 04 59 - 4 04 68 - 56 03 88
Teleg.: BUISTOUR-Telex: 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA • COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

PARQUES INDUSTRIAIS
Força de arranque para o desenvolvimento

Somos um instrumento da industrialização.
O nosso objectivo é promover, por iniciativa do Estado,
a instalação de parques industriais. E geri-los.
Um Parque Industrial oferece às actividades fabris
condições de excepção.
O que significa para as empresas
que venham a instalar-se num Parque Industrial,
maior rapidez, maior economia,
maior facilidade.
Donde, rápido arranque da produção.
É para servir pequenas e médias empresas que existimos.
É para fomentar o seu nascimento que trabalhamos.
Para que elas possam viver com saúde. E expandir-se.
Porque a nossa missão é abrir caminho.
À inércia contrapomos perspectivas, possibilidades.
Ao dinamismo oferecemos apoio. Realização. Vida.

Lotes de terreno adequados e criteriosamente localizados ou mesmo instalações já construídas, para arrendamento. Equipamento de infraestrutura, com abastecimento de água e energia eléctrica, telefones e telex, sistema de saneamento, rede viária com ligações às grandes vias de comunicação. Serviços de apoio às empresas e aos trabalhadores. E, ainda, importantes incentivos fiscais e financeiros.

EMPRESA PÚBLICA DE PARQUES INDUSTRIAIS

Somos uma empresa pública. Não temos fins lucrativos. Contacte-nos. Escreva-nos. Ou venha falar connosco.

EMPRESA PÚBLICA DE PARQUES INDUSTRIAIS
Rua D. Filipa de Vilhena, 6, 5.º – LISBOA-1
Agradeço que me enviem a Brochura E.P.P.I. e outras informações sobre a Empresa.
NOME
EMPRESA
MORADA
RAMO DE INDUSTRIA
TELEF. TELEX

Trabalho

B.A.I.V.

Quem paga o "piquenique"?

Os trabalhadores do Banco Agrícola e Industrial Viseense insurgiram-se, em plenário, contra o facto do conselho de gestão daquela instituição de crédito ter feito deslocar a Viseu uma equipa técnica, com a finalidade de transmitir directrizes sobre a emissão de Obrigações do Tesouro/76, que consideram exageradamente numerosa e «lesiva para a empresa e para o País pelos gastos a que obriga».

«Mais parece um piquenique do que uma reunião de trabalho» — afirma-se numa das moções então aprovadas, na qual se considera «abusiva» e «arbitrária» a nomeação de uma delegação de doze pessoas, número que seria demasiado grande para as necessidades, sem que os trabalhadores tenham sido ouvidos. Assim, a Comissão de Trabalhadores do B. A. I. V. ficou mandatada para estudar a questão suscitada, diligenciando para que as despesas em excesso sejam suportadas pelos dois gestores que encabeçam a equipa técnica.

C.C.T. da Hotelaria

Patrões não compareceram

. O Estado, na sua condição de maior entidade patronal do sector da hotelaria, não se fez representar nas negociações do Contrato Colectivo de Trabalho da Indústria Hoteleira, que deveriam ter sido iniciadas, há dias no Ministério do Trabalho. Provavelmente, para seguir as pisadas do «maior patrão», as associações patronais também não compareceram à reunião.

Outra reunião está já convocada para amanhã, a fim de ser discutida a proposta dos trabalhadores que se encontra em adiantado estado de discussão, por parte dos trabalhadores.

Segundo informadores ligados ao sector, o Estado não comparticipará, contudo, nas negociações enquanto não estiver criado o Instituto do Fomento do Turismo, que deverá gerir rodo o sector nacionalizado da hotelaria. O Estado é proprietário, entre outras, de unidades como a Torralta, Ritz, Fénix, etc.

De qualquer modo, é conveniente salientar que os trabalhadores das empresas nacionalizadas não têm visto reconhecidos os seus direitos estabelecidos nos Contratos Colectivos, uma vez que o sector foi declarado em crise.

Na actual proposta feita pelos Sindicatos deverá ficar estabelecida uma nova redução dos leques salariais, entre os 4 850 escudos e os 15 mil escudos mensais, abrangendo a totalidade dos trabalhadores da hotelaria, incluindo os da manutenção.

Os reformados exigem

Reforma igual a salário mínimo nacional

Uma reforma mínima igual ao salário mínimo nacional, extensiva a todos os sectores da Previdência, incluindo os trabalhadores rurais; exigência de um diagnóstico profundo de como está a ser feita a atribuição de reformas e uma análise de como foram delapidados os fundos; o desapoio total ao ministro Rui Machete, bem como ao seu secretário de Estado, Vítor Basto, pelo desinteresse com que têm tratado os seus assuntos, são pontos aprovados numa reunião de reformados que, na semana passada, se efectuou em Setúbal.

Organizado pela Associação Sindical União dos Reformados da Previdência da Margem Sul do Tejo, o plenário contou com a presença de mais de um milhar de pessoas.

Na mesa estavam presentes representantes de vários sindicatos, da Intersindical, da Comissão Administrativa da Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Setúbal e da Associação dos Deficientes das Forças Armadas.

Um representante do Secretariado da União dos Sindicatos de Setúbal salientou que esta não é uma luta marginal, é uma luta de todos os trabalhadores deste País. Apelou, depois, para que os reformados não parem, porque tambdos não parem, porque tambalhadores portugueses. José Madeira representante da C. A. da Caixa de Previdência do Distrito de Setúbal, começou por referir que se sentia envergonhado por falar de Previdência por ser ele, um elemento sindical a prestar serviço na terceira Caixa do País, e num distrito onde «a força é a razão do trabalhador e onde o dinheiro foi roubado, de tal ordem que chegou aos 47 milhões de contos, sendo 3,5 já no **Estado revolucionário**».

Falar de Previdência é triste. Tão triste que quase corta o coração ver pessoas que não conseguem subir os degraus de uma escada, para receberem uma reforma de miséria.

O representante da Previdência chamou a atenção de que, quando as pessoas vão ao médico, não é a Caixa que paga, mas sim todos aqueles que para lá fazem os seus descontos.

Dos vários oradores, destaca-se também a breve intervenção do representante da A. D. F. A. que disse: «Tanto os deficientes das Forças Armadas como os reformados, somos o produto da mesma política, o fascismo. Nós não podemos admitir que quem criou a riqueza deste País, ande a pedir esmola às esquinas.»

. A Previdência é uma máquina que tem que ser desmantelada e reorganizada de modo a servir todos os trabalhadores. Assim os reformados organizaram este plenário onde elegeram uma comissão de cinco elementos que fará a ligação entre os reformados de Setúbal e a Comissão Nacional.

Neste plenário os reformados foram esclarecidos sobre o que é a Associação Sindical, sobre os principais pontos do caderno reivindicativo: a reforma mínima igual ao salário mínimo nacional, extensiva a todos os sectores beneficiários da Previdência, incluindo os trabalhadores rurais. Exigência de um diagnóstico profundo de como está a ser feita a atribuição de reformas, e uma análise de como foram delapidados os fundos da Previdência. Exigência de uma sindicância à Previdência até ao 23 de Abril de 74, visto que todos os indivíduos comprometidos na fraude da Previdência, e no espoliamento dos dinheiros dos trabalhadores, se tiveram acções, os trabalhadores não sabem se eles estão ou não presos.

Neste plenário foi aprovado o texto de um telegrama a enviar ao Primeiro-Ministro e ao Presidente da República dando-lhes o desapoio total ao ministro Rui Machete e ao seu secretário de Estado Vítor Basto pelo desinteresse com que têm tratado dos assuntos dos reformados.

Os reformados não podem ser um milhão de portugueses a quem a Revolução socialista negou até à data o mínimo que se pode dar a um cidadão que viva num País socialista e que é o direito ao comer.

Os reformados começaram já a perguntar porque é que o Estado não liquida os 13 milhões que deve à Previdência, e porque é que não obriga as entidades patronais a pagarem integralmente aquilo que devem à Previdência.

Um dos elementos da Associação Sindical salientou que os reformados não vão fazer uma grande concentração nacional em Lisboa porque gostem de fazer concentrações. O que os leva a isso, é o facto de não terem ainda uma resposta, depois de o Primeiro-Ministro ter dito que a luta é muito justa.

DEBATE NO BARREIRO

Também no Barreiro, os reformados se reuniram para debater os seus problemas, convocados pela União dos Pensionistas da Previdência e Seguramça Social. Do debate resultou o reconhecimento da necessidade da criação de um Ministério da Segurança Social como forma mais eficaz de se avançar na anunciada criação de lares.

A discussão foi particularmente aguda no que respeita à situação precária de mais de 90 por cento dos reformados e pensionistas que afecta cerca de 250 mil famílias, com encargos de rendas de casa e subsistência.

Trabalhadores do vestuário discutem contrato vertical

. Os trabalhadores dos sectores têxtil, lanifícios e vestuário começam a discutir o anteprojecto do 1.º Contrato Colectivo Vertical.

Promovida pelo Sindicato de Vestuário do Norte realizou-se, ontem, uma reunião para trabalhadores do sector durante a qual foi analisado o documento. Para além da tabela salarial, salientou-se a cláusula que diz respeito ao horário de trabalho e a que dá como idade mínima de admissão os 16 anos. Quanto ao horário de trabalho, pretende-se a redução das 45 horas semanais para 42 e meia.

Sobre a tabela salarial, foi sublinhado que a proposta pede maior aumento aos salários mais baixos do que aos mais altos. Foi também referido que os salários praticados no Norte são inferiores aos do Sul. O aumento de custo de vida registado desde a aprovação do último contrato e que foi estimado em 20 por cento pesou na subida dos salários propostos.

Está marcada, para o próximo dia 29, uma assembleia geral para análise e emenda do anteprojecto.

PUB

C. C. T. PARA O COMÉRCIO RETALHISTA DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

Contra as práticas ardilosas do Patronato, uma vez mais os Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa, lancam um Grito de Protesto.

NÃO À EXPLORAÇÃO

Sempre foi hábito do Patronato orquestrado, comandado por superior Batuta, usar de Demagogia, vestir a Pele de Cordeiro e Mentir descaradamente aos Trabalhadores. Mas os Trabalhadores não se deixam enganar. Têm suficiente experiência da Exploração e da Miséria.

NÃO À MENTIRA

Os Trabalhadores do Comércio têm um Passado de Luta. Hoje, tal como no passado, saem à rua para demonstrar ao Patronato Explorador a sua Força e Unidade e que não Recuam nem se Amedrontam e Dizem

NÃO ÁS CHANTAGENS DO PATRONATO

TERÇA-FEIRA DIA 18, UNIDOS PELO MESMO OBJECTIVO, IRMANADOS NA MESMA LUTA, VAMOS TODOS. ORDEIROS MAS INFLEXIVEIS, PARTICIPAR NA GRANDE CONCENTRAÇÃO DEMONSTRATIVA DA NOSSA FORÇA E COMBATIVIDADE, PARA EXIGIR AO PATRONATO

A SAÍDA DO C. C. T.

TODOS À GRANDE CONCENTRAÇÃO JUNTO DO MINISTÉRIO DO TRABALHO

EM FRENTE PELA SAÍDA DO C.C.T. RETALHISTA

CONTRA AS MANOBRAS DO PATRONATO, LUTEMOS UNIDOS

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DE LISBOA
SINDICATO DOS RODOVIÁRIOS DE LISBOA
SINDICATO DOS COBRADORES
SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL
SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL
SINDICATO DOS METALÚRGICOS
SINDICATO DOS CONTÍNUOS E PORTEIROS
SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO
SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE MADEIRAS
SINDICATO DA INDÚSTRIA HOTELEIRA DE LISBOA
SINDICATO DOS ENFERMEIROS DO SUL
SINDICATO DOS TELEFONISTAS

PUB

CCT RETALHISTA DE LISBOA

TRABALHADORES DO COMÉRCIO

HOJE, COMO NO PASSADO, O PATRONATO CONTINUA A SER O NOSSO MAIOR INIMIGO, ENCHENDO OS COFRES À CUSTA DO NOSSO ESFORÇO E TRABALHO

lutemos pela saída do CCT

PARALISAÇÃO — 3.ª FEIRA

dia 18 a partir das 17 horas

COM

CONCENTRAÇÃO

JUNTO DO MINISTÉRIO DO TRABALHO

SOLIDARIZA-TE POIS A LUTA É DE TODOS!
EM FRENTE PELA CONQUISTA DO CCT!
CONTRA AS MANOBRAS DO PATRONATO!

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DE LISBOA
SINDICATO DOS RODOVIÁRIOS DE LISBOA
SINDICATO DOS COBRADORES
SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL
SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL
SINDICATO DOS METALÚRGICOS
SINDICATO DOS CONTÍNUOS E PORTEIROS
SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO
SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE MADEIRAS
SINDICATO DA INDÚSTRIA HOTELEIRA DE LISBOA
SINDICATO DOS ENFERMEIROS DO SUL
SINDICATO DOS TELEFONISTAS

Em SETÚBAL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LOUREIRO

Trabalho

Trabalhadores de vestuário do Porto exigem imediata intervenção na Rolsol

. Os trabalhadores de Vestuário do Porto decidiram exigir que o Governo proceda urgentemente à intervenção na empresa Rolsol, já pedida em Outubro de 75. No caso de não se verificar a intervenção estatal com a urgência que a situação requer, aqueles trabalhadores irão encetar uma luta consequente no sentido de impedir o regresso do patrão.

A decisão consta duma moção aprovada em reunião geral do Sindicato do Vestuário do Porto e nela se resumem as causas que levaram os trabalhadores a esta deicsão de emergência.

O caso da empresa Rolsol é uma das provas da tentativa de recuperação capitalista sobretudo depois do 25 de Novembro, contando os antigos patrões com apoios não só a nível do Ministério do Trabalho mas também dentro das empresas. A «Rolsol, Confecções e Exportações, Ltda», emprega 600 trabalhadores, na sua maioria jovens operárias, em três fábricas situadas em Ermesinde e duas no Porto, respectivamente na Rua de Tânger na da Constituição. O patrão é Amadeu Stuart de Vasconcelos, filho de Amadeu Vasconcelos, um dos perseguidores do padre de Macieira da Lixa.

Depois de ter sido estabelecido o salário mínimo nacional, o patrão cortou aos trabalhadores o subsídio de transporte, no Natal (74) não foi pago o respectivo subsídio e em Março de 75 os trabalhadores foram avisados de que as fábricas passariam a trabalhar apenas três dias por semana, adiantando-se a possibilidade de fecharem em Maio seguinte.

As encomendas diminuiram e entre outras irregularidades, os trabalhadores souberam que Amadeu S. de Vasconcelos desviava dinheiro para Espanha aos fins-de-semana e levantava dinheiro através de cheques endossados a uma terceira pessoa. Ao terem conhecimento de que o patrão pedira um emprestimo à Banca de 1 700 contos, os trabalhadores ocuparam a fabrica Tânger, onde funciona a sede da empresa e se concentra maior número de trabalhadores. Nessa altura, o patrão fugiu para o estrangeiro.

Uma peritagem ordenada pelo então ministro das Finanças comprovou as fraudes de Amadeu S. Vasconcelos à empresa e, portanto, aos trabalhadores. Não contente com isto, Vasconcelos que deixou a firma com uma dívida de 17 mil contos, boicota no estrangeiro mercados habituais da firma e recebe cinco mil contos de encomendas já satisfeitas.

Pois é este patrão que agora se dá ao luxo de pôr condições para regressar à firma, com o apoio de alguns trabalhadores que já anteriormente tinham defendido o seu regresso.

Estes manobraram para conseguir a divisão dos seus colegas de trabalho, readmitindo elementos suspensos por provas de reaccionarismo, e lançando provocações que chegaram a incluir o tratamento de «camarada Vasconcelos» ao patrão sabotador. Com o apoio da actual comissão de gestão, parece o terreno estar preparado para que Vasconcelos regresse, com aprovação da fábrica de Ermesinde e a oposição das duas fábricas do Porto.

Mas Amadeu de Vasconcelos não quer fazer má figura. Tanto assim que põe condições para bem desempenhar o seu «métier» (do que não deu provas antes de fugir): primeiro, exigiu o saneamento de 70 trabalhadores; depois substituiu a exigência pela desistência dos trabalhadores de receberem 14 mil contos de retroactivos; exigiu também que a Banca desistisse de receber 15 mil contos de dívida e que o Governo ponha à sua disposição o dinheiro necessário à «recuperação» da empresa.

A comissão de gestão impôs entretanto um código verdadeiramente fascista na empresa, para restabelecer a disciplina, do qual destacamos algumas normas: «as operárias têm direito a um intervalo de uma hora para o almoço, devendo encontrar-se nos seus postos de trabalho ao segundo toque; caso isso não se verifique só podem voltar a pegar no trabalho no dia seguinte; a entrada na fábrica tera que ser feita em condições de iniciar o trabalho, isto é, as operárias de verão marcar o cartão com as roupas que vão utilizar durante o seu dia normal de trabalho.»

. Os trabalhadores de Vestuário do Porto alertam os trabalhadores da Rolsol para que «não se deixem enganar por falsos amigos que tudo prometem e nada fazem» e que contem com a «solidariedade de todos os trabalhadores do sector no sentido de obrigar o Governo a intervir.»

Construção civil

Industriais recusam salários aprovados

Está marcado para a tarde de hoje o adiado encontro entre uma delegação dos sindicatos abrangidos pelo Contrao Colectivo de Trabalho da Construção Cvil com o capitão Costa Neves, do Conselho da Revolução. Este contacto insere-se numa série de diligências dos trabalhadores do sector junto dos órgãos do poder, na bosca de «uma decisão justa e legal» para os seus problemas.

Estas diligências assumem agora um interesse novo, dadas as decisões apgrvadas no plenário dos industriais da construção civil que decorreu, no passado fim-de-semana, na Figueira da Foz. Nomeadamente, os industriais deicdiram não pagar os salários mínimos estabelecidos pelo Governo para os parendizer e serventes e, ainda, exigir a revogação dessa resolução por parte do Conselho de Ministros. os industriaisl ao mesmo tempo, mantêm a sua recusa em negociar a revisão do Contrato Colectivo, apresentam agora uma nova condição que consiste na observância de um «caderno reivindicativo» no qual englobam uma série vasta de exigências, entre elas a revisão da lei sobre os despedimentos, com alargamento dos motivos de despedimento por justa casa e a criação de um sistema nacional de seguro de mepregp de modo a que a mepresa disponha de liberdade de contratação e de que o empregado despèdido tenha garantida a sua subsistência. Outras «reivindicações» dos industriais incidem sobre a sua integração no esquema geral de Previde2ncia, lançamento urgente de empreendimentos públicos, elaboração de projectos de desenvolvimento, concretização de apoias à iniciativa privada, revisão dos distemas de crédito ao comprador e ao construtor, possibilidade de intervenção das associações na banca nacionalizada, e criação de comissões paritárias dos serviços públicos e associações de empresários de forma a que possam ser impostas soluções imediatas no caso de surgirem dificuldades às iniciativas particulares.

Durante o plenário da Figueira da Foz, fvi lido um texto da Confederação da Indústria Portuguesa, no qual se aponta para o perigo de o sector netrar em crise progressiva, se os industriais não prosseguirem na defesa das suas posições.

Encontacto com o Sindicato da Construção Civil do distrito de Lisboa, soubemos que a direcção reuniu e se deve pronunciar, possivelmente ainda hoje, sobre as decisões do plenário dos industriais. O assunto será decerto debatido no encontro desta tarde com o representante do Conselho da Revolução.

Burocracia e ex-patrões sufocam autogestão e cooperativas

Deparam com dificuldades económicas mais ou menos graves, só no distrito de Lisboa, 30 empresas em autogestão, 21 cooperativas e dez empresas com intervenção estatal. No seu conjunto, são para cima de oito mil os trabalhadores afectados (ou em risco de virem a sê-lo) pela situação criada àquelas empresas.

Fundamentalmente, tal situação resulta do estrangulamento económico resultante, de um lado, da falta de financiamento por parte da Banca estatizada, podendo afirmar-se portanto que o poder constituído não pode furtar-se às suas responsabilidades neste processo de sufocação; por outro lado, estão ex-patrões, com suas persistentes manobras junto de trabalhadores (procurando, e alcançando por vezes, dividi-los) e junto de clientes e fornecedores antigos das empresas, agora sob gestão ou controlo operário, caluniando comissões administrativas ou de trabalhadores e denegrindo a capacidade organizativa da classe trabalhadora.

Tudo isto acontece — e o número de empresas em autogestão e cooperativas com problemas económicos e laborais tende a aumentar — quando está em pleno vigor uma Constituição da República que, no seu Artigo 61.º, consagra claramente: «1 — Todos têm o direito de constituir cooperativas, devendo o Estado, de acordo com o plano, estimular e apoiar as iniciativas nesse sentido. 2 . Serão apoiadas pelo Estado as experiências de autogestão.»

Verifica-se entretanto, com a consequente desmobilização entre os trabalhadores, que, necessariamente, se sentem por vezes confundidos com mecanismos (ou manobras) de uma burocracia exasperante, comissões operárias serem obrigadas a andar de Herodes para Pilatos, ou seja, de ministério para ministério: ou é o Ministério do Trabalho que as devolve para o do Comércio Interno, ou é que os remete para o da Indústria, ou é o último que os manda regressar ao primeiro, num círculo que desafia a paciência dos trabalhadores, ainda que não os consiga desmobilizar.

No caso das cooperativas e empresas em autogestão e com participação do Estado a que nos referimos de início, os conflitos têm passado pela União dos Sindicatos de Lisboa, que continua desenvolvendo diligências para a sua solução. Enquanto isto, determinadas instituições não têm correspondido aos objectivos para que foram criadas, emperrando as boas vontades de quem nelas presta serviço com toda uma burocracia que — ao que nos disseram — chega a ser difícil decifrar. Estará neste caso o IAPMEI — Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas — primeira porta a que, normalmente, os trabalhadores em causa deveriam bater. Por outro lado, a Federação das Cooperativas e a própria Comissão de Apoio às Cooperativas (ligada à Secretaria de Estado do Planeamento), apesar do seu papel decisivo no arranque e estruturação das formas organizadas do poder operário, não dispõem de condições que lhes possibilitem a desejável imediata capacidade de resposta no momento em que as questões laborais ou as dificuldades económicas surgem. A própria organização sindical — na U. S. L. nos confessaram continua a defrontar com problemas de organização, devido em boa parte «a flutuação da política e à falta de quadros».

Finalmente — acrescentaram-nos — aparecem também problemas em certos sectores onde a consciência de classe dos trabalhadores é menor, e onde, portanto, a desmobilização causada pelo arrastar das questões e pelas persistentes e insidiosas manobras de ex-patrões colhem alguns frutos. Um pormenor que nos fizeram salientar: tem acontecido alcançarem resultados «técnicas» patronais que visam insinuar serem as comissões de trabalhadores eleitas, nada mais que os novos patrões. Assim se cava a divisão e o capital avança... Na opinião dos elementos da U. S. L. com quem contactámos, torna-se cada vez mais imperioso, por um lado, que as comissões de trabalhadores informem regularmente todos os trabalhadores da situação das empresas; por outro, que os próprios trabalhadores, quotidianamente, procurem acompanhar essa situação, «activamente participando».

«Necessário» — acrescentaram-nos — «é evitar que, mal as coisas comecem a correr menos bem, os trabalhadores se virem contra as comissões que elegeram, como se fossem sucessores dos patrões, pois isso é precisamente o que eles querem. Eles querem dar imagem, quanto pior melhor, da capacidade organizativa das classes operárias. É o que têm tentado, e por vezes, infelizmente, têm conseguido, junto de clientes e fornecedores de empresas que em tantos casos abandonaram, sem qualquer preocupação pelo destino de quem lhes assegurava os lucros, quando não a boa vida...»

Sanimar reabre

Através de uma nota, o Ministério do Trabalho manifestou a sua intenção de reabrir, na segunda-feira, a empresa de materiais para construção Sanimar, «de acordo com a vontade expressa pelos seus trabalhadores em acta lavrada na Secretaria de Estado do Trabalho, na presença da Comissão de Gestão nomeada pelo Governo e de representantes dos Ministérios da Indústria e das Finanças».

Entende o MT, no documento, que esta plataforma «abre o caminho para a defesa unitária dos trabalhadores».

AMANHÃ, ÀS 17 HORAS

Greve dos retalhistas de Lisboa

Os trabalhadores do Comércio Retalhista do distrito de Lisboa paralisam a sua actividade amanhã, a partir das 17 horas, e irão concentrar-se junto ao Ministério do Trabalho, caso as entidades patronais e os representantes do Sindicato não cheguem a acordo até àquela hora nas negociações do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical daqueles trabalhadores.

Os principais pontos até agora em desacordo dizem respeito à tabela salarial, efeitos retroactivos do C.C.T. (que os trabalhadores pretendem a partir do dia 1 de Janeiro) e diuturnidades. Espera-se que a greve tenha a maior adesão pois aquele C.C.T. abrange 42 mil dos 65 mil sócios do sector Retalhista do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa. Aderem ainda a esta forma de luta os sindicatos dos Rodoviários de Lisboa, Cobradores, Electricistas do Sul, Construção Civil, Metalúrgicos, Contínuos e Porteiros, Técnicos de Desenho, Indústria de Madeiras, Hotelaria de Lisboa, Enfermeiros do Sul e Telefonistas, sendo alguns dos seus sócios abrangidos peio C. C. T. Vertical em negociação.

SETÚBAL: PARALISAÇÃO QUARTA-FEIRA

Os trabalhadores do Comércio de Setubal que paralisaram já na manhã de sábado, voltarão a suspender a sua actividade na próxima quarta-feira à tarde, por a associação patronal pretender limitar o C. C. T. em negociação apenas aos trabalhadores do Comércio Retalhista e Empregados de Escritório, excluindo todos os outros sindicatos abrangidos pelo C. C. T. semi-vertical, do sector.

A paralisação de sábado teve os seguintes resultados: Almada, 90 por cento; Barreiro, 99 por cento; Setúbal, Montijo e Grândola 95 por cento.

PUB

C.C.T. DO RAMO AUTOMÓVEL

(Importadores e Vendedores de Automóveis e Acessórios)

O PATRONATO RECUSA-SE A NEGOCIAR

CONVOCATÓRIA

Conforme decisão do Plenário dos Sindicatos Outorgantes deste C.C.T. realizado no dia 7.5.76 e já amplamente divulgada, convocam-se todos os trabalhadores abrangidos por este C.C.T. a comparecerem em massa no Plenário Geral de Trabalhadores deste sector a realizar na próxima 3.ª feira, **dia 18.5.76, pelas 21 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico**, 1.º andar (Alameda D. Afonso Henriques), com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

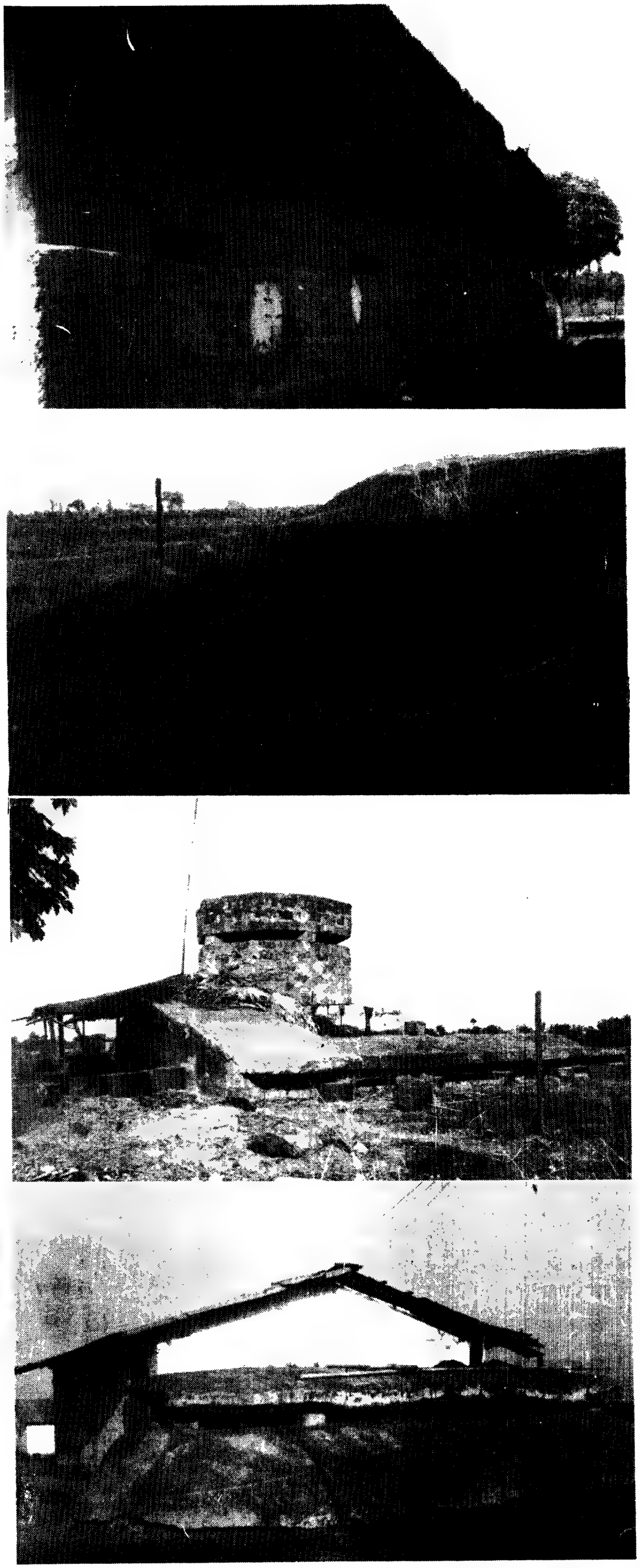
Ponto Unico Ponto da situação do C.C.T.

EM FRENTE PELO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO!
CONTRA AS MANOBRAS DO PATRONATO!

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa
Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa
Sindicato dos Telefonistas de Lisboa
Sindicato dos Trabalhadores dos Serviços de Portaria e Vigilância, Limpeza e Profissões Similares
Sindicato dos Cobradores
Sindicato dos Técnicos de Vendas

Lisboa, 14 de Maio de 1976

Estrangeiro



Alguns dos fortins onde o exército colonial se acantonou até 25 de Abril

Dois anos de paz na Guiné-Bissau (conclusã

OS TÚMULOS E O BERÇO DA

Ao longo das estradas, junto às pontes e no cruzamento dos rios, nas cercanias das vilas e das aldeias mais importantes, ei-los que surgem da terra, monstros de cimento, os derradeiros testemunhos da presença portuguesa nas planuras da Guiné. Não são hospitais nem escolas; não são armazéns nem celeiros; nem sequer oficinas ou igrejas: aqui sofreram e morreram cidadãos como os que se cruzam connosco nas ruas, do mesmo peso e altura que, talvez, o nosso irmão, o nosso amigo, os nossos conterrâneos.

Fiz questão de visitar esses bastiões do colonialismo. Percorri uma linha de casernas abandonadas, de miseráveis dormitórios de zinco, fortificações isoladas na floresta, fortins enquadrando aldeias e populações, estradas e pontos estratégicos, do Norte ao Leste do País. Não raro, quedando-me imóvel frente a estes testemunhos mudos de cimento, entrando dentro deles, imaginei o que seria a vida de 20 meses, sob os bombardeamentos nocturnos, a canícula do dia, os mosquitos e o paludismo, comendo conservas e bebendo cerveja quente. Que belo exercício, sim mas para todos os que enriqueceram e prosperaram à custa da guerra, nas negociatas e na exploração, e hoje teimam em agitar a bandeira da cruz e do império, esquecendo quem foi morrer inglória e injustamente nas guerras coloniais!

SILENCIOSOS E DESABITADOS OS FORTINS...

Quantos olhos beirões, saudosos das serras e das alturas, não espreitaram destas frestas, para os longes da planície, onde crescia, imparável, a vaga da libertação? Quantos alentejanos não passaram a noite em sobressalto ouvindo o troar do canhão, ao longe, tão diferente das cantigas em coro na sua terra? Quantas vidas se fecharam aqui para sempre, numa guerra injusta em país estrangeiro, carne para canhão de um regime fascista?

Os «bunkers» de Nhacra, que protegiam as antenas da Emissora, o fortim de Mansoa, à entrada da ponte, os quatro abrigos em cada canto do quadrilátero militar de Mansabá, os bidões de ferro e os troncos de árvore, em Farim, a ponte de Caió, o bastião de Canjadude, última ameaça colonial antes da região libertada do Boé, lá continuam, silenciosos, desabitados. Ninguém lhes tocou: não servem para nada, que não seja provarem como sinistra é a guerra e a ocupação estrangeira.

Desabitada também, e destruída pelo fogo das queimadas e pelas duas estações das chuvas, que entretanto transcorreram, está a maior parte das bases da guerrilha. Visitei algumas delas igualmente numa derradeira romagem aos lugares onde se enterraram as ambições do império e onde fermentaram os germes da libertação. Por vezes, entre um campo fortificado da tropa colonial e o abarracamento dos patriotas, ficava, apenas, tempo de umas duas horas de marcha ou a distância dum balázio da artilharia pesada.

Assim acontecia em Farim, uma das mais terríveis zonas da guerra. A umas tres, quatro horas de marcha para norte, a caminho da fronteira, situava-se a base de Irmãcono, a mais importante do PAIGC, na Frente Norte. Era comandada por Manuel dos Santos (Manecas) hoje Comissário de Estado da Informação e que me pilotou, com toda a gentileza, durante cinco dias pelas picadas do Norte e Leste, a caminho das casernas portuguesas e das bases dos guerrilheiros. Dessa base próxima da fronteira resta, apenas, uma

Uma pequena trincheira cavada na terra era a defesa dos guerrilheiros contra os bombardeamentos aéreos. Dentro de uma dessas valas, Kalashnikov ao ombro, o seu antigo comandante e hoje Comissário de Estado da Informação, Manuel dos Santos (Manecas)

são)

DO IMPÉRIO A LIBERTAÇÃO

Daniel Reis

trincheira que servia de abrigo contra os bombardeamentos aéreos, o esqueleto das barracas de bambu e folhagem, sacos vazios de arroz pendurados das árvores, alguns bancos da escola, invólucros de projécteis de artilharia, latas vazias de conservas suecas, francesas e holandesas.

O antigo comandante da base contou-me a história de Irmãcono:

. A base foi aberta em 1969, para cobrir a estrada Farim-Cuntima, dar apoio logístico a toda a Frente Norte e garantir o caminho para as bases do interior, Camdjambari, Morés e para a frente de Nhacra. A princípio era uma basezita de 10 homens mas em 1970 fixei-me aqui reforçando-a com 140 homens treinados no Sul. Tornou-se uma das mais seguras e nunca foi destruída. Aqui guardávamos armas pesadas e munições. Chegaram a partir daqui 300 homens para uma operação de guerra quase clássica, com dezenas de ataques durante 20 dias a Farim, Nema, Cuntima e outros quartéis da Frente Norte. No entanto, fomos várias vezes bombardeados, houve desembarque de helicópteros nas redondezas, sem nunca nos obrigarem a sair desta área. Defendíamo-nos dos ataques aéreos de uma forma simples: mal apareciam os primeiros aviões era dada ordem imediata de abandonar a base. Nessa noite já ninguém lá dormia e no dia seguinte mudávamos tudo para outro sitio, abriamos novas trincheiras, erguíamos novas barracas, construíamos novos depósitos de material».

DAS BASES DA GUERRILHA QUASE NADA RESTA

Como em todas as bases, as barracas aninhavam-se debaixo das copas das árvores. Se cinco ou seis árvores juntas cobriam, por completo o solo, não raro se fazia uma escola ou um hospital. Quando as operações na Frente Norte se agudizaram funcionou em Irmãcono o Centro de Preparação Político Militar. Em 1971, quando se reunia o Conselho Superior da Luta e os responsáveis da base estavam ausentes, não foram respeitadas as regras de segurança, e durante um bombardeamento, morreram quatro pessoas.

Desta base restam apenas alguns vestígios, tal como doutra mais ao Sul, Fambanta, já no raio de acção da artilharia de Farim, com dois bigrupos (cada bigrupo com 36 homens) e artilharia antiaérea. Nesta área o Presidente Luis Cabral foi um dia apanhado por um barragem de artilharia, quando inspeccionava a frente Norte, junto com o escritor sueco Lars Rudebeck. Escaparam sem ferimentos, mas a população da tabanca vizinha ainda hoje recorda esse dia com uma certa emoção e um certo susto.

Nesta peregrinação aos lugares históricos da guerra entrámos em Canjambari, um reduto seguro entre o rio do mesmo nome e a estrada Mansabá-Bafatá. Aqui circulava à vontade o PAIGC. A população fora mobilizada e a estrada para Bafatá tinha sido minada e era intransitável. Foi lá que Luis Cabral recebeu credenciais dos embaixadores da Gâmbia e do Senegal, em Agosto de 74, antes de Portugal reconhecer, «de jure», a nova República da Guiné-Bissau. Foi lá que pela primeira vez o presidente guineense falou ao povo português em entrevista que Joaquim Letria lhe fez para a televisão. Restam por lá algumas casotas de verga e palha, os troncos de árvores que serviam de assento, e a picada aberta até à fronteira com o Senegal, com uns 50 quilómetros de comprimento e por onde passaram os carros blindados da escolta presidencial.

Bafatá e Gabu (antiga Nova Lamego) eram centros importantíssimos da estratégia do exército colonial, com quartéis enormes, hoje transformados em escolas ou aproveitados pelo PAIGC igualmente para fins militares. Mas é a caminho do Boé que se encontram vestígios importantes da vida dura que os soldados portugueses passaram na Guiné.

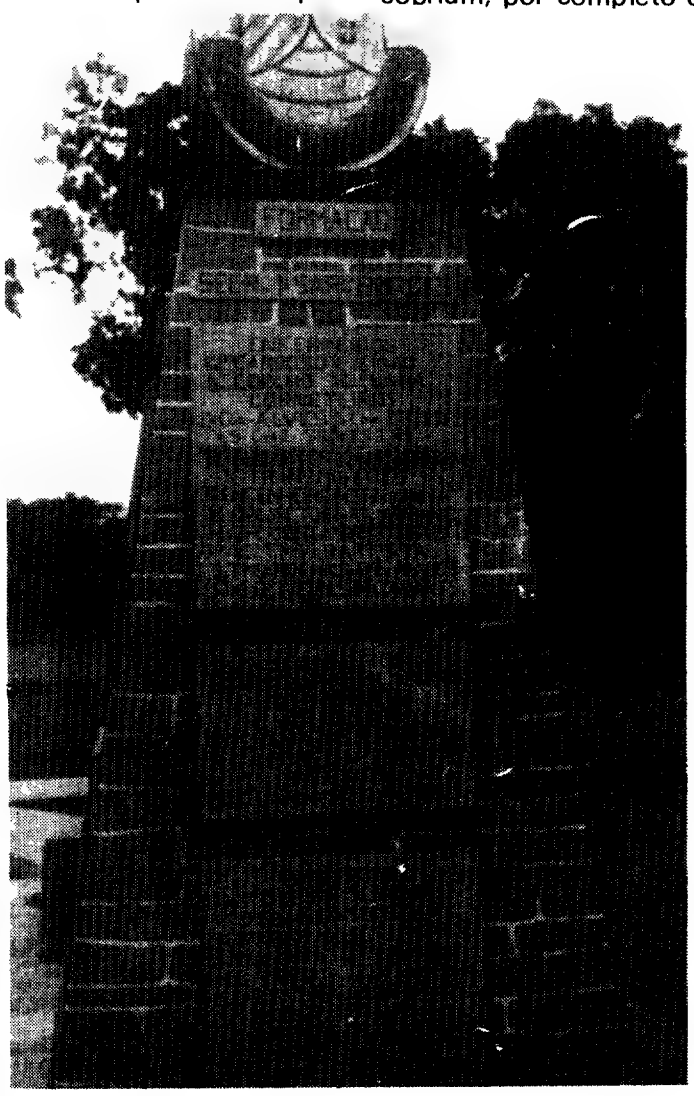
«VIVA O 25 DE ABRIL»

Por exemplo, em Canjadude, último campo fortificado antes do rio Corubal, existe uma impressionante aparato de fortificações, abrigos e postos de vigia no alto das primeiras rochas que anunciam as colinas do Boé.

Abrigos por todo o lado, um deles feito à prova de canhão, e com a «assinatura» do construtor, um tal de João Monteiro. Também instalações sanitárias com floreados na construção, sem faltar, bem visível, a indicação «Lavabos» e, numa pedra trabalhada, a reserva «Oficiais e Sargentos». Ao lado, claro, a assinatura, «Construção à João Monteiro» e o desenho do gato preto que certamente lhe dava sorte. Depois de 25 de Abril alguém desenhou bichanos na cal duma parede escrevendo-lhe a legenda «Gato Preto companhia é de PAIGC».

Ao ler as inscrições nas paredes dos abrigos, ao comparar as anteriores e as posteriores ao 25 de Abril, pode avaliar-se o que representou para os jovens soldados portugueses, exilados da sua terra, o fim dessa guerra colonial. Desenhando com certo requinte, parece até que por profissional, encontrei, num abrigo um Mansabá, um mapa da Guiné, a figura de um soldado, em camuflado e bota de guerra, e a frase «Havemos de vencer, nem que seja a pontapé». Ninguém assinou a declaração. Mas uns quilómetros mais abaixo, no exterior de uma casamata, junto ao buraco onde outrora espreitava a metralhadora Breda ou a G-3, irrompe um grito, a giz branco, um «Viva o 25 de Abril».

O grito ainda hoje se lê. Os efeitos ainda hoje se sentem. A guerra, felizmente terminou. E tanto o povo da Guiné-Bissau como o povo português podem procurar em paz o seu futuro, muito por causa das lutas de libertação, muito por causa do 25 de Abril.



Biambi, um dos mais sacrificados quartéis portugueses: a lista dos mortos de Cavalaria é impressionante

Lay Seck

Que é feito dos fulas?

Que é feito dos fulas? perguntei ao responsável da Região do Gabu (antiga Nova Lamego), onde vive a maior parte da raça fula, na Guiné-Bissau.

(Recordam-se de algumas pichagens nas ruas de Lisboa, no tempo da maior histeria reaccionária contra a descolonização? O mínimo que então se lia era **Abaixo o massacre dos fulas»**)

Esta Região esteve durante a guerra dominada administrativamente, politicamente e militarmente pelos portugueses, disse-me o Presidente do Comité de Estado da Região, Abdulay Seck de seu nome. **Tive que fazer algum esforço para acabar com isso, mas a população reagiu muito bem Havia que separar duas espécies de pessoas: a população em geral, de um lado, e os régulos, chefes de tabancas e cipaios, do outro Quanto à população aceitou perfeitamente a política do Partido, que lhes é favorável, e queria ver-se livre dos chefes que a exploraram tanto como os portugueses Aos chefes, que tinham colaborado em grande parte com a administração portuguesa, chamei-os e expliquei-lhes porque é que não se justificavam mais Disse aos chefes muçulumanos para fazerem a religião e não a política Avisei-os todos que o PAIGC não quer nem régulos, nem cipaios nem chefes de tabanca Quem manda é o comité de base e mais ninguém Também tinhamos aqui muita gente que tinha sido informadora da Pide/DGS mas perdoámos a todos Tinha sido um problema prender essa gente toda e não valia a pena**

Continua na pág 17

Estrangeiro

A PROPÓSITO DE UMA ENTREVISTA

As confissões de Vorster e a cronologia da guerra em Angola

. . . .O primeiro-ministro sul-africano acaba de confirmar em entrevista à «Newsweek» a invasão de Angola por tropas regulares da África do Sul. Tenta, no entanto, desculpar-se, sugerindo que isso foi feito a pedido dos Estados Unidos e com o acordo de seis países africanos, geralmente tidos em África como porta-vozes dos interesses americanos e franceses no continente.

Esta entrevista esclarece suficientemente os motivos que levaram o M. P. L. A. a solicitar ajudas em armas e em homens a países africanos e do bloco socialista, seus amigos desde o início da luta armada. Mas esse pedido e a continuação em Angola daqueles que ajudaram a expulsar do País, as tropas invasoras, compreender-se-ão melhor se atentarmos, com cuidado, na cronologia da guerra, nomeadamente das duas datas fundamentais: penetração das colunas sul-africanas em território angolano e o apelo do M. P. L. A. aos países amigos.

Essa cronologia e os factos que a completam são a base de um serviço especial para o «Diário de Lisboa» e que passamos a divulgar.

A CRONOLOGIA DA GUERRA

. .*A 27 de Agosto de 1975*, quando faltavam uns 75 dias para a independência angolana, os primeiros soldados sul-africanos atravessaram a fronteira da Namíbia e a cidade de Pereira d'Eça, fixando-se em objectivos estratégicos em torno do complexo de barragens do Cunene. Pelo caminho fizeram os primeiros mortos das F. A. P. L. A., nomeadamente o responsável militar fronteiriço, comandante Kalulu.

Nessa altura, ainda a F. N. L. A. e a U. N. I. T. A. combatiam isoladamente contra o M. P. L. A., ainda a sorte da guerra estava longe de se definir mas já os soldados portugueses retrocediam para trás das linhas do M. P. L. A., e os vexames e humilhações, que soldados zairotas e mercenários da F. N. L. A. lhes impuseram nunca foram revelados pelos responsáveis militares nem denunciados à opinião pública internacional.

A partir de meados de Outubro começa a tornar-se claro que U. N. I. T. A. e F. N. L. A. (movimento reforçado por cinco batalhões regulares do Zaire) nada podiam contra o ímpeto popular desencadeado a partir de Luanda. No Norte, as F. A. P. L. A. empurraram o inimigo para além do Caxito e tomaram posições ofensivas ao longo da costa; no Leste, o avanço não encontrou grande resistência; no centro-Sul, quatro colunas avançam em frentes diversificadas com um só objectivo: eliminar a U. N. I. T. A. do planalto e concentrar esforços posteriores, na véspera da independência, na guerra à F. N. L. A. Essas colunas do M. P. L. A. chegam a uma distância média de 70 e 80 quilómetros do Huambo.

É então que da América vem a ordem de avanço para as tropas sul-africanas, e para o reforço, do apoio do Zaire à FNLA. De uma assentada, o Zaire ameaça as fronteiras de Cabinda, a U. N. I. T. A. e a F. N. L. A. formam um comando conjunto, sob chefia de Daniel Chipenda, para dar cobertura «negra» às tropas regulares do Sul. A fronteira da Namíbia é cruzada por mais tropas que se concentram na região de Pereira d'Eça. Os acontecimentos precipitam-se e a guerra vai generalizar-se assumindo um grau até então desconhecido. A África do Sul previra um período de 15 dias para entrar em Luanda, de 23 de Outubro a 11 de Novembro.

É assinalada a presença de Chipenda na Namíbia («para tratamento», dizem agências internacionais) e o M. P. L. A. toma conhecimento do número e das intenções da tropa de choque que se prepara para arrancar até à capital, Luanda. A invasão está sobre rodas.

REUNIÃO DECISIVA DO «BUREAU» POLÍTICO DO M. P. L. A.

Dia 19 de Outubro: Perdida definitivamente a confiança no exército português, para repelir a invasão (recorde-se que Portugal detinha, ainda, a soberania legal do território), uma reunião do «Bureau» Político do M. P. L. A. decide pedir ajuda aós países amigos, citando, expressamente, *o apoio e a solidariedade de Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe, dentro do espírito da CONCP.*

22 de Outubro: Em telegrama assinado por Aristides Pereira e Luís Cabral, o P. A. I. G. C. declara colocar ao lado do M. P. L. A. *toda a capacidade de que pudermos dispor*, acrescentando: *No momento em que começa a batalha decisiva pela independência queremos reafirmar que todos os combatentes e militantes do P. A. I. G. C. se encontram sem reservas ao vosso lado.*

24 de Outubro: Mobilização geral em Luanda, ao mesmo tempo que o presidente Marien N'Gouabi, do Congo, afirma, num comício, que o *povo congolês se encontra pronto a ajudar o M. P. L. A. até à vitória final.* O Exército da República Popular do Congo entra de prevenção e Mobutu é dissuadido de penetrar em Cabinda. Estão em marcha as ofensivas pelo Norte (batalhões do Zaire voltam a empurrar o M. P. L. A. até Quifagondo) e pelo Sul.

31 de Outubro: reunido em Conakry, sob a presidência de Ahmed Sekou Touré, o Conselho Nacional da Revolução da República Democrática da Guiné felicita-se pelo *apoio permanente sempre dado ao povo angolano e particularmente ao M. P. L. A.*, condena a agressão estrangeira, a coberto de países africanos, encoraja o povo angolano a resistir aos assaltos, apela aos povos progressistas do mundo para neutralizarem o «complot» racista e imperialista e reafirma o seu *compromisso incondicional e total em apoiar até à vitória final o povo angolano, sob a direcção do M. P. L. A.*

3 de Novembro: A união sacrílega F. N. L. A./U. N. I. T. A./E. L. P. é anunciada publicamente, como cobertura ao exército regular sul-africano que, nesse dia, com blindados «Panhard», canhões, morteiros, peças sem recuo de 75 mm, montadas sobre «jeeps», ocupa Moçâmedes. Entra na fase final de execução o plano de tomar Luanda antes da independência.

As estradas planas do Sul, alcatroadas e sem obstáculos naturais, facilitam a progressão. A coluna de blindados, extremamente móveis, é apoiada por camiões carregados de tropa regular, homens de Chipenda, antigos «comandos» portugueses e mercenários e coberta por helicópteros de combate. O reabastecimento é feito por aviões sul-africanos que aterram nas cidades entretanto ocupadas.

A estratégia era simples: a coluna móvel, com espantoso poder de fogo, «limpa» as cidades que são de imediato ocupadas por tropas frescas e reabastecidas, directamente, pela África do Sul.

Só que, nessa altura, a viagem de Iko Carreira à Europa, a países socialistas amigos, estava já a preparar e a garantir o apoio em armas pesadas, canhões anticarro e mísseis terra-terra. O problema era resistir até que chagassem tanto o armamento como os soldados cubanos pedidos para o usar.

AFOGADAS AS AMBIÇÕES SUL-AFRICANAS NAS ÁGUAS DO RIO QUEVE

. .*Até aqui, a U. N. I. T. A. e a F. N. L. A. utilizavam enquadramento estrangeiro; eram os quadros do Zaire que se ocupavam da artilharia das grandes unidades, da logística*, afirmava o comandante Iko Carreira, no dia 5 de Novembro, ao chegar a Bissau. O que é hoje ministro da Defesa da República Popular de Angola fez o ponto à situação, numa conferência de Imprensa dada na altura:

. *Ultimamente passaram a participar directamente na luta unidades de infantaria, batalhões inteiros de soldados regulares do Zaire. No Sul a situação também mudou qualitativamente onde assistimos a uma invasão por parte de grandes unidades de cavalaria, compostas por carros blindados da África do Sul do exército que controla a Namíbia, tropas integradas por mercenários portugueses, agentes da P. I. D. E. e outros que fizeram a guerra em Angola e Moçambique.*

Esta coluna, ao atingir Sá da Bandeira, na primeira declaração feita na Rádio, soltou vivas ao E. L. P. e içou a bandeira respectiva, junto com as da U. N. I. T. A. e da F. N. L. A.

Com a entrada em acção dos sul-africanos, a estratégia do M. P. L. A. teve de ser alterada: desistiu de tomar Nova Lisboa, antes da independência; todo o esforço foi concentrado para travar a coluna invasora.

A situação é muito difícil — disse ainda Iko Carreira. *As distâncias entre os pontos estratégicos são muito grandes e é necessária grande mobilidade, apoio logístico e quadros. Nós não estávamos preparados para este combate.*

Face a estes dados, o M. P. L. A. toma medidas drásticas: enquanto não chega o material para o contra-ataque é preciso resistir a todo o custo, juntar esforços e recuar até um ponto geográfico em que os obstáculos naturais impeçam a progressão sul-africana. O rio Queve, a escassa centena de quilómetros de Luanda, foi o ponto escolhido. Vão pelo ar as pontes, consolida-se a defesa, tal como em Quifagondo já se fizeram para impedir a F. N. L. A. de atingir a capital.

No rio Queve viriam a afogar-se as ambições racistas, ainda que hoje Vorster disfarce o insucesso garantindo no Parlamento que recebera ordens dos Estados Unidos para não avançar mais.

A sorte da guerra ficou ali traçada. A partir da resistência, preparou-se o contra-ataque.

Estamos a formar constantemente novos batalhões, explicou um alto dirigente do M P. L. A. ao visitar Bissau, cidade charneira do apoio externo a Angola. *Agora é só uma questão de poderio material. Logo que tenhamos meios materiais, vamos arrancar até à fronteira. Nunca tivemos grandes forças no Sul, teremos alguns reveses, uma ou outra cidade ocupada pelos sul-africanos, mas a concentração de forças que estamos a realizar é para outro tipo de guerra, não é a guerra do mato. Agora esta guerra exige grandes meios.*

Foi neste quadro que chegaram a Luanda armas e munições, soldados cubanos e guineenses para ajudar o M. P. L. A. A guerra conheceria um abrandamento nos dias que se seguiriam à independência enquanto o M. P. L. A. preparava os seus batalhões para o contra-ataque.

CARNIFICINA NA NOITE DA INDEPENDÊNCIA

. .A 10 de Novembro, na noite da independência o imperialismo tentou o último golpe de força. Pelo Sul era impossível chegar a Luanda: atacar-se a Norte. O próprio Holden Roberto esteve na frente a distribuir dinheiro pelos seus homens despedindo-se com um *Até logo, em Luanda.* Nessa noite, muita gente morreu em Quifangondo. O abastecimento de água à cidade chegou a ser cortado. A carnificina foi medonha, mas a F. N. L. A. não passou e para além de não passar, sofreu tal embate que as suas tropas recuaram muito para o Norte, para trás do Caxito. Esta vila mártir tornou-se terra de ninguém até que, dias mais tarde, as F. A. P. L. A. por lá passaram, vitoriosas, a caminho da fronteira Norte.

Da contra-ofensiva muito se escreveu, entretanto. Passado que foi o rio Queve, para Sul, a guerra ficou decidida. A África do Sul reconhece hoje as asneiras cometidas e disfarça-as com as ordens do Tio Sam para impedir que Angola se tornasse livre e soberana.

Enquanto a R. P. A. organiza o seu exército e a sua economia — nisso os soldados de países amigos, que lá continuam, até que Agostinho Neto não o julgue mais necessário, são preciosos — a explicação para o fiasco da invasão racista chega-nos de Luanda, pela voz do mesmo Iko Carreira. Em entrevista dada à última «Afrique-Asie», o ministro da Defesa afirma que *os sul-africanos subestimaram o exército popular e a importância do internacionalismo proletário.*

É isso que, passados tantos meses, o imperialismo continua a não querer compreender.

Angola cria empresa nacional de petróleos

. Sonangol será a designação da Companhia Nacional de Petróleo que a República Popular de Angola vai fundar — noticia a agência France Press.

A criação dessa Companhia foi anunciada pelo primeiro-ministro Lopo do Nascimento, que está a efectuar uma visita a Cabinda, onde se encontram os ricos jazigos petrolíferos de Angola.

'Num discurso relatado pelo «Jornal de Angola» Lopo do Nascimento indicou que a nova Companhia será encarregada de dirigir e executar toda a política petrolífera do país.

O primeiro-ministro indicou, por outro lado, que a Companhia americana «Gulf Oil», que interrompeu a exploração em Cabinda no mês de Dezembro de 1975 (sob pressão do Departamento de Estado americano) havia recomeçado as suas actividades, e que ia ser discutido um novo contrato com esta Companhia, à qual o Governo angolano está associado em 55 por cento.

«Se chegarmos a um acordo quanto a novas condições» — disse Lopo do Nascimento — «eles continuarão a trabalhar. Caso contrário, poderão partir.»

Continua na pág 17

As FAPLA repeliram a grande ofensiva da F.N.L.A., nas vésperas da independência, o que custou o preço de muitas vidas, em Quifangondo

Estrangeiro

A guerra mais próxima da capital rodesiana

SALISBÚRIA, 17 — (ANOP e R.) — Dois novos choques atingiram ontem os inquietos brancos da Rodésia: acordaram com a notícia de que a guerra nacionalista se aproxima da capital, e souberam mais tarde que o Governo sul-africano — desde há uma década solidário com o regime de Ian Smith — havia declarado o seu propósito de não afiançar o Governo de Salisbúria.

Efectivamente, segundo um comunicado oficial, os guerrilheiros que procuram derrubar a minoria de 275 mil brancos actualmente no Poder conseguiram este fim-de-semana a sua penetração mais profunda na direcção de Salisbúria, desde que foi aberta uma segunda frente, desde o início do ano, na fronteira com Mocambique.

Um grupo nacionalista atacou uma junção ferroviária a cerca de 160 quilómetros da capital, obrigando ao encerramento de todo o tráfego ferroviário nocturno entre Salisbúria e Umtali, capital da região oriental do país.

O Governo de Smith absteve-se até agora de qualquer comentário à mais inequívoca declaração feita desde sempre por um alto funcionário sul-africano de que Pretória não prestará assistência militar à minoria branca rodesiana.

O aviso sul-africano, feito pelo secretário de Informação, Eschel Rhoodie, foi clarificado pelo seu superior, durante o fim-de-semana.

Políticos liberais brancos de Salisbúria consideram que esta nova afirmação sul-africana poderá levar Ian Smith a procurar com urgência uma solução com os 6 milhões de brancos que governa.

As conversações constitucionais entre Smith e o dirigente nacionalista Joshua Nkomo malograram-se em Março passado e, desde então, os dirigentes negros enveredaram mais claramente pela senda da guerrilha.

A acção de Smith, ao nomear negros para o seu gabinete, foi considerada «tardia» pelos nacionalistas.

Entretanto, em entrevistas concedidas a duas publicações norte-americanas — «Newsweek» e «U. S. News and World Report» — o primeiro-ministro Ian Smith critica vivamente as asserções do secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, quanto à Rodésia.

Comentando para a última destas revistas a declaração de Kissinger de que os Estados Unidos apoiam um Governo de maioria negra na Rodésia, Smith afirma que se o responsável norte-americano estivesse melhor informado «saberia que qualquer passagem prematura de Poder por parte dos brancos conduziria rapidamente a lutas entre facções negras rivais».

Kissinger «tenciona pressionar os rodesianos brancos a entregar este país a um Governo negro na vã esperança de que isso desencoraje a intervenção comunista».

«Deixe-me assegurar que não tencionamos satisfazer os comunistas entregando o nosso país, apesar dos Governos norte-americano e britânico nos negarem armas para nos defendermos» — acrescentou o primeiro-ministro.

Smith observou ainda que o objectivo último do seu regime é o Governo de maioria negra, «mas responsável».

Para a «Newsweek», o primeiro-ministro adianta que, apesar da posição de Kissinger, o seu Governo veria com bons olhos qualquer iniciativa diplomática norte-americana na região.

Por seu lado, quanto ao primeiro-ministro britânico, James Callaghan, entrevistado pela revista norte-americana «Time», pediu aos Estados Unidos para rejeitarem a emenda Byrd, que permite rodear as sanções das Nações Unidas à Rodésia e possibilita as importações de crómio daquele país.

«Não desejo interferir de qualquer forma com o Congresso, mas como amigo dos Estados Unidos, devo dizer que seria do interesse norte-americano a longo prazo fazer isto» — afirmou Callaghan.

O chefe do Governo britânico saudou o secretário norte-americano de Estado, Henry Kissinger, pelos seus esforços relativamente à política africana.

Entretanto , foi anunciada ontem em Salisbúria a morte de um soldado rodesiano ferido em combate a semana passada. No mesmo comunicado, três outros soldados brancos foram mortos e outros ficaram feridos.

O corpo de Jean Bilski, assassino do banqueiro Jacques Chaine, no local do crime, em frente do Credit Lyonnais, em Paris. Bilski, dado como anarquista nos arquivos da Polícia, deu um tiro na cabeça depois de ter alvejado o presidente daquele banco, o segundo maior da França

Diplomata sul-africano posto em causa

LONDRES, 17 (R.) — Ao ministro dos Negócios Estrangeiros Anthony Crosland, será hoje pedido para expulsar um diplomata sul-africano por causa de uma alegada tentativa para conseguir um filme pornográfico com o qual desacreditaria um político britânico de destaque.

8 O deputado trabalhista Frank Hooley afirmou que apresentará a Crosland uma moção urgente na Câmara dos Comuns solicitando que Johan Russouw, segundo secretário na embaixada sul-africana, seja declarado «persona non grata».

Círculos políticos disseram que o primeiro-ministro, James Callaghan, o ministro do Interior, Roy Jenkins, e outros altos funcionários têm estado a estudar as revelações feitas no sábado pelo jornal «The Guardian».

O periódico disse que fora contactado por um jovem de 20 anos, que afirmou que estivera envolvido na filmagem da película que, nas suas palavras, teria como personagem principal um político não identificado. O jovem declarou que o diplomata lhe aparecera depois e pedira uma cópia do filme.

O «Guardian» afirma hoje que Russouw seria quase de certeza declarado «persona non grata», nos próximos dias, se as autoridades sul-africanas não o fizessem regressar ao seu país antes de tal acontecer.

A notícia, publicada na primeira página com o título «enviado «pornográfico» à beira da expulsão», dizia que se julgava que Russouw poderia já ter abandonado a Grã-Bretanha.

Morreu o escritor Samuel Morison

BOSTON, 17 — (R.) — Samuel Eliot Morison, galardoado com dois Prémios Pulitzer, por biografias históricas, morreu num hospital desta cidade, após um ataque cardíaco. Morison, almirante na reserva, contava 88 anos e um dos seus livros mais conhecidos era uma biografia de Cristóvão Colombo, «Almirante do Mar Oceânico».

Caleidoscópio

■ BEIRUTE, 17 — (R.) — Perderam a vida dez crianças e mais 30 ficaram hoje feridas quando uma granada explodiu num jardim de infância no campo de refugiados palestinianos de Tel Al-Zattar, a sueste de Beirute — revelaram fontes afectas aos fedaínes.

■ LONDRES, 17 — (R.) — Um violento abalo de terra causou hoje grande destruição em várias áreas da Ásia Central soviética, segundo Rádio Moscovo.

■ NABLUS, 17 — (R.) — Um residente árabe de um carro de refugiados palestinianos próximo de Jerusalém foi morto a tiro hoje durante distúrbios anti-israelitas que abalaram a margem ocidental ocupada do rio Jordão.

Mais a norte, em Nablus, a maior cidade da margem ocidental, praticamente toda a cidade participou em manifestações de rua em protesto contra a morte, verificada ontem, de uma jovem de 17 anos.

■ LONDRES, 17 — (R.) — Um pelotão de fuzilamento nigeriano executou o tenente-coronel B. S. Dimka, o oficial que chefiou o abortado golpe de 13 de Fevereiro — anunciou Rádio de Lagos.

■ NOVA IORQUE, 17 — (R.) — O chefe do Estado-Maior das Forças Armadas do Salvador, coronel Manuel Alfonso Rodriguez, foi preso por cumplicidade numa conjura para vender ao mundo do crime norte-americano dez mil metralhadoras ligeiras compradas ostensivamente para exportação para o seu país — anunciou o gabinete do procurador-geral dos Estados Unidos.

A fiança para o coronel Rodriguez foi fixada em três milhões de dólares (quase 90 mil contos).

Giscard nos E.U.A.

Seis dias para melhorar a imagem de França

PARIS, 17 — (R.) — O presidente francês Valéry Giscard d'Estaing parte hoje para Washington a bordo de um avião de passageiros supersónico Concorde, numa visita oficial de seis dias aos Estados Unidos, durante a qual espera melhorar a imagem da França aos olhos do povo americano.

O chefe de Estado francês planeou a visita há meses para assinalar o o bicentenário norte-americano, mas autoridades admitiram que a altura era inoportuna em face dos fracos resultados do presidente Ford na campanha eleitoral para a Presidência.

Além disso, uma série de sondagens à opinião pública efectuadas nos Estados Unidos, uma das quais encomendada pelo próprio presidente, revelaram que um número significativo de americanos tem uma impressão desfavorável acerca da França.

As conclusões das sondagens por exemplo, que apenas 35 por cento dos americanos consideram a França como um aliado, perturbaram claramente a sensibilidade nacional francesa e têm constituído um tema importante nos boletins noticiosos de Rádio e Televisão.

Mas os meios de comuniação franceses têm procurado salientar que a visita do presidente Giscard d'Estaing se destinará a eliminar equívocos entre os dois países.

O principal canal de Televisão francesa forneceu a noite passada um entretinimento consistindo inteiramente de programas de TV americanos. Os locutores leram os seus noticiários tendo como fundo a bandeira dos Estados Unidos, as datas 1776 e 1976 e a imagem picetada de uma «majorette».

Ao utilizar o Concorde anglo-francês para a visita, Giscard d'Estaing espera suavizar a oposição ao avião depois da recusa de Nova Iorque em lhe conceder direitos de aterragem.

Sobre a Europa, espera-se que discuta as vitórias comunistas no Sul da Europa e as suas perspectivas em Itália e em França. Giscard avisará provavelmente os americanos contra qualquer iniciativa para travar os avanços comunistas.

Além disso, Giscard d'Estaing falará amanhã no Congresso em inglês.

Kissinger disposto a demitir-se

WASHINGTON, 17 — (ANOP, FP e R) — O secretário de Estado Henry Kissinger, sob ataque político neste ano eleitoral, declarou numa entrevista divulgada a noite passada que preferia abandonar o cargo se o presidente Gerald Ford fosse reeleito.

Kissinger, arquitexto da política externa norte-americana nos últimos oito anos, deixou no entanto em aberto a possibilidade de algum acontecimento imprevisto o fazer permanecer no seu posto.

Referindo-se ao canal do Panamá, afirmou:

«Se necessário, defenderemos o Canal do Panamá. Isso depende do facto de virmos ou não a conseguir as condições que consideramos essenciais para a nossa segurança».

Falando em seguida sobre a sua recente viagem a África, Kissinger acentuou nomeadamente que fora ai enviado «para evitar uma conflagração na parte sul da África e para ver se a influência comunista da União Soviética e de Cuba podia ser travada e iniciar-se uma evolução positiva».

Ainda quanto à África, Kissinger não crê que esteja iminente uma nova intervenção cubana mas é de opinião que, se isto se verificar, se seguiria «uma crise internacional muito grave».

Contrariamente ao que poderia passar-se no Panamá, o secretário de Estado não encara a possibilidade do envio de forças norte-americanas para o continente africano, a fim de suster uma hipotética ofensiva cubana.

A sua anunciada intenção de se retirar será provavelmente bem recebida pelo campo de Ford, podendo contribuir para neutralizar a acalorada questão Kissinger nos próximos meses.

DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR

Avisam-se os alunos do Ensino Superior, de que decorre de 1 de Junho a 15 de Julho, o prazo para candidaturas a benefícios de carácter económico, as quais devem ser apresentadas nos Serviços Sociais das Universidades e Institutos Universitários. Para os alunos do 1.º ano em 1976/77, o prazo será até 15 de Outubro. Só serão consideradas candidaturas de alunos cujo rendimento familiar «per capita» não exceda 4.000$00.

O SUB-DIRECTOR GERAL

Fraser Monteiro

Nacional

Anteontem no Campo Pequeno

Solidariedade com os povos latino-americanos

«Milhões de latino-americanos sem pão, vegetam nos campos em imensas extensões de latifundios, enquanto dólar a dólar, os monopólios do imperialismo norte-americano vão enriquecendo com a dor e o sofrimento do nosso povo», disse, no sábado, no Campo Pequeno, a milhares e milhares de portugueses presentes no comício de solidariedade — com os povos da América Latina, organizado pelo Partido Comunista Português, o 1.º secretário do P.C. do Uruguai, Rodney Arismendi.

O Comício que foi, de facto, uma inolvidável jornada de solidariedade militante e de internacionalismo proletário — assim a sublinhariam outros oradores presentes, como Carlos Prestes, secretário-gera, do P.C. brasileiro, Samuel Riquelm, do Comité Central do P.C. do Chile e Álvaro Cunhal — durou cerca de cinco horas e registou a presença de inúmeras representações de células comunistas em empresas de Lisboa e de outros pontos do País, além numerosos antifascistas (comunistas ou não), que ali foram comungar na tarde de solidariedade com os explorados e oprimidos da América Latina.

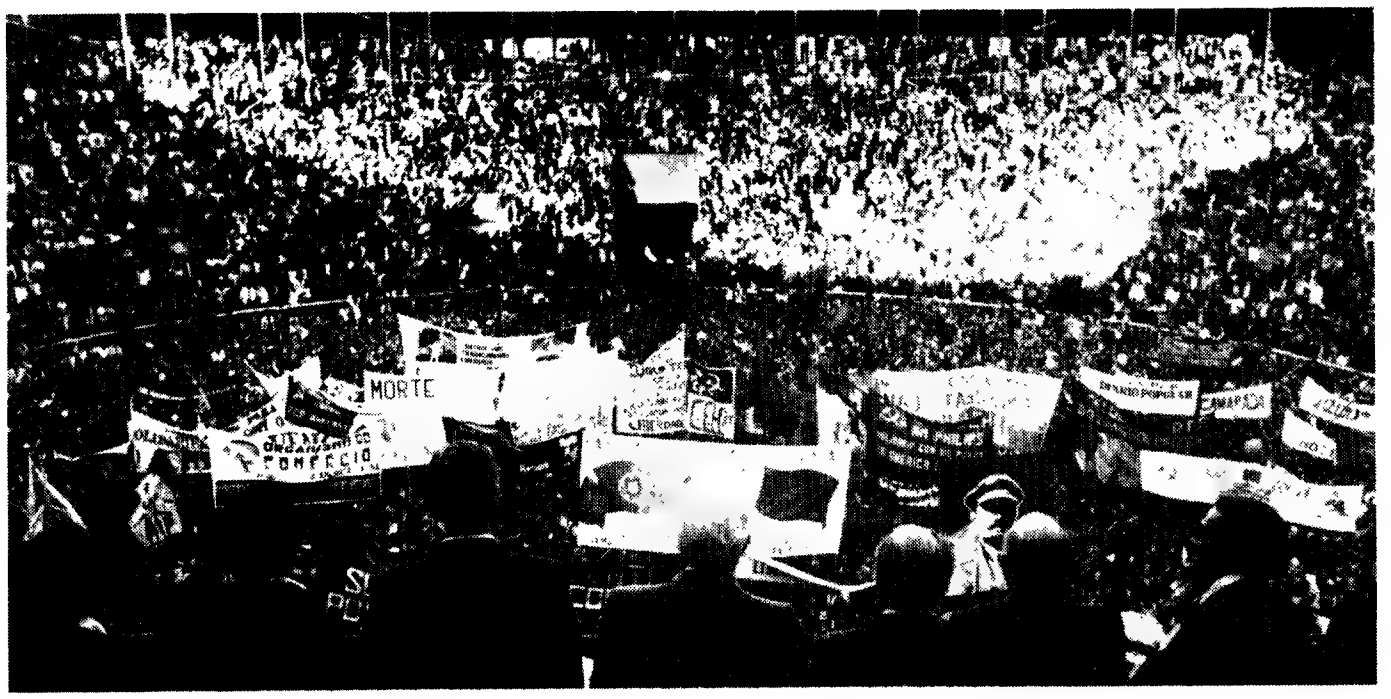
«O CHILE VENCERÁ»

Após a apresentação dos concidados feitas por Albano Nunes, membro suplente do C.C. do P.C.P., usou da palavra Samuel Riquela representante do P.C. chileno. Sob os repetidos gritos da assistência, «o Chile Vencerá», «Morte à C.I.A.», e «Liberdade para Luís Corvalán», aquele dirigente comunista chileno, que esteve preso e foi submetido, durante dois anos, a cruéis torturas num campo de concentração de Pinochet, antes de ser expulso pela Junta fascista, recordou a herança dos fascistas em apenas dois anos e meio de poder: «milhares de operários, camponeses, empregados e intelectuais foram expulsos do seu trabalho. Mais de 800 mil trabalhadores desempregados; três milhões de chilenos-homens, mulheres, jovens e crianças passam fome. É isto o que o fascismo está fazendo da nossa Pátria. É recordou ainda: «na época do Governo de Unidade Popular, do revolucionário e consequente camarada Salvador Allende, os trabalhadores chilenos tinham um rendimento de 150 dólares por mês; agora com a junta fascista, com os generais traidores, o salário médio baixou para 45 dólares por mês».

« É DIFÍCIL MAS É NOSSA »

Luís Carlos Prestes, herói lendário da América Latina, o homem que na década de 20 percorreu com a célecre «coluna invicata» mais de 30 mil quilómetros do Brasil, e é secretário-geral do Partido Comunista do Brasil há 32 anos, aclamado com entusiasmo pela multidão, sublinharia o papel no trabalho pela paz do sistema socialista mundial «em união cada vez mais estreita com o movimento operário internacional e com o grandioso movimento dos povos que lutam pela libertação nacional».

Saudou ainda as vitórias dos povos da Guiné-bissau, Moçambique e Angola. A este propósito diria: «Os que um dia escravizaram o homem e o enviaram à América, como teve ocasião de afirmar há poucos dias o grande dirigente do povo cubano, camarada Fidel Castro, talvez não imaginassem jamais que um desses povos, que recebeu escravos, enviaria os seus combatentes a lutar pela liberdade em África».



Milhares e milhares de trabalhadores estiveram presentes no sábado no Campo Pequeno, testemunhando uma solidariedade activa para com os povos da América Latina, contra o imperialismo

Carlos Prestes recordou depois o papel de «gendarme dos Estados Unidos» que a C.I.A. e o Pentágono têm destinado na América Latina ao Brasil. Disse que o salário amínimo real dos brasileiros desceu de 55 por cento e o salário médio real diminuiu de 30 por cento. «Aqui está a base do chamado milagre económico brasileiro que durou de 1968 a 1973», afirmou: Sob os gritos, «O Brasil Vencerá», Carlos Prestes falaria também das perseguições e torturas que a polícia política fascista do seu país desencadeia, sobre os comunistas, e concluiu dirigindopalavras de confiança à luta do povo português afirmando que a palavra de ordem «a vitória é difícil mas é nossa» será transformada em realidade», e que a nossa revolução «é um exemplo para todos os povos que ainda lutam para libertar-se do fascismo e do imperialismo».

«Neste campo cheio de cor e de vida, onde estão lado a lado os homens do aço vermelho que o terror fascista e a tortura não conseguiram quebrar, com os novos combatentes da classe operária, com os jovens, as raparigas e até crianças, neste campo que é a expressão viva do novo Portugal revolucionário, estamos vendo a imagem do novo Portugal e do grande Partido Comunista Português», diria Arismendi no início do seu belo e comovente improviso, interrompido frequentes vezes pelos aplausos intensos da assistência.

Agradecendo a «solidariedade combativa da classe operária e dos comunistas portugueses» o secretário-geral do PC uruguaio saudo as conquistas revolucionárias do Povo portugues, nomeadamente as nacionalizações e a Reforma Agrária.

Evocou depois o papel decisivo da Revolução Soviética em 1917, a vitória do Vietname e a Cuba revolucionária, como momentos e pilares determinantes da libertação dos povos na luta contra o imperialismo. Lembrou que o imperialismo norte-americano «jogando a cartada feroz do fascismo» organizou «os golpes de Estado na Bolívia e Uruguai e finalmente no Chile, assassinando Allende e milhares e milhares de patriotas e revolucionários».

Recordou também que em Julho de 1973, no Uruguais, «quando se instalou a ditadura, a classe operária uruguaia respondeu com uma greve geral de 16 dias, com ocupação de fábricas, manifestações de rua que acabaram por ser dispersas pelos tanques no centro de Montevideu. «Aos gritos de «a luta continua» vindos da assistência, Arismendi falou da resistência actual contra o fascismo afirmando que «a ditadura não conseguiu o apoio de nenhum partido político» e tem contra ela a própria Igreja Católica.

CONTRA O ANTI-SOVIETISMO

Álvaro Cunhal encerrou a série de intervenções com um significativo discurso em que além de desfazer dúvidas acerca da posição do PCP acerca das eleições presidenciais, reafirmou posição intransigente do partido em matéria de internacionalismo proletário. «A nossa posição está definida e bem definida sublinhou Cunhal — estamos profundamente interessados na unidade democrática e antifascista com o PS. Estamos dispostos a discutir, a dialogar a encontrar em comum plataformas políticas e de acção prática. Mas não traficamos com posições essenciais. O espírito de classe e de consciência revolucionária do nosso Partido não são moeda de troca nem com inimigos nem com aliados».

«Repetindo as calúnias mais vis, a reacção — continuou o dirigente do PCP — exerce uma pressão constante para que os comunistas e os trabalhadores «marquem distâncias» em relação à URSS aos países socialistas, e quando tais ou tais sectores do movimento operário cedem a essa pressão e embarcam no navio apodrecido do anti-sovietismo, logo as forças reaccionárias e conservadoras lhes fazem o elogio e lhes passam atestado de nacionais e independentes.

Ao contrário, quando um partido, cioso da sua real independência de classe, resiste de cabeça erguida à pressão reaccionária e imperialista e mantém a sua fraternal amizade com a União Soviética e os outros países socialistas, cujas realizações, defesa e política, (a par da luta da classe operária, dos trabalhadores e do movimento de libertação), desempenham um papel determinante ao desenvolvimento do processo revolucionário mundial, solidários para com os partidos comunistas e os trabalhadores de todos os países solidários para com os povos em luta pela conquista, a defesa e a consolidação da independência».

«Nós, comunistas portugueses, não estamos interessados nos atestados de bom comportamento passados pelos imperialistas e pela reacção.

Estamos certos de que não existe em Portugal um único comunista que admitisse que o seu partido entrasse no jogo anti-soviético e recebesse por esse facto os elogios de Freitas do Amaral, de Sá Carneiro e mesmo de Mário Soares».

No final de todas as intervenções foi aprovada por aclamação uma moção em que se saúda a luta dos povos da América Latina, e se apela para a solidariedade nesse combate e se reclama a libertação de Corvalan e de todos os democratas e patriotas presos no continente e se reclama o fim da ingerência imperialista.

Houve ainda no final uma sessão de canto livre com a participação activa de toda a assistência que cantou e dançou ao som de hinos e canções revolucionárias.

PUB

TRABALHADORES DO COMÉRCIO EM LUTA NO DISTRITO DE SETÚBAL

PONTO DA SITUAÇÃO

Pela primeira vez os trabalhadores do Comércio e ramo Retalhista do distrito de Setúbal, realizaram no sábado passado uma forma de luta do tipo superior .. **a greve** ..

A adesão maciça à greve demonstrou claramente o grau de consciência de classe, e a razão que nos assiste.

ZONA — A — ALMADA ..... 90 POR CENTO
ZONA — B — BARREIRO ..... 99 POR CENTO
ZONA — C — SETÚBAL ..... 95 POR CENTO
ZONA — D — MONTIJO ..... 95 POR CENTO
ZONA — E — GRÂNDOLA ..... 95 POR CENTO

MÉDIA GERAL DO DISTRITO ..... 92,7 POR CENTO

Várias tentativas houve de furar a greve, especialmente das firmas cujos patrões fazem parte da comissão negociadora, tais como:

Guedes (Setúbal), Sustelos, Ld.ª (Setúbal),
Casa Barroca (Almada), Univense (Montijo),
Móveis Coelho (Cacilhas), etc.

Nestes casos a acção dos piquetes de greve foi preponderante no esclarecimento e persuação dos trabalhadores e do público consumidor.
No entanto foram muitos os patrões que nos deram razão!!
Aliás nós trabalhadores não mentimos, temos vindo a dizer que temos a razão!!
Resta-nos apenas perguntar:

O que pretendem as associações patronais?
Criar o descontentamento no público consumidor?
Atirar trabalhadores contra trabalhadores?
Criar o mal estar dentro das empresas?

Zenão vejamos:
Porque foram as associações patronais ao governo civil pedir a polícia de choque, alegando que os trabalhadores queriam partir as montras dos estabelecimentos?

Perguntamos: **Qual foi a montra que foi partida?**

NÓS DIZEMOS NÃO À DESTRUIÇÃO
APENAS QUEREMOS O C.C.T. SEM IVERTICAL

UNIDOS VENCEREMOS

"O que foi o M.U.D.?"

— tema do M.U.T.I. para esta noite

«O que foi o MUD?», é o tema da sessão desta noite do MUTI (Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais). Nela será evocado o significado e a obra do MUD, uma organização política que foi determinante na luta antifascista nos anos a seguir à guerra.

Serão convidados Fernando Piteira Santos, Joaquim Namorado e António de Sousa.

A sessão realiza-se como habitualmente no Teatro Vasco Santana às 21 e 20.

Geral

Samora Machel hoje em Moscovo

. Samora Machel, presidente da República Popular de Moçambique, chega hoje a Moscovo para uma visita oficial, que já havia sido anteriormente anunciada.

Noticiando ontem a partida do dirigente africano para Moscovo, Rádio Moçambique informou que, antes de partir, Samora Machel declarou, em entrevista aos representantes das agências soviéticas Tass e Novosti em Maputo, que «só existem hoje no Mundo duas ideologias: a burguesa e a marxista-leninista». E Machel acrescentou: «Nós escolhemos o marxismo-leninismo».

A agência oficial soviética Tass, que noticia hoje a chegada de Samora Machel, não fornece quaisquer pormenores sobre a hora da chegada nem sobre o programa da visita.

A visita de Samora segue-se a uma outra, efectuada há três semanas a Moscovo, por uma delegação militar moçambicana chefiada pelo ministro da Defesa, Alberto Chipande, a qual travou conversações com o marechal Andrei Grechko, dois dias antes da morte deste. c O «Pravda» inclui hoje na primeira página um elogio a Samora Machel, cuja visita — segundo os observadores ocidentais — tem em vista buscar auxílio militar e económico, na sequência do encerramento da fronteira com a Rodésia.

Entretanto, no âmbito de um acordo firmado entre Moçambique e a Suécia para 1975-1976 chegaram ontem ao Maputo 10 mil toneladas de trigo sueco, primeiro contingente de um total de 55 mil. Setenta e cinco por cento daquele carregamento destina-se a duas empresas alimentares moçambicanas. Ao acto de descarregamento assistiram o embaixador sueco na Tanzânia e um representante do Ministério sueco do Planeamento.

Finalmente, as autoridades do Maputo libertaram no sábado dois empregados do caminho-de-ferro rodesiano que haviam sido detidos em Março. Ao todo foram presos em Moçambique dezoito agentes do caminho-de-ferro rodesiano. Doze foram libertados em 13 do mês passado. Com estas libertações, restam três detidos: dois de nacionalidade moçambicana e um do Malawi.

Petróleo de Angola

Continuação da pág. 14

. Antes de interromper as suas actividades em Angola a «Gulf Oil» produzia em Cabinda uma média de 130 000 barris de petróleo por dia.

Entretanto, o presidente Agostinho Neto encontra-se de visita ao Sul de Angola, onde permanecerá durante uma semana. É esta a primeira visita que Agostinho Neto faz ao Sul do país desde a proclamação da independência. Antes de partir na sexta-feira à noite para essa visita, o presidente recebeu Stefan Andrei, membro suplente da Comissão Política do Partido Comunista da Roménia, com o qual abordou várias questões de interesse mútuo. Stefan Andrei demorou-se alguns dias em Angola, tendo travado conversacões com dirigentes de vários departamentos, para examinar as possibilidades de cooperação bilateral nos sectores da indústria, agricultura, transportes, formação de quadros e assistência técnica.

Que é feito dos fulas?

Continuação da pág 13

Demos segunda oportunidade: se voltarem a fazer outra, então serão castigados »

Segundo Lay Seck, quando foram presos alguns antigos comandos, relacionados com uma intentona frustrada em Março do ano passado, vários régulos fugiram para o Senegal dizendo **«Agora vão os comandos Amanhã a milícia. Depois somos nós».**

Fui eu próprio ao Senegal falar com eles, contou o Presidente do Comité de Estado da Região fula. **Mandei chamar outros, e hoje estão todos aí, têm a sua vida, trabalham e não têm criado problemas aos comités de base Mandar na população é que já não pode ser nada Em cada tabanca, os responsáveis são os elementos do «comité» local e nunca mais os régulos, os chefes religiosos e os cipaios. Há outra coisa importante: os fulas são muito respeitadores da lei. Era assim com os portugueses, e é assim agora com o PAIGC. Não encontramos, aqui, os problemas que muita gente previa e a atitude da população é inteiramente favorável ao trabalho e à paz».**

PUB

SINDICATO
DOS PROFESSORES
da Grande Lisboa

ENSINO PRÉ-PRIMÁRIO

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os sindicalizados neste Sindicato do sector de Ensino Pré-Primário para uma **reunião no dia 19/5/76, pelas 21 horas** na **Rua das Gaivotas, 6,** com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Informações.
2. Estatuto Único do Trabalhador do Ensino Pré-Escolar.

A DIRECÇÃO SINDICAL

Sindicato de Garagens, Postos de Abastecimento, Transportes e Ofícios Correlativos do Centro e Sul

Abrangendo os distritos de Beja, Castelo Branco, Évora, Faro, Leiria, Portalegre, Santarém e Setúbal

Avenida Almirante Reis, 45, 1.º — Telefs. 839318/848633

LISBOA-1

COMUNICADO

Tendo-se realizado eleições para os Corpos Gerentes deste Sindicato, ontem, dia 14 de Maio de 1976, apuraram-se os seguintes resultados provisórios:

LISTA A

Assembleia Geral	507, votos
Direcção	514, votos
Conselho Fiscal	512, votos
Nulos	37, votos

LISTA B

Assembleia Geral	582, votos
Direcção	576, votos
Conselho Fiscal	588, votos
Nulos	30, votos

Lisboa, 15 de Maio de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Filipe Morais Farias

Em ALBUFEIRA, o DIARIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (AntónioSantos Labisa)

A TODOS OS TRABALHADORES DO SECTOR DE HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

PLENÁRIO

PLENÁRIO

Convocam-se todos os trabalhadores abrangidos pelo Contrato Colectivo de Trabalho Vertical, em discussão, para um PLENÁRIO a realizar no dia 20 de Maio de 1976, quinta-feira pelas 15,30 no Teatro Laura Alves, R. Palma 253 com a seguinte ordem de trabalhos:

ORDEM DE TRABALHOS:

1.º Informação sobre o processo de revisão do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical.
a) Recusa do patronato em estar presente às negociações.
b) Lei da Contratação Colectiva e posição do Ministério do Trabalho no processo de negociação.
2.º Aceitação de mais propostas de alteração, ao projecto de revisão do Contrato Colectivo de Trabalho

Lisboa, 13 de Maio de 1976

A Comissão Negociadora Sindical

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DA INDÚSTRIA DE HOTELARIA, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL
FEDERAÇÃO REGIONAL DOS SINDICATOS DA INDÚSTRIA DE HOTELARIA, RESTAURANTES E SIMILARES DO NORTE
FEDERAÇÃO REGIONAL DOS EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO SUL E ILHAS ADJACENTES
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS METALÚRGICOS

NOTA: Os delegados sindicais deverão afixar esta convocatória, em locais visíveis, de modo a que todos os trabalhadores possam ser informados do seu conteúdo.

pensando em si
organizamos em 1976
as excursões
mais económicas
de sempre

"TEMPOS LIVRES 76"

ALGARVE	desde *85$
TORREMOLINOS	desde 2500$
MADEIRA	desde 2800$
PALMA DE MAIORCA	desde 3420$

* POR DIA POR PESSOA

LONDRES	desde 3850$
LAS PALMAS	desde 4440$
ROMA	desde 5600$
SUIÇA E AUSTRIA	desde 11400$

consulte o seu agente de viagem

NOS OFERECEMOS O MELHOR
VOAMOS COM A TAP

VIP TOURS OPERADORES TURISTICOS ASSOCIADOS

Espectáculos

O grupo «Jok» trouxe até nós danças da Moldávia, cuja apresentação tem constituído sucesso. Na imagem, um pormenor do espectáculo de estreia no Coliseu de Lisboa

Ciclo de homenagem a Louis Lumière

A Cinemateca Nacional, em colaboração com a Direcção-Geral da Acção Cultural, a Embaixada de França e o Instituto Francês vai realizar no anfiteatro da Escola de Belas-Artes, do Porto a partir de hoje, às 20 e 30, uma série de sessões cinematográficas integradas no «Ciclo de Homenagem. a Louis Lumière», com o seguinte programa: hoje: «Cinematógrafo Lumière», realização de Paul-Edmond Decharme; «Nascimento do cinema», realização de Roger LeeNHARDT; «O Grande Melies», realização de Georges Franju; dia 19: «A invenção do diabo», seguido da exibição de «Primitivos» franceses realizados entre 1901 e 1912; dia 21: «George Melies» (colorido), «Lumière» realização de Marc Allegret; dia 22: «Cinematógrafo Lu ière», realização de Pa l-Edmond De harme.; «O aparecimento do cinema sonoro», realização de Armand Panigel; e dia 24: «O Grande Melies» (colorido), «Lumière» relização de George Franju; «Cem por cento falado e cantado», realização de Armand Panigel.

As sessões são públicas e os bilhetes estão à venda ao preço de 5 escudos, à hora das sessões, na Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

A anteceder a 1.ª sessão, hoje, às 21 e 30, o director do Instituto Francês, dr. Jacques Darthuys, proferirá uma curta alocução.

No salão da delegação do MCS à R. Sa ta Ca arina, 895-1.º, estará patente até 29 de Maio, a exposição fotográfica sob o tema «80 anos de cinema francês».

"OS DEMÓNIOS" EM CANNES

O filme de Fonseca e Costa, «Os Demónios de Alcácer Kibir», será exibido no Festival de Cannes no próximo dia 24, integrado na Quinzena do Realizador.

Apresentado uma única vez, no decurso das Conversações Cinematográficas Luso-Espanholas, no Porto, o filme tem sido considerado, pelos críticos que já o viram, uma das importantes realizações do cinema português.

Últimas representações de "Preço da Vida"

No Teatro Vasco Santana, entrou nas últimas representações a peça «PREÇO DA VIDA», trabalho em que dois sociólogos ingleses — Michael O'Neill e Jeremy Seabrook analisam uma família que, mercê da sociedade de deficientes em que se insere, vive marginalizada e desumanizada. Neste texto brutal, os autores falam-nos da miséria dissimulada de uma sociedade em que se procura, não a divisão igualitária pseudo-socialismo em que «os ricos sejam menos ricos e os pobres menos pobres».

Interpretada por Laura Soares, Fernanda Monteiro, Manuela Cassola, Fernanda Coimbra, Helena Félix, Vítor Hugo, Mário Pereira, Susana Prado, Augusto Leal e Dinis Castelo (ordem de entrada em cena), «PREÇO DA VIDA», cederá em breve o seu lugar no Teatro Vasco Santana à peça «FANSHEN», baseada num relato do escritor norte-americano William Hinton sobre a aplicação, numa pequena aldeia, de uma reforma agrária progressista.

Vítor Hugo, Susana Prado, Helena Félix e Mário Pereira numa cena de «Preço da vida»

T.E.P. PREPARA "A FÁBRICA"

Em breve o Teatro Experimental do Porto estreará a nova peça "A FÁBRICA", de Roberto Merino, que se encontra em ensaios desde Fevereiro.

Os espectáculos realizar-se-ão na Faculdade de Engenharia do Porto, com entradas gratuitas.

O grupo de teatro amador do T.E.P. estreará, assim, um novo trabalho, depois de quase um ano de representações com a peça "E ERA UMA VEZ", no Porto e na província, em colaboração com Comissões de Moradores, de Fábricas, Organizações Culturais e Sindicatos.

Este grupo participará no festival de teatro de Vila Pouca de Aguiar, na primeira amostra de teatro amador da Nazaré e no primeiro fim de semana cultural em Guimarães.

ADÓQUE teatro
NO MARTIM MONIZ - TEL. 87 42 80
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
Hoje. às 21.30
TARAN-TAN-TAN NÃO ENCHE BARRIGA
M/13

PUB

EXPORTAÇÃO, IMPORTAÇÃO E INDÚSTRIA DE MADEIRAS (Incluindo aglomerados de partículas, fibras, contraplacados e lamelados)

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores abrangidos por estes sectores para um Plenário, a realizar no **próximo dia 17 de Maio de 1976, pelas 21 horas**, na sede do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Av. República, 29, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único — Análise do C.C.T. Vertical Nacional

COMPARECE: A TUA PRESENÇA É INDISPENSÁVEL

- Federação Nacional do Sindicato de Trabalhadores do Comércio
- Sindicato Trabalhadores de Escritório de Lisboa
- Sindicato Trabalhadores Rodoviários de Lisboa
- Sindicato Técnicos de Desenho
- Sindicato Cobradores e Profissões Similares de Lisboa
- Sindicato Fogueiros de Mar e Terra do Sul e Ilhas Adjacentes
- Sindicato Trabalhadores Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares
- Sindicato Trabalhadores em Garagens
- Sindicato Electricistas do Sul
- Sindicato Engenheiros do Sul
- Sindicato Engenheiros
- Sindicato Enfermeiros

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Mealhada, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa e a que se refere o processo 8/57637, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Pampilhosa do Botão, concelho da Mealhada, de uma linha aérea a 15 kV, com 907 metros, do apoio n.º 3 da linha para o posto de transformação de Pampilhosa II, ao posto de transformação de Pampilhosa III da Câmara Municipal da Mealhada.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Maio de 1976.

O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37 e na Secretaria da Câmara Municipal do concelho de Gondomar em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/57173, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Medas, concelho do Gondomar, de uma linha mista a 15 kV, com 1097 metros, sendo a parte aérea 1069 metros e parte subterrânea com 28 metros, do apoio n.º 41 A da linha para o Posto de Transformação de Melres ao Posto de Transformação de Costa Lima, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municial, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 6 de Maio de 1976.

O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

2 SENSACIONAIS EXCURSÕES
AVIÃO A JACTO TAP-ESTADIA EM BONS HOTEIS
ACOMPANHADAS POR DELEGADO abreu

SUIÇA ÁUSTRIA
Partidas: 26 Julho, 5 15 e 25 Agosto, 4 Setembro
Berna-Innsbruck
Cortina d'Ampezzo-Viena
Salzburg-Munique-Zurique
Lagos da Suiça-Interlaken
Geneve
11 DIAS DE VIAGEM 11.400$00

SUIÇA ITÁLIA ÁUSTRIA
Partidas: 26 Julho, 5 15 e 25 Agosto, 4 Setembro
Geneve-Milão-Lagos Italianos
Riviera Italiana-Pisa-Florença
Pádua-Veneza
Cortina d'Ampezzo-Innsbruck
Região do Leman
11 DIAS DE VIAGEM 10.900$00

ORGANIZACAO EXCLUSIVA abreu fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 Telef. 320021
FARO Rua Cons. Bivar, 65 Telefs. 25035/6
PORTO Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 Telefs. 27011/2

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

R.D.A.: O FUTURO COMEÇOU JÁ

Muitos são os países que, pela via do socialismo, se encontram no caminho da libertação. Outros estão ainda na pré-história do Homem, ou seja, no capitalismo.

Não quero iniciar aqui algo parecido com um curso de política. Quero vincar uma evidência. Para manifestar as diferenças entre os dois processos de organização da sociedade, poderíamos alinhar estatísticas, informações concretas relativas ao desemprego, à distribuição da riqueza, à gestão dessa riqueza. Claro que seria muito bom que uma televisão interessada na informação correcta, tomasse essa iniciativa. Dessa maneira melhor se combateria o anticomunismo, fogueira que lavra em certas zonas do país ateada, outrora e agora, pelas forças mais reaccionárias. A Televisão, alegremente, particularmente através dos *Telejornais,* também não desdenha soprar as chamas.

Repare-se, a este propósito, como se esforçou por dar a certa candidatura uma conotação direitista. Repare-se no tratamento que tem dado à presença de heróicos militantes chilenos, uruguaios, brasileiros. Repare-se na autêntica provocação de que se revestem as suas citações de expressões usadas por um grupelho reaccionário: teimosamente, o *Telejornal* põe o anão aos ombros para que a sua voz monstruosa ganhe a sua única dimensão e justificação que é essa mesma: usar a TV, não existir praticamente a não ser pelo que se ouve dele pela TV.

Repare-se ainda na insistência com que o Telejornal se aproveita de tudo o que divide em vez de procurar todos os sinais de compreensão e de unidade. Não basta que Mário Soares ataque, uma vez o Partido Comunista: ele pode, a esse respeito, dizer aproximadamente a mesma coisa aos americanos (com o Carlucci muito atento...) aos portugueses (na mesa-redonda logo a seguir às eleições) e aos alemães. Ontem, claro, a RTP não se coibiu de reproduzir algumas das suas declarações ao *Der Spiegel.* Os sociais-democratas alemães devem ter apreciado muito. Bem como outros alemães não sociais-democratas. A Televisão não lhe basta uma vez: gosta, doentiamente, de moer, de repisar.

Não presta, com isso, um bom serviço, ao Povo português. Como não prestou bom serviço à imagem de certa candidatura presidencial.

Alguém está interessado em lançar a confusão e a divisão. Lá isso vê-se de caras.

COR-DE-ROSA EM FUNDO PARDO

Voltemos ao mundo capitalista e ao mundo socialista. A algumas das suas mais recentes manifestações através da Televisão Portuguesa.

Temos em primeiro lugar uma história de amor que nos chega de Itália. O Rapaz e a Rapariga vivem uma história cor-de-rosa, embora não já a costureira que casa com o príncipe: aqui os protagonistas são do povo e tomam até atitudes muito populares, como seja a recusa do Rapaz em dormir com a patroa no que manifestou, ao que se crê, orgulho e consciência sindical. Realmente, com uma patroa daquelas chegou a ser heróico.

O Rapaz e a Rapariga fogem da pequena terra onde vivem, por razões diferentes, e vão a caminho de Milão. Através de peripécias, várias, consideram que se gramam à brava. Tudo se resume ao seu caso amoroso. O mundo em volta como que se volatiliza. Eles estão no centro de um universo despovoado de tudo que não diga respeito ao seu amor. Naquela imensa fábrica de pronto-a-vestir o que acontece de dramático não é a exploração a que as operárias estão sujeitas. O drama aconteceu porque a Rapariga, obcecada pela paixão, pica um dedo com a agulha da máquina...

Mas depois o Rapaz foge às tentações da patroa, monta a rapariga na motocicleta, e lá vão. Lá vão pela estrada da paixão até Milão

Desculpem tanto *ão.* Mas não há verdadeira solidão sem *ai-dão, ai-dão.*

O HOMEM EM CONSTRUÇÃO

Outro filme nos chega da República Democrática Alemã: *Gente Desconhecida.* Também um filme de amor. Mas não um filme de pinga-amor.

Vimos ontem a primeira história: *Joana. O Rapaz e a Rapariga são operários. A Rapariga representa no grupo cénico da empresa e a comissão de trabalhadores decide proporcionar-lhe um curso de teatro em Berlim.*

Mas Berlim fica longe de Rostock, essa possibilidade é um foco de tensão entre a Rapariga e o Rapaz. A gravidez complica ainda mais a situação. A sua vida em comum fica ameaçada. Sobrevem a instabilidade. Para o Rapaz, tudo se resolveria se a Rapariga desistisse da sua vocação, se fizesse do casamento a sua realização. Só que a rapariga não hipoteca a sua pessoa, a construção de si própria. Aparece muito árduo o caminho que possa uni-los, uni-los ver-

Continua na pág. 22

VERÃO NA EUROPA

LONDRES 8 dias	3.400$00
HOLANDA 1 semana	4.295$00
PARIS 1 semana	5.400$00
ROMA 8 dias	5.600$00
SUÍÇA E ÁUSTRIA 11 dias	11.400$00
RÚSSIA 10 dias	17.965$00

VM Meliá
Rua Rosa Araújo, 2
Tel: 536971 - LISBOA
Praça Gen. Humberto Delgado, 269 r/c Tel: 310034 - PORTO

FERIADOS DE JUNHO

LONDRES
PARTIDAS: 6 a 9 (4 dias) 9 a 13 (5 dias)
Preços excepcionais desde * 3.000$

FUNCHAL
PARTIDAS: 5 a 12 (8 dias) 10 a 13 (4 dias) 12 a 17 (6 dias) 17 a 20 (4 dias)
Preços desde 2.860$

* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 320021
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25036/8
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

ARMÁRIOS ROUPEIROS ESTANTES
e quaisquer outros MÓVEIS, por desenhos e medidas. Temos oficinas próprias.
REQUINTE
Av. Almirante Reis, 110 (ao Chile). Telef. 822891

aminter
agente geral de
V/O SOVINFLOT
V/O MORPASFLOT
V/O SOVFRACHT
nos portos portugueses
agentes
VIANA DO CASTELO — POLITRANSPORTE - NAVEGAÇÃO E TRANSITOS, SARL
PORTO-LEIXÕES — KENDALL, PINTO BASTO & CO., LDA. («PORTOBALTICA LINE»)
— NORTEMAR - Agência Marítima do Norte (NAVIOS DE PASSAGEIROS E DE TRAMPINS)
— POLITRANSPORTE - NAVEGAÇÃO E TRANSITOS, SARL «BALTAMERICA LINE» / «BALTAUSTRALIA LINE» / / «BLACK SEA-CANADA LINE» / «MEDATLANTICA LINE» / / «BALTLEVANT LINE»
AVEIRO — POLITRANSPORTE - NAVEGAÇÃO E TRANSITOS, SARL
FIGUEIRA DA FOZ — FOZTRÁFEGO - Agência Marítima da Figueira, Lda.
SETÚBAL — CNN - Delegação de Setúbal
SINES — CNN - Delegação de Sines
ALGARVE — CNN - Delegação do Algarve / PEDRO BENTO DE AZEVEDO, SUCRS.
MADEIRA — BLANDY BROTHERS & CO.
AMINTER — AGÊNCIA MARÍTIMA INTERNACIONAL, LDA.
Rua D. Luís I, n.º 19, 4.º — Lisboa 2
Telefones 66 05 66 - 66 10 36 - 66 10 57 - 66 11 57
End. telegráfico PORTFLOT

Hoje

CLaudette Colbert

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **Os Homens, os Livros e as Coisas** — O poeta Melo e Castro. Um programa de Joaquim Manuel Magalhaës apresentado pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
19.25 **Teledesporto** — Rubrica dedicada às actividades desportivas do fim-de-semana.
19.55 Da Saúde e da Vida.
20.10 **Vivendo o Futuro**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição. Noticiário do Pais e do estrangeiro.
21.05 **Momento Político**
21.35 **Noite de Cinema** - «Ouvem-se os Tambores ao Longe» (Drums Along the Mohawk). Com Claudette Colbert e Henry Fonda. Ano de produção: 1939. Realizador: John Ford.
23.30 **Telejornal** — 3.ª edição.
23.45 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **O Regador Mágico**. Série filmada
20.25 **Das Artes e Ofícios**
20.50 **Evasões Célebres** - Série filmada
21.45 **Brahms por Karajan** - A 4.ª Sinfonia de Brahms interpretada por Herbert von Karajan dirigindo a Orquestra Filarmónica de Berlim num programa realizado pelo próprio Karajan
22.30 **Telejornal** - Em diferido a edição transmitida às 20.30 no I Programa
23.00 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

1.º **Período** - **13.15**: Abertura e Telejornal - 1.ª edição; **13.30**: Paulo e Virgínia; **13.55**: Logo à noite. **Ciclo Preparatório TV** — **14.10**: Língua Portuguesa (2.º ano); **14.35**: Matemática (1.º ano); **15.00**: Francês (2.º ano); **15.25** Ciências da Natureza (1.º ano); **15.50**: Educação Visual (2.º ano); **17.10**: Matemática (2.º ano); **17.35**: Língua Portuguesa (1.º ano); **18.00**: Trabalhos Manuais (2.º ano); **18.25**: Francês (1.º ano). **2.º Período** - **19.00**: Vickie, o Vicking — Desenhos animados; **19.25**: Há só uma terra; **19.50**: Com todas as letras; **20.30**: Telejornal - 2.ª edição; **21.00**: Sweeney - Série policial; **22.10**: Confronto. Que se passa com a Pide?; **23.00**: Telejornal - 3.ª edição; **23.00**: Fecho

II PROGRAMA

. . . . **20.00**: Abertura e Paulo e Virgínia; **20.30**: Ensaio; **21.15**: TV Jazz Na primeira noite de Cascais Jazz/74; **22.00**: Telejornal; **22.30**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786 - 834271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Taça de Portugal: sonhos e tristezas

Porto reduzido a capilé

Comentário por NEVES DE SOUSA

Seninho: o magro golo portista

Golpe e meio em Pedroto, nestes quartos-de-final da «Taça de Portugal». Por um lado, o futuro patrão (das Antas) deve ter dado o definitivo adeus a qualquer competição europeia de expressão, na temporada que bate à porta em Setembro: o que representará perda de tomo para as finanças do técnico. A seu lado, o bater de pé pelos animosos pupilos de António Medeiros nada de feliz (de demasiado alegre, digamos) oferece como horizonte ao mais requestado treinador do futebol português.

Com efeito, teve alguma coisa de insólito e muito de comum a etapa antepenúltima de uma pobre e inferiorizada competição que, lá fora, é algo de vivo e palpitante para se tornar, portas adentro do feudo dos federativos da Alegria, coisa amorfa e sem sentido amplo, destituída de três/quartos do real significado a partir do instante em que uma descarada e vil protecção aos chamados grandes emblemas lhe rouba, lhe escamoteia (barbas nas ventas de quem vê) o verdadeiro sentido expressional. Mesmo assim, provavelmente contra os recalcados intuitos dos manejadores das leis do chuto, sempre vai surgindo uma surpresazita (sepultada a fase dos arranjos prévios, das acomodações preparadas e a bel-prazer). É, então, altura de embandeirarem em arco os que gostam do futebol-desporto-espectáculo e nele (como nós) nada mais enleiam que o vício pelo «show» e a sua paixão pelo jogo bem jogado.

É tempo (porém) de manusearmos a «Taça», virando o cálix no capítulo ontem emborcado. Concluíu-se uma ronda iniciada na tarde de sábado, com três clubes apurados (Sporting, Vitória de Guimarães e Vitória de Setúbal) e dois outros ainda envolvidos num diálogo que tem mesa-redonda na Amoreira, na 5.ª feira. De facto, o surpreendente nulo imposto pelo Estoril Praia ao Boavista no relvado do Bessa, implica uma **decisiva** que não estava no mapa das previsões gerais: mas (e daqui aplaudimos a mãos ambas) é, afinal o autêntico espelho de uma «Taça», que teria de fornecer (desde a primeira rodada) para justificar o seu «cachet», casos semelhantes e contra a corrente geral dos pensamentos.

TEM-TE, NÃO CAIAS

Falemos de Alvalade, onde o Sporting (na linha de deficientes exibições, aqui e além alternadas com um fulgor invulgar) voltou a tombar na mediocridade mais completa, apenas levando de vencida um ainda secundário (Varzim) pelo golo tangencial: 1-0, obra da cabeça de Manoel (contestada pelos varzinistas, alegando «fora-de-jogo») após um centro de Manuel Fernandes que é, indubitavelmente, uma das poucas pedras certas no **xadrez** verde-branco.

Realmente, este Sporting-76 é sombra radical em paralelo com aquilo que a sua musa cantou em recentes temporadas: e com estes mesmos homens para voos acima da planície, mais não fazem que cumprir o horário e rezar a Deus. Que é brasileiro: como acredita Da Costa, como vai agora pensar o simplório do sr. Manoel.

PÉ ANTE PÉ

Zézinho, Norberto, Zézinho, outra vez Norberto. Alegria, dúvida, euforia, incerteza. Tudo de braço dado, na tarde do Bessa em que Ismael Baltasar teve de correr duas horas para assinar o ponto.

O Boavista abriu o activo, Estoril ripostou, novamente os axadrezados passaram à vantagem, ainda outra vez os rapazes da Costa do Sol escreveram o nulo (2-2). Foi-se para prolongamento e nada: a negra ficou à porta, para a Amoreira. Uma táctica bem engendrada por Medeiros, mais uma perfeita interpretação dos seus comandados, escreveram «Taça»: e aqui está como Pedroto ficou a tremer (no seu erário, apenas...) com a «Taçazinha» dos compadrios e mercês.

DESCALABRO TOTAL

Mas, para o sapiente técnico (arguto administrador da rentabilidade dos seus dinheiros, podíamos afoitamente adiantar...) o domingo é que foi aborrecido, porque o futuro emprego não tem grandes perspectivas de altos prémios ou (para já) dilatada projecção extra-muros. No campeonato, será preciso um **milagre** de truz para o cartão de visita sair a fronteira. Na «Taça» foi o

Sousa: nas suas mãos os dois pontos do grande êxito

alheios, que terão de ser totalitários para os **azuis-brancos** levarem a água ao seu moinho.

Raramente se juntou, em terra portuguesa, um tão comprometedor grupo de jogadores. Qual deles mais **vedeta**. Mais caro. Mais senhor e dono do seu nariz. E, desculpem, talvez aí esteja a razão do desmoronamento de um edifício amorosamente construído em cada ano: e, também em cada doze meses, o tombar para o pântano como árvore carcomida batida pelo vento agreste.

. Valerá a pena perguntar, em termos de escudos, quanto custou cada magro ponto, cada difícil exitozinho obtido pelo F. C. do Porto na mais contestada gerência de há muitos anos a esta parte. Valerá, do mesmo modo, indagar em quanto está orçado, mensalmente, o custo do seu «plantel» futebolístico. Mas, nesta hora de aborrecido acto de contrição, bem basta aos desditosos dirigentes do ex-campeão do Norte terem de haver-se com os zuns-zuns da vizinhança, nada recatada em exteriorizar os pensamentos e pouco pródiga em guardar para amanhã o desabafo que está hoje na sua mente...

TÉCNICO CONFUNDIDO

Em Guimarães, ontem como há uma semana, os mesmos erros, a mesma confusão, o mesmo desastre técnico. Um «team» mal escalado, com lugares trocados e outros entregues por obrigação, não poderia nunca acarretar para si os ventos da sorte: afastar das suas costas a serena análise de um julgamento em dias próximos.

Foi um belicosos Vitória (herdado de Mário Wilson e bem conservado pelo arguto Fernando Caiado) que, duas vezes em oito dias, fez exame à capacidade de inteligência de Monteiro da Costa. Os dois zeros respondem a qualquer questão prévia, ainda que possa acrescentar-se que o facto do antigo avançado portista ter virado defesa a todo o transe, na fase de declínio da carreira interpretativa, haja deixado no pensamento do futuro técnico as raízes de toda a sua actuação futura, mais a pensar em protecção que em ofensiva, ainda que as pedras ao seu dispor sejam da melhor água e todas tocadas pelo instinto do galope até às malhas da armadura contrária. Mas (que fazer?) Monteiro da Costa é homem sem sorte por aí além, talvez porque lhe falta o louco arriscar de todo o pecúlio numa cartada, característica que marcou (até hoje) todos os protegidos pela roda da deusa Fortuna. Nasceu para ser um «incógnito», perde-se-nos o paradoxo, desculpe o Monteiro o ponto de vista.

Quer dizer: não se agiganta. Trabalha e remói, lá para dentro, sem exteriorizações nem lampejos. Episodicamente sairá do ocaso dos astros, é bom de ver. Demais a mais quando, pela frente, lhe aparece um Fernando Caiado esperto como raposa, nunca caudatário, mas sempre uma gazela pronta para o salto. Como tem demonstrado, em certas passagens da história antiga, por vários clubes...

É, portanto, a antítese da aborrecida e perturbante serenidade de Monteiro da Costa, que só foi impetuoso quando *aviava* neles aí por alturas do caminho para a grande área. Toda a agressividade do jogador foi calcada pelo técnico: como pena de quem nunca viu, em simbiose, a fórmula ideal.

TUDO BARALHADO

Em mergulho no jogo de Guimarães, relata-se como o Vitória abriu o activo: «livre» por Ferreira da Costa, centrais portistas a verem o passarinho, Tito a dar com a cabeça na bola, Rui travado pelo desvio importuno, couro no véu de noivado. Cubillas estava a jogar muito atrasado, os Teixeirinhas (não confundir qualquer deles com o cançonetista brasileiro) a cantarolarem uma área de ópera, Octávio a recrear-se sozinho com a esferinha, amuado com tudo e com todos, só disposto a soltar a *redonda* para um amigo que muito prezasse. E, pelos vistos, está de mal com toda a gente, lá pelo «onze» dos seus patrões...

Depois do intervalo, Ronaldo substituiu um dos Teixeirinhas: pior a emenda que o soneto. Mas, como Rui tinha boas estiradas e Murça era pau para toda a colher, como (a um cruzamento inofensivo de Dinis) Osvaldinho se lembrou de amortecer a bola e endereçá-la (de cabeça, em bandeja) para os pés de Seninho, a facilitar o empate, Monteiro da Costa e as suas hostes, os seus alunos, todos sorriam de alívio, convencidos extemporaneamente de que aquilo eram favas contadas e os vimaranenses já estariam rotos da caixa de ar, de braços em baixo e pernas como chumbo. Enganaram-se. Uma vez mais. E a azelhice táctica de deixar apenas Ademir na linha de golo, fazendo toda a esquadra recuar para defender a hipótese de segundo golo, pagou-se com língua de palmo e (sabe-se Deus) talvez com a saída do técnico pela porta pequena do tribunal-arena das Antas.

É que, numa jogada lindíssima, de bola corrida e jogada cheia de veneno, em resgate pleno de Osvaldinho (o alentejano que tem no meu camarada Manuel Geraldo o melhor «fan» e em Pedroto um admirador de todo o tamanho) a *saltadinha* foi tocada pelo ar para, a cabeça do melhor extremo português da actualidade (Rui Lopes, é evidente) e o ex-futuro benfiquista, recém-casado, mas nada *ressentido*; deu o melhor caminho aos anseios vimaranenses na tarde escaldante que enrodilhava a multidão presente no Municipal. Era o 2-1: e, bem procuraria o Porto, à força, em «pressing», sem sombra de estilo nem cabeça fria, tentar o impossível. Aquilo que não conseguira em toda uma época iria aparecer assim, por ajuda inesperada do divino Espírito Santo?

. E, desculpe-se bater na tecla: ainda nisso Monteiro da Costa falhou. Demorando imenso a trocar defesas-médios por dianteiros, apenas solicitando Júlio quando o apito de Adelino Antunes estava prestes para o último silvo, revelou uma acomodação à situação mais deprimente que não abona a sua audácia. Nem para o leme do Botafogo-e-deixa-arder.

Pedrinho, muito carregado por dá cá aquelha palha (e a sofrer violências de profissionais momentaneamente de outro emblema) acompanhou Rui Lopes no distinto da tarde de suor. Na outra barricada, Rui (mal batido no lance de Tito) ficou depois estático, junto ao poste direito, a ver lá para o alto a cabeça de Rui Lopes encaminhar a *menina* para canto oposto. Está (não há dúvida) como os melhores da sua turma: vergado ao peso do destino, na sombra dos seus méritos, dentro da bitola facial e determinante do seu mentor.

ÊXITO DO TRABALHO

Portimão resistiu enquanto foi possível. Depois (63 minutos) surgiu Caica, veio o golo setubalense; a matreirice de Mário Lino esgueirou-se para junto da sua rapaziada e foi o fim de um sonho. Que cede o passo a outro bem mais consistente e que se chama, para as gentes do Portimonense, os pés fincados em terreno da 1.ª divisão. Porque, isto da Taça, está dito e redito: preparado e atapetado para o polimento das botas dos maiorais, nunca cheirará tamancos de pobre. Mas, de vez em quando, faz a sua partida: e joga, borda fora, o milionário ostensivo, que tem tudo e quase despreza a luta, ciente de que fortuna atrai fortuna e o trabalho é desnecessário para o quotidiano.

Esse foi o pecadilho do Porto, em todo o 75-76 do chuto na bola. E, foi pena: a excepção também pode vir do Norte, não acham vocês, amigos que me acompanham?

Manoel e Quim, em Alvalade. Para o brasileiro ter uma boleia no «team», Manuel Fernandes foi afastado para extremo...

TOTOBOLA

Boletim com "13"

Sporting - Varzim	1
Boavista - Estoril	X
Guimarães - Porto	1
Feirense - Espinho	1
Fafe - Paredes	X
Régua - Chaves	1
Lourosa - Marinhense	1
Almada - Montijo	2
União Leiria - Oriental	X
Sintrense - Torriense	X
Juventude - Caldas	1
U. Santarém - T. Novas	1
Barreirense - Sesimbra	X

mens, ali, ante olhares atónitos de espectadores desejosos de um pequeno nada para logo corresponderem, em aplauso longo e feliz, ao apelo de uma charanga dia-a-dia mais adormecida e improdutiva.

Os sportinguistas reclamam em relação a dois lances onde bola e mão varzinista se confundiram em plena grande área nortenha. Mas, como o árbitro (Raul Nazaré) julgou por sua cabeça e nem a troca de camisolas listadas por outras alvas e esperançosas rendeu algo mais, estava feito o 1-0.

Juca tentou aquilo que sabe: desde a troca de Baltasar por Valter até à ordem de incursão para o brasileiro Da Costa, o melhor elemento actual de um «plantel» cheio de alternantes, onde expoentes e lugares-comuns, sem pernas nem pulmões para voos acima da planície, mais não fazem que cumprir o horário e rezar a Deus. Que é brasileiro: como acredita Da Costa, como vai agora pensar o simplório do sr. Manoel.

PÉ ANTE PÉ

Zézinho, Norberto, Zézinho, outra vez Norberto. Alegria, dúvida, euforia, incerteza. Tudo de braço dado, na tarde do Bessa em que Ismael Baltasar teve de correr duas horas para assinar o ponto.

O Boavista abriu o activo, Estoril ripostou, novamente os axadrezados passaram à vantagem, ainda outra vez os rapazes da Costa do Sol escreveram o nulo (2-2). Foi-se para prolongamento e nada: a negra ficou à porta, para a Amoreira. Uma táctica bem engendrada por Medeiros, mais uma perfeita interpretação dos seus comandados, escreveram «Taça»: e aqui está como Pedroto ficou a tremer (no seu erário, apenas...) com a «Taçazinha» dos compadrios e mercês.

DESCALABRO TOTAL

Mas, para o sapiente técnico (arguto administrador da rentabilidade dos seus dinheiros, podíamos afoitamente adiantar...) o domingo é que foi aborrecido, porque o futuro emprego não tem grandes perspectivas de altos prémios ou (para já) dilatada projecção extra-muros. No campeonato, será preciso um **milagre** de truz para o cartão de visita sair a fronteira. Na «Taça» foi o «adeus à Virgem». Afinal de contas (e, aqui para nós que ninguém escuta) que esperava o F.C. Porto de bom, esta temporada? Ganhar o campeonato e conquistar a «Taça»: dirão os que entraram com o «seu» para a grande farra. Mas (indaga-se) com que técnico? Com que esquemas tácticos? Com que disciplina de conjunto? Com que orientação directiva? Com que irmandade de esforços?

. Adeus, minhas encomendas. O Porto, tal como está, ganha dez por cento dos confrontos a que é submetido apenas por acaso da sorte, ou acerto de Seninho, trinta por cento de outros graças à generalidade de Cubillas, uns pozinhos por obra e graça da impulsão do público em terras das Antas e, no resto, vive de desaires

Desporto

Futebol à segunda escala

Agressões, expulsões, relógio falhado

O secundário de futebol (2.ª divisão) é, autenticamente, uma maratona. Uma prova de resistência, de força, de entusiasmo. E também um espelho de acontecimentos insólitos, qual deles a fazer baquear o anterior, em ineditismo ou em nota de censura.

Ontem, aconteceu um punhado de factos verdadeiramente lamentáveis. Em Fafe, o intervalo durou 30 minutos porque visitantes agrediam o árbitro Domingos de Sousa (Alberto seria expulso). Pelo tempo fora, outro futebolista no *olho da rua:* Mascarenhas.

No «Estádio do Mar» (às ordens do Salgueiros) outras duas expulsões: Augusto (Gil Vicente) e Celso (da turma de Meirim) tomaram banho antes do que calculavam.

Em Santarém, o ponta-esquerda Alho (Torres Novas) também viu o *cartão vermelho,* tal e qual como sucedeu em casa própria a Boiadas (Almada) por agressão a um montijense.

Para acabar o ramalhete, o árbitro Vítor Correia (ido de Lisboa, na companhia dos fiscais João Vinagre e Eduardo Barata) decidiu concluir o jogo Barreirense-Sesimbra dois minutos e tal antes do tempo regulamentar. O público protestou, toda a gente barafustou, Correia, fez ouvidos de mercador e só quando as equipas já estavam «descascadas» é que resolveu emendar o erro, regressando ao «Manuel de Melo» com o objectivo de fazer jogar dois minutos os 22 rapazes. Os sesimbrenses voltaram a calçar as botas e apareceram no terreno. Os barreirenses, talvez já ensaboados e com o sabor a duche quente metido na pele, estiveram-se nas tamanquinhas para um retorno. Agora, a Federação que decida...

Enfim: tudo isto existe, tudo isto é triste, tudo isto é o pobre fado do futebol português.

. «Placard» nos encontros sulistas: Almada-Montijo, 0-1; U.Leiria-Oriental, 1-1; Sintrense-Torriense, 0-0; Juventude-Caldas, 3-0; Esperança-E.Portalegre, 0-0; U.Santarém-T.Novas, 2-0; Peniche-Lusitano, 0-0; Marítimo-Olhanense, 0-0 e Barreirense-Sesimbra, 0-0.

O encontro U. Montemor-Portimonense realiza-se no dia 19, dada a presença dos algarvios na última eliminatória da «Taça».

Tabela classificativa: Portimonense, 42; Montijo, 41; Peniche, 39; Marítimo, 38; Caldas, 35; Esperança, 34; Olhanense, 33; E.Portalegre, 33; Oriental, 33; Juventude, 31; Torriense, 31; Sintrense, 30; Barreirense, 30; Santarém, 29; Sesimbra, 28; Almada, 27; U.Leiria, 26; Lusitano, 23; U.Montemor, 18; e Torres Novas, 17.

Resultados na zona nortenha: Penafiel-U. Lamas, 0-0; Feirense-Espinho, 3-2; Fafe-Paredes, 1-1; Alba-Vilanovense, 2-3; Régua-Chaves, 1-0; Salgueiros-Gil Vicente, 2-1; P. Ferreira-Famalicão, 1-1; Sanjoanense-Covilhã, 3-0; e Lourosa-Marinhense, 3-0.

O encontro Riopele-Varzim efectuou-se, por antecipação, na última quarta-feira, vencendo os riopelenses por 2-1.

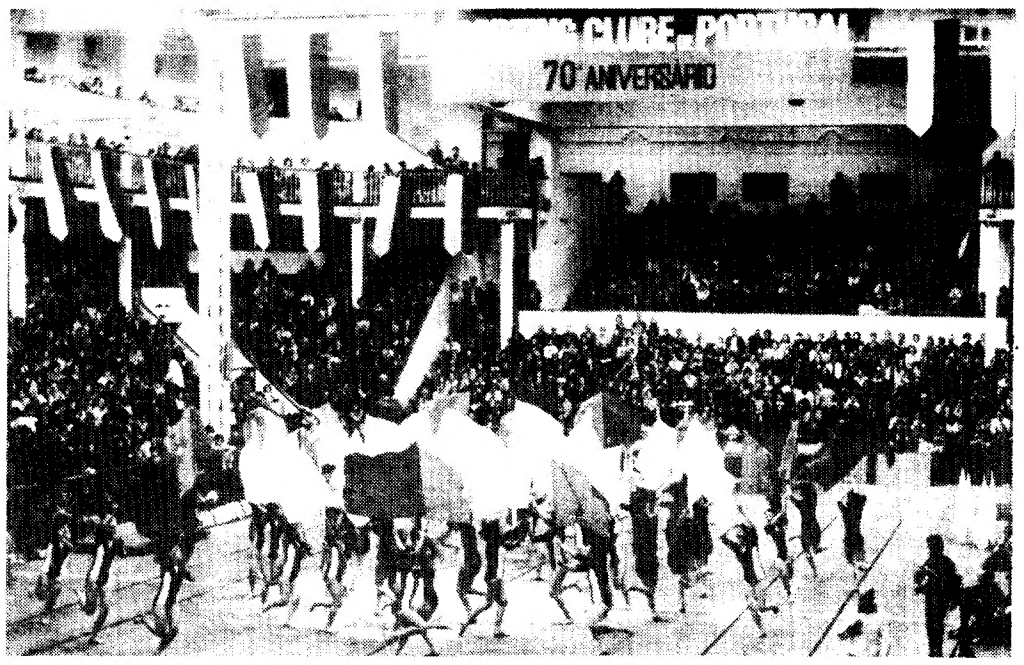
Ordem pontual: Varzim, 52; Salgueiros, 41; Chaves, 35; P.Ferreira, 35; Lourosa, 35; Famalicão, 35; Riopele, 35; U.Lamas, 34; Espinho, 32; Penafiel, 29; Covilhã, 28; Gil Vicente, 28; Vilanovense, 27; Sanjoanense, 27; Feirense, 27; Paredes, 26; Marinhense, 26; Fafe, 25; Régua 24 e Alba, 17.

A lutar se vai ao longe

. Os 50 anos da Federação de Lutas Amadoras foi comemora-convidados romenos e marro-como atractivo a presença de convidados ronemos e marroquinos. A competição redundou em triunfo português, a revelar como (na verdade) a luta greco-romana está a ser incrementada pelos responsáveis e, simultaneamente, como a juventude adere a uma disciplina desportiva salutar e prestigiada.

Classificação individual: 48kg — 1.º, Zanfir Nicolai (Roménia); 2.º, Garaouane Abdelmaji (Marrocos); 3.º, Vitorino Gaspar (Portugal). 52 kg — 1.º, Leonel Duarte (Portugal); 2.º, Drachici Constantin (Roménia); 3.º, Vítor Nobre (Portugal). *57 kg* — 1.º, Lachkar Ali (Marrocos); 2.º, Luís Grilo (Portugal); 3.ºs, João Grilo e Fernando Ardisson (Portugal). *63 kg* — 1.º, Tecuceranu Ion (Roménia); 2.º, Joaquim Vieira (Portugal) 3.º, Karaouane Kalifa (Marrocos). *68 kg* — 1.º, Adriano Morais (Portugal); 2.º, Bahamoud Mohamed (Marrocos); 3.º, José Silva (Portugal). 74 kg — 1.º, Draika Ion (Roménia); 2.º, Touchaza Braihm (Marrocos); 3.º, Joaquim Pereira (Portugal).

Por equipas, Portugal foi o vencedor seguido da Roménia e de Marrocos.



Mil e tal: uma força

O Sporting está a comemorar 70 anos de divulgação e apoio às práticas desportivas. No Pavilhão dos Desportos, em mostra ginástica de alto nível, estiveram 1300 praticantes: uma força que implica aplaudir o labor leonino no sector da disciplina-base, trabalho continuado em vários prismas que reflectem a quase incomum grandeza do clube de Alvalade

receita contribuiu para minorar o defice da tesouraria do clube de S.Luís.

«TAÇA»

Pelas 18 horas, efectua-se hoje, na sede federativa, o sorteio das meias-finais da «Taça de Portugal», em futebol.

PESCA

A secção de pesca do Progresso Clube de Algueirão-Mem Martins realiza, a 23 do corrente, o seu 18.º concurso de pesca desportiva de mar (inter-clubes) no litiral do concelho de Sintra. Disputam-se valiosas taças e medalhas, com um «crachat»-recordação para todos os concorrentes.

TIRO

A Federação Portuguesa de Tiro com Armas de Caça acaba de editar (e distribuir) o «Regulamento de Tiro aos Pratos» (nas modalidades de prancha e prancha olímpica).

BADMINTON

Torneio internacional «La plume d'or» (badminton) em Paris, a 22 e 23 do corrente, com actuações de representações de França, Suíça, Bélgica e Portugal (Isabel Rocha, Margarida Cruz, Isabel Cruz, Luís Quinaz, José Bento, Jorge Cruz, João Brás, Carlos Pessoa, António Carreiro e António Crespo).

TIRO AO ARCO

Campeonato lisboeta de tiro ao arco, no Jamor, a 30 do corrente.

"Vuelta": Agostinho foi 7.º

. Adeus, «Vuelta». Agostinho ficou nas covas: não conseguiu mais que o 7.º lugar (depois de, por duas vezes, ter comandado o lote de concorrentes) cedendo o passo a mais velozes, talvez por incapacidade física derivada de uma afecção brônquica que lhe furtou possibilidades para o grande diálogo.

Para a história, lembremos as classificações das últimas tiradas e a posição geral no termo da «Vuleta»:

. Etapa Murguia-San Sebastian: 1.º, Dirk Ongenae (Bélgica), 3.25,53 (média de 40,491); 2.º Cees Priem (Holanda); 3.º Julien Van Lint (Bélgica); 4.º Javier Elorriaga (Espanha); 5.º Jan Van Katwigk (Holanda), todos com o mesmo tempo.

Contra-relógio em S. Sebastian: 1.º Dietrich Thurau (R.F.A.), 44m 44s; 2.º José Pesarrodona (Espanha), 44.45; 3.º Juan Manuel Santisteban (Espanha); 44.56; 4.º Gonzalez Linares (Espanha) 44.58; 5.º Joaquim Agostinho, 45.04; 6.º José Fusch (Suíça) 45.10; 7.º Javier Elorriaga (Espanha), 45.36; 8.º Luís Ocaña (Espanha); 45.46; 9.º Lopez Carril (Espanha), 45.50; 10.º Cees Priem (Holanda), 45.54; 25.º José Martins, 47.26; 26.º Fernando Mendes, 47.29.

Final Individual: 1.º José Pesarrodona (Espanha), 93h 19m 10s; 2.º Luís Ocaña (espanha), 93.2013; 3.º José Nazabal (Espanha), 93.20,51; 4.º Dietrich Thurau (R.F.A.), 93.20,54; 5.º Lopez Carril (Espanha), 93.21,00; 6.º Hennie Kuiper (Holanda), 93.21,10; 7.º Joaquim Agostinho 93.22.36; 8.º José Fusch (Suíça), 93.22,55; 9.º Pedro Torres (Espanha), 93.23,53; 10.º José António Gonzalez Linares (Espanha), 93.26,28; 11.º Ludo Loos (Bélgica), 93.29,23; 15.º José Martins, 93.29,23; 20.º Fernando Mendes, 93.43,51; 49.º Klien Vant Lint (Bélgica), 96.05,20.

Montanha: vitória de Oliva (Esp.), Agostinho em 3.º e Martins em 6.º. «Metas volantes»: êxito do holandês Verplancki, Mendes em 3.º e Martins em 5.º. Classificação por pontos ganha por Thurau (alemão), ficando Agostinho em 9.º.

PORTUGAL

HÓQUEI EM CAMPO

Campeonato lisboeta de hóquei em campo: Cascais-F. Benfica, 0-5; Hóquei-Atlético, 0-1; e Belenenses-Benfica, 0-0. Classificação actual: 1.º, Futebol Benfica, 27 pontos; 2.º, Atlético 25; 3.º, Benfica, 25 (mais um jogo); 4.º, Palmense, 19; 5.º, Belenenses, 19; 6.º, Cascais, 16; 7.º, Hóquei, 13.

CICLISMO

Elias Campos (Lousa) é o campeão ciclista de Lisboa, na categoria de amadores-populares, após a prova de fundo que concluiu o «regional».

NATAÇÃO

Henrique Vicêncio bateu o «record» nacional de 200 metros bruços, nadando a distância em 2m 36,8 s. Gomes Pereira atingiu outro máximo: 2 m. 01,7 s. em 200 metros livres. Os dois nadadores representam o Algés e Dafundo.

BASQUETEBOL

Concluíu-se o «Nacional» da 1.ª Divisão basquetebolística. Para a fase final, estão apurados F.C.Porto e Sangalhos (Zona Norte) e Sporting e Barreirense (Zona Sul). Resultados da última ronda, no Norte: Vasco da Gama-Académico de Coimbra, 60-51; Académico do Porto-F.C.Porto, 63-110; Cominbricense-C.D.U.P., 48-59; Ginásio Figueirense-Sangalhos. Zona Sul: Queluz-Sacavenense, 70-38; Algés-Belenenses, 69-36; Benfica-C.U.F., 86-79; Barreirense-Sporting, 88-103.

LEIXÕES

O Leixões é campeão nacional de voleibol, depois de bater, na jornada derradeira do torneio, a turma do Técnico (por 3-1), Outros desfechos da competição: C.D.U.P., 0-Espinho, 3; Porto, 3-Póvoa 1 e Esmoriz, 0-Benfica, 3.

PARTICULAR

Em desafio de características particulares, o Farense venceu a turma fotebolística do Benfica, por 2-1 num jogo cuja

LÁ FORA

«TOUR»

Os organizadores da «Volta à França» («Le Parisien Liberè» e «L'Equipe») escolheram já ja cidade holandesa de Leiden, entre Haia e Amesterdão, como ponto de partida da edição de 1978 do «Tour».

Pela 3.ª vez a etapa inaugural do «Tour» será disputada em território holandês. As edições de 1954 e de 1973 tiveram como ponto de partida, respectivamente Amesterdão Scheveningen.

Raposo Borges: o mais alto de Portugal

.O sportinguista Raposo Borges tornou-se o **homem mais alto de Portugal.** Com o auxílio de uma vara, transpôs cinco metros em altura, estabelecendo novo máximo nacional e afirmando-se como atleta ainda na corrida para uma qualificação olímpica (tem 15 dias para atingir o mínimo de selecção: 5 e 20).

Outros «records» tombaram este fim-de-semana: 15,92 m. no triplo (a cargo do «Leao» Luís Azevedo) e 800 metros femininos (2 m. 12 s., por Conceição Moura, do Santa Clara). Um «record» foi igualado: pela verde-branca Conceição Alves, que pulou 1 e 70 em altura.

Cá por Lisboa, o título regional pertence ao Benfica: 196-195, a diferença mínima a marcar o equilíbrio da luta masculina com a representação do Sporting que, em senhoras, levou a melhor sobre o concorrente mais apetrechado (153-46, na esgrima com as raparigas da camisola vermelha).

Bélgica: título mais perto para Nikki Lauda

O austríaco Nikki Lauda ganhou o Grande Prémio Automóvel da Bélgica, em Fórmula 1.

Em segundo lugar ficou o suíço Clay Regazzoni, igualmente em «Ferrari», e em seguida classificaram-se o francês Lafitte, (Matra), e o sul-africano Scheckter, (Tyrrell)

É a seguinte a classificação oficial da prova: 1. — Niki Lauda (Áustria) Ferrari-312 T, 298,340 km em 1h. 42' 53" à média de 173, 980 km/hora, novo máximo da prova; 2. — Clay Regazzoni (Suíça) Ferrari-312 T, em 1h 42' 56" à média de 173,883 km/hora; 3. — Jacques Laffite (França) Ligier-Gitane em 1h 43' 29" à média de 172, 989 km/hora; 4. — Jody Schekter (Af. Sul) Tyrrell-P 34 em 1h 44' 24" à média de 171,451 km/hora; 5. — Alan Jones (Austrália) Surtees-TS 19, a uma volta; 6. — Jochen Mass (R. F. A.), McLaren, a uma volta; 7. — John Watson (GB) Penske, a uma volta; 8. — Larry Perkins (Austrália) Boro, a uma volta; 9. — Jean-Pierre Jarrier (França) Shadow, a uma volta; 10. — Tom Pryce (GB) Shadow, a duas voltas; 11. — Michel Leclere (França) Willians, a três voltas; 12. — Laris Kessel (Suécia) Brabham, a sete voltas.

A melhor volta do circuito foi percorrida por Nikki Lauda em 1' 25" 98.

Após o Grande Prémio da Bélgica, disputado ontem no circuito de Zolder, o austríaco Nikki Lauda consolidou a primeira posição no topo da classificação provisória do Campeonato do Mundo de Condutores, seguido pelo seu colega de equipa (Ferrari), Clay Regazzoni. É a seguinte a classificação: 1. — Niki Lauda (Áustria) 42 pontos; 2. — Clay Rezazzoni (Suíça) 15 pontos; 3. — Patrick Depailler (França) 10 pontos; 4. — Jochen Mass (R. F. A.); Jody Schekter (Af. Sul) 8 pontos; 6. — Jacques Laffite (França) 7 pontos; 7. — James Hunte (GB); Gunnar Nilsson (Suécia) 6 pontos; 9. — Tom Pryce (GB); Carlos Reutemann (Argentina) 4 pontos; 11. — Hans Stuck (R. F. A.); Chris Amom (Nova Zelandia) 3 pontos; 13. — John Watson (Irlanda); Carlos Pace (Brasil); Alan Jones (Austrália) 2 pontos; 15. — Mário Andretti (E. U. A.); Emerson Fittipaldi (Brasil); Jackie Ickx (Bélgica) 1 ponto.

A próxima prova decorrerá em Mónaco, a 30 de Maio.

Geral

Albergues de mendicidade serão integrados no M.A.S.

Os albergues de mendicidade serão integrados, com todo o seu património, no Ministério dos Assuntos Sociais, e o pessoal da P. S. P. que actualmente presta serviço naquelas instituições será gradualmente substituído por pessoal do Ministério.

O decreto-lei que decide a transferência de responsabilidades, dimanado dos Ministérios da Administração Interna e dos Assuntos Sociais, foi publicado no «Diário da República» I Série, n.º 114. O diploma refere, em considerando, que «os actuais albergues de mendicidade, além do acolhimento de emergência, tiveram de manter os albergados por falta de soluções, transformando-se em «depósitos» onde se encontram cerca de três mil indivíduos, estimando-se em cerca de 70 por cento os pertencentes ao foro psiquiátrico», e propõe, como orgânica que visa responder a esta problemática, a criação de uma rede de serviços de acolhimento e triagem que encaminharão os utentes para as soluções adequadas e onde a estada destes não pode ultrapassar três meses.

Em Lisboa, Porto e Coimbra, serão criados, a título experimental, centros distritais de acolhimento e, sempre que o movimento de utentes o justifique poderão ser criados novos centros noutros distritos.

Canal da Crítica

Continuação da pág. 19

dadeiramente, ou seja: sem o preço da destruição de um deles.

Veja-se, porém, que os dois não estão sós no mundo. Há na vida, outras riquezas, outras lutas, outras razões de viver. As reuniões dos trabalhadores, a cena da greve em Hamburgo em que o Rapaz foge a uma cilada anticomunista, as discussões sobre os processos de evitar o desgaste precoce do material que pertence a todos, agora, agora que vivem em plena democracia, entendendo-se *democracia* como *o poder do povo*. Por outro lado, os próprios problemas pessoais do Rapaz e da Rapariga são debatidos, discutidos, resolvidos com os camaradas. É certo que certas noções acumuladas ao longo do passado, no que respeita às relações entre o homem e a mulher, não desapareceram totalmente, isto da construção do homem novo não é atar e pôr ao fumeiro. É certo. Mas esbate-se o abismo entre a vida pessoal e colectiva, quer dizer: começa a desaparecer a solidão. A pessoa humana não se dilui na massa: enriquece-se com ela.

No folhetim italiano, as pessoas estão acossadas, em constante projecto de destruição; na série da República Democrática Alemã, as pessoas são defendidas pela comunidade, não existe perseguição, mas encontro.

Na fita italiana, as soluções são impostas pela patroa; no filme alemão, as soluções são discutidas pelas pessoas, mais interessadas nos problemas dos trabalhadores: os próprios trabalhadores. Esse é o autêntico, o único pluralismo.

Na história italiana, assistimos à degradação da mulher (a rapariga para o rapaz: *Vou contigo se me prometeres que não voltas a pôr-me os cornos);* na história alemã assistimos à independência, à libertação da mulher.

Da Itália, como pano de fundo de uma história de amor, vem a fome, o desemprego, o medo; na Alemanha Democrática, cria-se uma vida harmoniosa, os trabalhadores tem o direito a uma assistência só possível, nos países capitalistas, à grande burguesia. As tensões que existem dirigem-se ao futuro ... e não à destruição.

Ontem, vimos. Vimos com os nossos próprios olhos. Vimos como é o capitalismo e como é o socialismo. Vimos, sobretudo, destruidas as falsidades dos anticomunistas. Vimos que o capitalismo é sinónimo de desgraça e que o socialismo é sinónimo de libertação. Ver para crer, como S. Tomé. Ontem, pusemos os dedos nas chagas. Pusemo-los, também, nos sinais da redenção.

E foi tão forte esta impressão causada pelo filme da República Democrática Alemã, que até me esqueci de comentar a entrevista com Freitas do Amaral, no sábado, como era meu propósito.

Natural. É melhor fitar a flor que cresce do que o caixão que passa.

BARES · BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Striptease**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 261461/164526/264596/ 264621/264946**

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 23/4 %	–	275$	280$
Cons. 3 %	300$	300$	305$
Cons. 3 1/2 %	–	350$	–
Centenários	–	800$	810$
Tes. 5 %	–	810$	–
Tes. 10 %	500$	500$	510$
Extern. 1.ª - s.	–	450$	–
Extern. 1.ª - c.	–	450$	–
Extern. 3.ª - s.	–	475$	–
Extern. 3.ª - c.	–	490$	–
Caut. 3.ª - s.	–	–	140$
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	–	755$	–
C.M.L. 5 3/4 %	–	830$	–
C.P. 5 1/2 % — 67	–	–	700$
C.P. 5 1/2 % — 68	–	670$	700$
C.P. 5 1/2 % — 69	–	–	–
Corr. 5 3/4 %	–	810$	–
Metr. 5 3/4 %	–	800$	810$
Tur. 5 3/4 %	–	850$	–
C.P. 6 3/4 %	–	800$	830$
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	–	690$	–
G. 5 % — 59	–	670$	–
G. 5 % — 62	–	–	–
G. 5 % — 63	–	–	–
G. 5 % — 64	–	–	–
G. 5 % — 65	–	–	–
G. 6 % — 67	–	780$	–
G. 6 % — 69	–	780$	–
G. 7 %	–	–	900$
H.E.A.A. 5 %	–	640$	–
H.E.C. 5 %	–	700$	–
H.E.C. 6 %	–	750$	–
H.E.D. 5 %	–	620$	–
H.E.D. 6 %	–	750$	760$
H.E.N.P. 5 %	–	740$	–
H.E.S.E. 5 %	–	–	–
H.E.S.E. 6 %	–	–	750$
H.E.Z. 5 % — 57	–	670$	–
H.E.Zêz 6 %	–	750$	–
N. Elec. 5 %	–	700$	–
N. Elec. 6 %	–	–	670$
Termoel. 5 %	–	600$	700$
U.E.P. 5 % — 60	–	–	–
U.E.P. 5 % — 63	–	–	–
U.E.P. 6 %	–	–	800$
U.E.P. 7 %	–	–	–
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	–	720$	–
A.P.T. 5 % — 58	–	700$	–
Lisnave 6 %	–	760$	780$
Nitratos — 60	–	600$	–
Pet. 2.ª e 3.ª	–	–	–
Sacor 7 %	800$	–	800$
Sacor 5 % — 54	–	–	–
Sacor 5 % — 60	–	–	850$
Sid. 5 % — 2.ª	–	–	720$
Sid. 5 % — 3.ª	–	–	720$
Sid. 5 % — 4.ª	–	–	720$
Socel 5 %	–	–	–
R. Fabril — 67	–	–	810$
R. Fabril — 68	–	–	800$
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	–	–	–
Rev. 5 % — 57	–	–	–
Rev. 5 % — 59-60	–	–	–
Moçambique 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	–	–	–
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	–	–	–
F.I.D.E.S.	–	–	–

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado a norte do Tejo e pouco nublado a sul do mesmo rio e Havia neblina em alguns locais

TEMPERATURAS EXTREMAS

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

A norte do sistema montanhoso Montejunto Estrela: o céu estava muito nublado; o vento era fraco ou moderado do quadrante oeste; neblinas durante a noite; possibilidades de chuviscos e partir da manhã especialmente no litoral. A sul da região sistema: céu pouco nublado; vento fraco; neblinas matinais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13°
P. DOURADAS	—
COIMBRA	14°
PORTALEGRE	9°
LISBOA	15°
FARO	19°
FUNCHAL	17°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.43	3,9 m		
19.01	4,1 m	12.08	1,1 m
Dia 18			
7.33	3,7 m	0.43	1,1 m
19.51	3,9 m	12.58	1,4 m
Dia 19			
8.27	3,5 m	1.39	1,3 m
20.45	3,7 m	13.55	1,6 m

— AMANHÃ —

NASCER ÁS 8.49
OCASO ÁS 18.17

DIA 20 — DIA 29 — DIA 5 — DIA 12

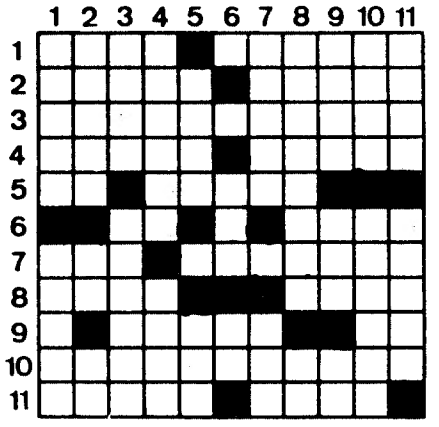
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA Nº 11 371

HORIZONTAIS:

1 Trata por tu. Abaixar.
2 Natureza animal. Atasca.
3 Leiloaras.
4 Fundador do Islamismo. Dera aviso de alguma coisa em voz alta.
5 Aragem. Rio de França.
6 Autores. Tempo do verbo ser. Cidade do Paquistão Oriental.
7 Executa. Educaras.
8 Zombam. Nome de mulher.
9 Favorecer. Medida itinerária do Japão.
10 Pregaríamos.
11 Encolerizar. Pronome possessivo.



VERTICAIS:

1 Cai à cama. Cobarde.
2 Marcar o peso da tara em. Nesse lugar. Zomba.
3 Bramido. Tornar azedo.
4 Astenia. Desloque.
5 Nome de letra (pl). Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de África.
6 Prefixo que designa ar. Viração.
7 Derrotar. Troças.
8 Assaltadas. Ouro (s. q.).
9 Pancada (gir.). Arara. Ruim.
10 Prender com elos. Viatura.
11 Rasoira. Guarneceis de asas.

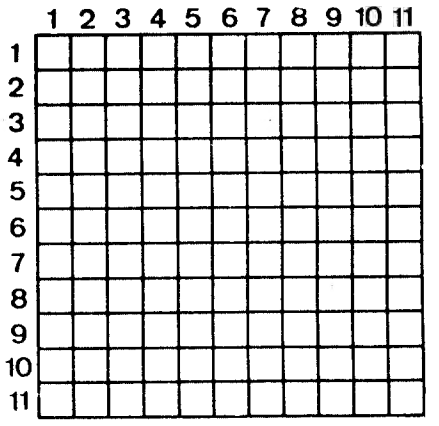
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA Nº 7531

HORIZONTAIS:

1 Nome vulgar de todos os insectos lepidópteros.
2 Superfície plana delimiatada. Anual.
3 Fora para fora. Natural da Arábia.
4 Língua do grupo voltaico (do Sudão e da Guiné) espalhada entre Sansanné-Mango e Sokodé. Aqui. Estimar.
5 Guarneceu de asas. Mirara.
6 Freguesia do concelho de Loulé.
7 Trituravas.
8 Rio de Itália. Item. Serra de Portugal.
9 Classe de tropa. Chega
10 Ergueu. Corais (fig.).
11 Cures. Raça.



VERTICAIS:

1 Bordão. Progenitores.
2 Verbais. Pequeno peixe do rio Minho.
3 Que tem reima. Maior.
4 Bo equim. Interjeição da ilha das Flores (o mesmo que ah! oh!). Cidade da Alemanha nas margens do Mulde.
5 Antes de Cristo. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico.
6 Nota musical. Ver.
7 Eia! Caminhar. Nome de astro.
8 Falhas. Capital do Tibete, à beira do Quixú.
9 Requife ou cordão metálico que guarnece, pela frente, uma peça de vestuário, de um lado a outro da abotoadura. Filtrai.
10 Cidade da Ucrânia. Dissipava (fig).
11 Aguçar. Chefe etíope.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA Nº 11 370

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 LINDA. CARA.	1 Lavadeiras.
2 Amarrei. Ofa.	2 Imolara. Mão.
3 Votai. Mocar.	3 Nata. Rocais.
4 Alas. Modas.	4 Dras. Arda.
5 Da. Ie. Erin.	5 Ari. Ida. Go.
6 Erradiarias. Ião. Aos.	6 É. MEIO. Asa.
8 Ca. Ac. Dá.	7 Cimo. Asai.
9 Amargai. Com.	8 Oder. Ma.
10 Saídos. Mota.	9 Roçaria. Cor.
11 Osa. Amares.	10 Afasia. DOTE.
	11 Ar. N. S. Amas.

Provérbio: LINDA CARA, É MEIO DOTE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA Nº 7530

HORIZONTAIS	VERTICIAS
1 Asar. Agarra.	1 Apear. Caspa.
2 Paz. Amarais.	2 Saltes. Siam.
3 El. Tropeças.	3 Az. Amua. LVI.
4 Atara. Samo.	4 Troar. Vir.
5 Remorso.	5 Arar. Éreo.
6 Sua. Avisar.	6 Amo. Sanas.
7 Arenosas.	7 Gap. Ovos. Mi.
8 Ás. Rasos.	8 Ares. Isolar.
9 Silves. Lais.	9 Raça. Sasão.
10 Pavio. Maomé	10 Riam. As. Imo.
11 Amir. Vir. Os.	11 Assoar. Ases.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO R-1

TODA A NOITE

AJUDA
Lídia Almeida, C.da Ajuda, 170 (T.737318)
ALVALADE
Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66 (T.722368)
ANJOS
S.José, R.dos Anjos, 41-A (T.50730)
AVENIDAS NOVAS
Cardote, Av. Visconde de Valmor, 28-A (à Av. da República) (T.772291)
BAIRRO ALTO
Labor, R.Diário de Notícias, 81 (T.323428)
BAIRRO AMÉRICA
Martins, R.Fernão de Magalhães, 33 (T.849448)
BENFICA
Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (T.704828)
CAMPO DE OURIQUE
Almeida, R.Silva Carvalho, 136 (T.681726)
CASTELO
Santa Luzia, R.da Saudade, 2-B (T.869831)
ESTEFÂNIA
Morgado Lourenço, L.D.Estefânia, 4 (R.54808)
LAPA
Silva, Filhos, R.S.João da Mata, 72 (T.661010)
PICHELEIRA
Marluz, C.da Picheleira, 140-B/C (T.720703/728395)
OLIVAIS SUL
Higiene, R.Cidade Vila Cabral, lote 43 (T.310026)

TURNO R-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Vieira Rosa, R.Prior do Crato, 74 (T.660187)
ALVALADE
S.Miguel, O.Francisco de Morais, 1 (T.771469); **Roma**, Av. de Roma, 85-B (T.772466); **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T.712803)
ARROIOS
Aliança, Av. Almirante Reis, 145-B (T.570487)
BAIXA
Internacional, R.Áurea, 228 (T.322017/30203)
CAMPOLIDE
Pinto, R.de Campolide, 11-A ºT.682610)
CAMPO DE OURIQUE
Elma, R.D.Maria Pia, 358-A (T.686176)
GRAÇA
Monte, R.Senhorado Monte, 30-A (T.867842)
LUMIAR
Patuleia, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T.790332)
RATO
Micael, R.de S.Bento, 380 (T.662162)

SETE RIOS
Canto, E.das Laranjeiras, 202-B (T.780841)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 2112048)
CARCAVELOS
Central, Toda a noite
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silva, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) Até às 22 horas
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (Tel. 2432034) Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal, Até às 22 horas
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090) Toda a noite
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204) Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira, Toda a noite
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, Quinta da Carreira, 29-A (Tel. 261186) Toda a noite
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078) Até às 22 horas; **Nova**, Es. de Alvide-Fontainhas (Te. 281044) Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D. João I, 9-B (Tel. 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120 Reboleira (Tel. 938424)
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)
QUELUZ
Correia, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Rodrigues Rato, (Tel. 2912038)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (Tel. 2930832)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020ç0
ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (Tel. 2750242)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 78-B (Tel. 2040302)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2073207)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Tel. 2767356)
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)
SETÚBAL
Lisboa, R. dr. Paulo Borba, (Tel. 22248); **Saião**, Av. Portela (Tel. 22709)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

TURNO 20

ATÉ ÀS 22 HORAS

Batalha, P.d Batalha, 26 **Campo**, P.da Republica, 118 **Costa Cabral**, R.de Costa Cabral, 1832 **Fonte da Moura**, R.de Tânger, 1463 **Invicta**, R.do Bonfim, 330 **Mira Paulo**, R.Castelo de Numão, 37 **Sá**, R.Val e Formoso, 181 **Sarabando**, L.d s Loios, 36

TODA A NOITE

Barros, R.d Bonjardim, 1292 **Fátima**, R.Oliveira Monteiro, 475 **Garantia**, R. ernandes Tomás, 696

COIMBRA

Cruz e Costa, R.António Vasconcelos, 71 (T.22715); **Silva Soares**, R.Mouzinho Albuquerque, 28 (T.71454); **Vilaça**, R.Ferreira Borges, 132 (T.22043)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
21.30 (18 anos)
«Taran-Tan-Tan não enche Barriga»
LAURA ALVES
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Sexy-Show»
COLISEU
21.30 (6 anos)
Grande Companhia de Bailado da República Soviética da Moldávia
TEATRO PROPOSTA
21.30 (13 anos)
«Notícias do Poder»
CAPITÓRIO
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Mostra-me a tua piscina»

LISBOA/Cinemas

SATELITE 21.30 (18 anos)
«A Jovem Assassinada»
S.LUIZ
21.30 (18 anos)
«Diário de um Ladrão»
CINE-BOLSO
21.00 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
EUROPA
21.15 (18 anos)
«Jogos para casais infiéis»
OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«Operação Selvagem»
PARIS
21.15 (13 anos)
«Woobtock»
JARDIM
21.00 (18 anos)
«A Borboleta de Sanevê»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«Tommy»
IDEAL
21.00 (10 anos)
«O Pistoleiro designado por Deus»
PALÁCIO FOZ
21.15 (18 anos)
«Cerimónia Solene»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (13 anos)
«A História de Fernão Capelo Gaivota»
ESTORIL
Casino
17.00 e 21.15 (13 anos)
«Semente de Tamarinho»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
(13 anos)
«Os Caminhos da Liberdade»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (13 anos)
«A Visita maravilhosa»
AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«Malícia de Vénus»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (6 anos)
«Os dois Missionários»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«Spys»

PORTO/Cinemas

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«O Conselheiro»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (10 anos)
«O Estoira Vergas»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Pompeia»
JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«O Rally das Gozonas»
S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Os dois missionários»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Chamavam-lhe Espírito Santo»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Toda a Nudez Será Castigada»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Com Encontro Marcado»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Mr. Majestik»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«A Torre do Inferno»
COLISEU
21.15 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«A Bofetada»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Minha irmã meu Amor»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Delícias Francesas»
TIVOLI
21.15 (6 anos)
«Os Dois Missionários»
GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Tão amigos que nós éramos»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«A Bela de Dia»

1.º Programa

15.00: Noticiário; «Painel da tarde»; **18.00**: Música portuguesa; **19.00**: Música variada; **20.00**: Junção — «Jornal da Noite»; **20.30**: Instrumentistas; **21.00**: 18º Episódio do folhetim «O muro branco», de Alves Redol, numa adaptação de Costa Ferreira; **21.13**: Contraponto; **00.00**: «Último jornal»; **00.30**: Retrospectiva; **01.00**: (saída e encerramento dos regionais do Porto, Norte 1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Viseu, Ponta Delgada e Horta); «Música na noite»; **02.00**: «Música na noite»;

2.º Programa

16.00: Ópera em um acto «O castelo do Barba azul», de Bela Bartok; **16.55**: Música de câmara: — Sonata em dó maior p/bandolim e piano de martelos, de Johann Nepomuk Hummel; — Quarteto em ré menor, op. 56, de Jean Sibelius; — Octeto, de Nikos Skalkottas; **18.00**: Solos de piano: — Três Intermezzi, op. 117, de Johannes Brahms;

— Meditação sobre um tema de Debussy, de Zoltan Kodály; **18.25**: Música sinfónica: Sinfonia n.º7 em dó sustenido menor, op. 131, de Sergei Prokofieff; **19.00**: Solos de viola dedilhada: Estudos n.º 08 5, 6, 8, e 11, de Hector Villa-Lobos; **19.15**: Danças sinfónicas, op. 64, de Edvard Grieg; **19.45**: Quatro Canzoni, de Werner Egk; **20.00**: Solos de piano: Quatro Prelúdios, de Erik Satie; **20.20**: Orquestras de câmara Concerto em fá maior, de Georg Philipp Telemann; Concerto nº 10 em ré menor, op. 7, de Gerog Friedrich Handel; **21.00**: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00**: Músicasinfónica: «NightMusic» p/duas trompas e orquestra, de Thea Musgrave; Sinfonia nº 12 em ré menor, op. 112, «1917» (à memória de Lenine), de Dmitri Schostakowitsch; **23.00**: Concerto nº1 em mi bemol maior, para piano e orquestra de Ferenc Liszt, por Sviatoslav Richter e a Orquestra Sinfónica de Londres, dir. por Kyrill Kondraschin; **23.20**: Música de câmara: Quinteto em sol menor po. 39, de Prokofieff; **23.40**: Música sinfónia: obras de Ravel; **00.10**: Intercâmbio musical: Semana Bach em Ansbach, 1975 — gravações cedidas pela Rádio da Baviera; Variações Goldberg, BWV 988, de J.S. Bach, por Daniele Chorzempa (piano); **01.00**: Fecho.

3.º Programa

16.00: Emissão nacional — ela por elas — casos ao acaso, de Orlando Dias Agudo (repetição); **16.30**: Vamos ao médico, com o Dr. José Matildes (repetição); **18.00**: Emissão regional — contacto — Teatro trágico, dos Parodiantes de Lisboa; **20.15**: Folhetim: Esteiros (repetição); **21.00**: Música, só música; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.00**: A música e as vozes.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **00.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

Emissão contínua — Onda média (Lisboa). 233.2 m. — 1286 Khz, modulação de frequência (Lisboa). 93.2 Mhz.

cinemas • cinemas • cinemas

CASTIL
T. 530194 — 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A MALÍCIA DE VÉNUS
c/Laura Antonelli

IMPÉRIO
T.555134 — 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A REVOLTA DUM CIDADÃO
com Franco Nero e Barbara Bach
Metro Alameda

POLITEAMA
T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
Sempre que «ELE»... se levanta perco a cabeça
EU E ELE
C/Lando Buzzanca

VOX
T.720808 — 21.15
Não aoncs. a menores de 13 anos
O CANTO DO RUBI VERMELHO
Tudo é bem humorado... até o sexo!

ROMA
T.727778 — 15.30, 18.30, 21.15
Int men. 18 anos
3.ª Semana
CLUBE PRIVADO
c/Philippe Gaste-Eva Stroll

OXFORD
T. 2865027 — 16.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A HISTÓRIA DE FERNÃO CAPELO GAIVOTA

PALÁCIO FOZ
15.00, 18.00, 21.00
Não acons. a menores de 18 anos
CERIMÓNIA SOLENE
c/ Kenzo Kawarazaki e Atsuko Kako

TOM
— Meditação sobre um tema de Debussy, de Zoltan Kodály; **18.25**: Música sinfónica: Sinfonia n.º7 em dó sustenido menor, op. 131, de Sergei Prokofieff; **19.00**: Solos de viola dedilhada: Estudos n.º 08 5, 6, 8, e 11, de Hector Villa-Lobos; **19.15**: Danças sinfónicas, op. 64, de Edvard Grieg; **19.45**: Quatro Canzoni, de Werner Egk; **20.00**: Solos de piano: Quatro Prelúdios, de Erik Satie; **20.20**: Orquestras de câmara Concerto em fá maior, de Georg Philipp Telemann; Concerto nº 10 em ré menor, op. 7, de Gerog Friedrich Handel; **21.00**: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00**: Músicasinfónica: «NightMusic» p/duas trompas e orquestra, de Thea Musgrave; Sinfonia nº 12 em ré menor, op. 112, «1917» (à memória de Lenine), de Dmitri Schostakowitsch; **23.00**: Concerto nº1 em mi bemol maior, para piano e orquestra de Ferenc Liszt, por Sviatoslav Richter e a Orquestra Sinfónica de Londres, dir. por Kyrill Kondraschin; **23.20**: Música de câmara: Quinteto em sol menor po. 39, de Prokofieff; **23.40**: Música sinfónia: obras de Ravel; **00.10**: Intercâmbio musical: Semana Bach em Ansbach, 1975 — gravações cedidas pela Rádio da Baviera; Variações Goldberg, BWV 988, de J.S. Bach, por Daniele Chorzempa (piano); **01.00**: Fecho.

3.º Programa

16.00: Emissão nacional — ela por elas — casos ao acaso, de Orlando Dias Agudo (repetição); **16.30**: Vamos ao médico, com o Dr. José Matildes (repetição); **18.00**: Emissão regional — contacto — Teatro trágico, dos Parodiantes de Lisboa; **20.15**: Folhetim: Esteiros (repetição); **21.00**: Música, só música; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.00**: A música e as vozes.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **00.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

Emissão contínua — Onda média (Lisboa). 233.2 m. — 1286 Khz, modulação de frequência (Lisboa). 93.2 Mhz.

CALEIDOSCÓPIO
T.795093 — 15.00 e 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
dois filmes, duas concepções do futuro!
«SOLARIS» de Andre Tarkovski
Sessão às 18.00
«2001 Odisseia no espaço» de Stanley Kubrick
2.ª semana

EDEN
T.320768 — 14.00, 16.30 19.00 21.15
Interdito a menores de 18 anos
ADEUS, BRUCE LEE
2.ª semana
C/Lee Row Lung e Ronald Brown
O filme que Bruce Lee não Terminou!

ODEON
T.326283 — 15.15-18.15 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
6.ª Semana de gargalhada
AS NOITES LOUCAS DO HOTEL LUA MEL
um exito sempre total
Segredos sexuais revelados por um buraco escondido

APOLO 70
T.763319 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A ÚLTIMA TESTEMUNHA
c/ Warren Beatty
ÀS 24.00 Grupo D (18 anos)
A VISITA INESPERADA
de Casco Benedek

CASINO ESTORIL
T.264621 — 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
SEMENTE DE TAMARINDO
c/Julie Andrews e Omar Sharif

S. JORGE
354153/4 — 15.15, 18.15, e 21.15
Para todos
5.ª Semana
O REGRESSO DA PANTERA COR-DE-ROSA»
Com Peter Sellers

RESTELO
T.610375 — 21.00
Não acons. a menores de 18 anos
COM ENCONTRO MARCADO
c/Alaind Delon-Carla Gravina

AVIS
T. 47163 — 15.30, 18.30, 21.15
Int. men. 18 anos
2.ª semana
ADEUS. BRUCE LEE
Com Bruce Lee

ESTÚDIO
T. 555134/5 — 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O RELOJOEIRO
Com Philippe Noiret

ESTÚDIO 444
14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
MALÍCIA DE VÉNUS
Com Laura Antonelli

CARLOS MANUEL SINTRA
T.2930394 — Às 21 horas
Não acons. a menores de 13 anos
O SARGENTO PONTIGLIONI
c/Franco Franchi

MUNDIAL
T.538743 — 15.15, 18.30, 21.15
Não acons. a menores 18 anos
UMA TESE ESCANDALOSA
Com Pilar Velasquez

UNIVERSAL
T.774402 — clo Oshima
Todos os dias às
15.00, 19.00, 21.00
O MENINO
Às 17.00, 23.00
A CERIMÓNIA SOLENE
Não acons. a menores de 18 anos

CONDES
T. 322523 14, 16.30, 18.45 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONVÉM FAZER BEM O AMOR
c/ Luigi Provietti-Eleanora Giorgi

BERNA
T.776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos maiores de 6 anos
OS DOIS MISSIONÁRIOS
Um filme de Franco Rossi
Bud Spencer-Terence Hill
13.ª semana

LONDRES
T.801313 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A RIVAL
Com Bibi Andersen
24.00 horas
SENHORAS E CAVALHEIROS

ROXY
T.48560 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
(Int m. 18 a.)
O BORDEL DE NAZIS!
C/Helmut Berger e Ingrid Thulin
Colorido

TIVOLI
T.570596 — 14.45, 18.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O maior espectáculo jamais filmado
A TORRE DO INFERNO
5.ª Semana
Atenção: O filme começa à hora do espectaculo

ALVALADE
T.897480 — 15.30 21.00
Não acons. a menores 13 anos
OS JOVENS LEÕES
c/Marlon Brando-Montgomery Clift
Às 00.15
OBRIGADO AVÓ

PATHÉ
T.821933 — 14.45, 18.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
5.ª Semana
O maior espectáculo jamais filmado!
A TORRE DO INFERNO
Atenção: o filme começa à hora do espectáculo

NIMAS
T.574362 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
um filme de Rene Lalorex
O PLANETA SELVAGEM
6 Grandes prémios internacionais
5.ª semana
A partir de sábado 8 matinée infantil às 11h.
Novamente!

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.°, 2.°
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Isabel do Carmo amanhã na Boa Hora

. Está marcado para amanhã o julgamento de Isabel do Carmo, membro da direcção política do PRP e directora do jornal «Revolução», órgão central do Partido Revolucionário do Proletariado.

Isabel do Carmo, até agora, encontrava-se em regime de liberdade vigiada, com a obrigação de apresentar-se quinzenalmente às autoridades, após a suspensão da ordem de pagamento de uma caução no valor de 100 contos anteriormente determinada.

Contra Isabel do Carmo pesam acusações de «abuso de liberdade de Imprensa», motivadas por textos publicados no jornal «Revolução» nas suas edições de números 58 e 65. Num dos artigos o auto de acusação diz que existem «referências que constituem informação errada relativa a saneamento de todos os militares progressistas e que «a análise da situação militar, ali versada, é no conjunto susceptível de provocar alarme». De acordo com o Ministério Público, também foram encontradas frases alusivas à Guarda Nacional Republicana, consideradas «ofensivas da sua honra e consideração».

Os processos de Isabel do Carmo estão entregues ao 7.° Juizo Correccional e já tiveram a data de julgamento marcado para o dia 26 do último mês de Março. Entretanto a directora do «Revolução» não compareceu na Boa-Hora. Com a classificação de «urgentíssimo» — segundo a ANOP —, os processos serão julgados amanhã. Isabel do Carmo conta com uma extensa lista de testemunhas de defesa, na qual se incluem trabalhadores de várias tendências políticas, dirigentes de algumas organizações de esquerda e jornalistas como Artur Portela Filho, director do semanário «Opção», Rodolfo Iriarte, chefe de redacção de «A Capital», e Adelino Gomes, da Radiodifusão Portuguesa, entre outros. Além disso são bastante significativas as demonstrações de solidariedade, a nível interno e internacional, recebidas pelo PRP e particularmente por Isabel do Carmo.

Perderam-se as chaves e Vera Lagoa teve que mudar de sala

Por terem «desaparecido» as chaves da sala onde Vera Lagoa começou a ser julgada, à porta fechada, no Tribunal da Boa Hora, a jornalista transitou às 11 da manhã de hoje do 10.° Juizo Correccional para o 1.° Criminal. O processo que lhe foi instruído parece não justificar a mudança, mas Maria Armanda Falcão não se opôs a responder na Sala de Audiências daquele Juízo Criminal.

Como desapareceram as chaves do Juizo Correccional onde na passada sexta-feira Vera Lagoa foi ouvida, os funcionários e o corregedor Moreira Ramos, não tiveram outra alternativa que não fosse descer um piso, passando do 2.° para o 1.° andar, onde o 1.° Criminal se encontra instalado. O julgamento prossegue à porta fechada.

Enquanto Vera Lagoa, o seu defensor (dr. Proença de Carvalho, director de «Jornal Novo») e as testemunhas de defesa convocadas para a sessão (Raul Rego, José Vacondeus, David Mourão Ferreira e Manuel Monge) esperavam que lhes fosse indicada a sala onde o julgamento devia decorrer, a ex-directora do semanário ex-«Diabo» terá afirmado que «se não há sala para a audiência faz-se um julgamento popular à Zé Diogo».

A sentença poderá ser lida amanhã, ou, quando muito, na quarta-feira.

Visite na Livraria Bertrand, Rua Garrett, 73 uma exposição fotográfica e documental sobre a realidade latino-americana a propósito do lançamento da colecção Latinamérica

Novo escândalo financeiro?

. A confirmaram-se as revelações do «Diário» desta manhã relativamente a uma dívida do dr. Alberto Rodrigues Prata, membro do Conselho de Gestão do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, para com o próprio Banco onde exerce funções de gestor, poderíamos estar perante um novo escândalo financeiro.

Com efeito, segundo a referida fonte, o dr. Alberto Rodrigues Prata, nomeado para as funções que exerce actualmente no B.E.S.C.L. por indicação do Ministério das Finanças em Fevereiro último, não pagou uma dívida que tem para com aquele Banco, e que consistiria numa letra de 609 contos sacada pela firma Urbissado, S.A. R.L., vencida em Agosto do ano passado. A este montante devem adicionar-se mais 108 mil escudos, relativos aos juros de mora e às despesas de notário.

O Banco Espírito Santo teria ameaçado o dr. Rodrigues Prata de entregar o caso ao Contencioso, caso este não procure resolver o problema com o B.E.S.C.L.

O dr. Alberto Rodrigues Prata é um ex-director do Banco Nacional Ultramarino, e antes do 25 de Abril seria conhecido nos meios bancários como jogador da Bolsa de Valores.

Este caso põe uma vez mais o problema na necessidade de se levar a cabo um rigoroso inquérito a outros escândalos já vindos a público sem que, no entanto, os tribunais ou as autoridades competentes hajam feito o que quer que seja para apurar responsabilidades e pôr cobro a uma situação altamente lesiva dos interesses não só da Banca nacionalizada mas, sobretudo, da população trabalhadora deste País.

Ainda recentemente foi tornado público que o C.D.S. teria financiado as suas actividades com fundos provenientes de várias burlas praticadas contra a Banca, antes da nacionalização, o que, diga-se desde já, não diminui em nada a importância desses actos.

A Comissão de Delegados Sindicais do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa declarou com efeito, há semanas atrás, estar a insistir junto do Conselho de Gestão do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa para que este envie o mais brevemente possível a tribunal este e outros casos fraudulentos.

O produto de algumas burlas teriam ido parar à conta n.º 65 930 do Banco Pinto e Sotto Mayor, a conta do C.D.S. Um dos cheques fraudulentos canalizados para esta conta teria a assinatura do advogado Lowordes Marques, um dos criadores do C.D.S.

Eleições presidenciais

Continuação da pág. 1

América Latina, quando Álvaro Cunhal, «desmentindo formalmente todos os boatos que têm corrido acerca do apoio do P. C. P., directo ou indirecto a tal ou tal candidato militar», revelou que continuavam a ser examinadas todas as hipóteses, «incluindo a de uma candidatura civil». O secretário-geral do P. C. P. adiantaria ainda que qualquer decisão seria orientada por alguns objectivos fundamentais assim definidos:

«Contribuir para a consolidação, estabilidade e prosseguimento do processo democrático; impedir a renovação duma santa aliança anticomunista e contribuir para a aproximação e unidade da classe operária das massas populares e das forças democráticas, designadamente de comunistas e socialistas; contribuir para a continuacão da aliança do povo com as Forças Armadas e para a unidade das Forças Armadas, na base dos princípios libertadores e da liberdade do 25 de Abril e da aplicação e defesa da Constituição; criar condições que facilitem a concretização da vontade popular expressa nas ultimas eleições, ou seja, a criação duma maioria de esquerda na Assembleia da República e a criação dum Governo de esquerda com participação comunista.»

. Como candidaturas civil mantem-se ainda as de Maria Arlete Vieira da Silva (P. R. T. / L. C. I.) e a da Fernando Macedo de Sousa (P. C. de P-ml).

CANDIDATURA DE EANES

Ramalho Eanes, que provavelmente nos últimos dias desta semana tornará públicas as linhas gerais do seu programa eleitoral, continuará, entretanto, os contactos militares que vem efectuando. Esta tarde reunir-se-á em Lisboa, no Instituto de Altos Estudos Militares, com os Conselhos de Armas, sendo ainda possivel que se desloque nos próximos dias aos Açores e Madeira, para reuniões com os chefes das respectivas regiões militares e comandantes de unidades.

COSTA GOMES CONTÍNUA A SER PRESSIONADO

A questão de uma eventual candidatura do general Costa Gomes parece não estar ainda arrumada. Na verdade, ao mesmo tempo que em Belém continuam a ser recebidos telegramas de trabalhadores e entidades diversas e outras manifestações de apoio ao actual Presidente da República solicitando-lhe que este se candidate, por verem nele «o homem político e o espírito conciliador necessário a esta fase tão difícil da Revolução democrática portuguesa», um numeroso grupo de democratas e antifascistas que se propõe integrar uma comissão nacional de candidatura, avistar-se-á esta tarde novamente com o general Costa Gomes na tentativa de o convencer a apresentar a sua candidatura.

Relações Portugal-Angola

Continuação da pág. 1

nenhuma actividade contra-revolucionária, como o prova o facto de os técnicos americanos da Gulf Oil lá estarem em segurança». Foi ainda referido que o MOLICO, é um movimento que não existe, e os próprios residentes em Angola só tiveram conhecimento do seu nome quando se encontravam em Lisboa.

A presença de cubanos, que parece assustar tanta gente em Lisboa, é considerada, pelos membros da delegação da comunidade portuguesa, como perfeitamente normal. «Ao contrário do que se tem afirmado, os cubanos andam sempre desarmados e são de uma consciência política e de lhaneza de trato notáveis».

A terminar os membros da delegação afirmaram-nos que voltam a Angola cada vez mais convencidos da necessidade de estabelecerem boas relações entre os dois países, manifestando o desejo de que o próximo Presidente da República seja um homem capaz de fazer cumprir a Constituição e que pugne pelo estreitamento dos laços de amizade entre Portugal e os países recém-nascidos das ex-colónias.

Referiram ainda que os militares que se encontram exilados em Angola, como resultado do 25 de Novembro, se encontram disponíveis para regressar a Portugal, quando existirem condições para isso, estando hoje perfeitamente integrados na comunidade portuguesa de Angola, ajudando a reconstruir aquele país.

Mercado de Belém

Artesanato, chouriço e vinho

Neste fim-de-semana foi inaugurado o Mercado do Povo, em Belém, iniciativa dos trabalhadores,

A comissão de trabalhadores, aliás, aceitou a decisão do MCS de não subsidiar a iniciativa e está persuadida que poderá fazer face às despesas

Representações de Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve estão lá, com os tapetes, as filigranas de Gondomar, os estanhos de Santa Iria, as toalhas do Minho, móveis, azulejos e barros.

Barracas de comes-e-bebes, onde as febras, o chouriço assado ou à canoa, e o bacalhau na brasa, sem esquecer o vinho, ocupam lugar de destaque.

Da programação consta, ainda, espectáculos infantis, bandas de música, ranchos folclóricos e outras diversões.

Jorge de Brito em juízo

Continuação da pág. 1

ra vencer as dificuldades da tesouraria. Assim se teriam processado complexas operações bancárias com diversos bancos estrangeiros, envolvendo-se nelas dezenas de milhar de contos.

Alude-se, concretamente, a uma verba na ordem dos 70 mil contos e cuja movimentação, a esclarecer agora em plenário, é por ventura o ponto central da acusação: operações bancárias celebradas em mercados estrangeiros, sem a necessária autorização do Banco de Portugal, entre as quais a liquidação de um empréstimo ao banco sueco Svensaka Handelsbanken, no montante de setenta milhões de escudos.

Recorda-se que os empréstimos se efectuavam por intermédio da Sociedade Financeira Portuguesa que gozava, na altura, de autonomia quase total em relação ao Banco de Portugal.

O pleito deverá demorar algum tempo, caso não surja elemento de ordem jurídica que provoque um possível adiamento.

Seminário de Informação

. Jacques Sauvageot, director-administrativo do jornal «Le Monde» iniciará esta tarde no Hotel Tivoli o primeiro seminário sobre problemas da Informação em Portugal.

Organizado pela Secretaria de Estado da Informação do Ministério da Comunicação Social e com o patrocínio do Conselho da Europa, do Governo Francês e do Centro de Formação de Jornalistas de Paris, o seminário prolongar-se-á até ao próximo dia 27.

A cerimónia de abertura do curso realiza-se esta tarde, pelas 16 horas.

S.U.V. na Madeira?

FUNCHAL, 17 — Um comunicado distribuído no último fim-de-semana pelo C. T. I. M. — Comando Territorial Independente da Madeira — faz saber da existência de uma Organização Revolucionária das Forças Armadas, de orientação comunista, sucedânea dos S. U. V.

O comunicado do C. T. I. M. acrescenta que os membros da referida Organização agem no exterior da unidade a que pertencem, com a intenção de destruir a coesão e disciplina do Exército e portanto empenhados numa tarefa antinacional e antipatriótica.

Acrescente-se que o comunicado do C. T. I. M. surge depois de ter sido distribuído, no Funchal e em Machico, um outro comunicado, subscrito pelos Comités de Soldados Vermelhos (a tal organização revolucionária), através do qual se comentam incidentes graves no «GAG-2» — Grupo de Artilharia em S. Martinho.

O que se passou no «GAG-2», diz por seu turno o C. T. I. M., foi que duas praças tentaram insubordinar outros camaradas, por altura da refeição, alegando falta de comida. (A ementa constava de sopa juliana, carne estufada com arroz e feijão verde, pão, vinho e fruta). Contudo — afirma o C. T. I. M. — não havia falta de comida, e as duas praças foram ouvidas disciplinarmente e punidas nos termos do regulamento.

É no entanto diferente a versão dos acontecimentos pela óptica dos Comités de Soldados Vermelhos (nova edição dos S. U. V., segundo o C. T. I. M.) e daí o comunicado do Comando Territorial da Madeira.

P.C.P. REAGE

Entretanto a Comissão Concelhia no Funchal do Partido Comunista Português reagiu prontamente ao comunicado do C. T. I. M., repudiando nomeadamente a associação que se faz de *comunista* com a orientação dos Comités de Soldados Vermelhos.

O Partido Comunista afirma a certo passo que o P. C. P. «nada tem a ver com tal Organização» e que a relacionação de comunistas com «certos grupos de aventureiros» demonstra «falta de conhecimento da realidade política portuguesa».